

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - MESTRADO**



Dissertação

O limiar entre o corpo humano e o corpo robótico: transumanismo e pós-humanismo nas obras *Deuses de Pedra*, de Jeanette Winterson e *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?*, de Philip K. Dick

Luana de Carvalho Krüger

Pelotas, 2019

Luana de Carvalho Krüger

O limiar entre o corpo humano e o corpo robótico: transumanismo e pós-humanismo nas obras *Deuses de Pedra*, de Jeanette Winterson e *Andróides Sonham com Ovelhas Elétricas?*, de Philip K. Dick

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Marks de Marques

Pelotas, 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

K89l Krüger, Luana de Carvalho

O limiar entre o corpo humano e o corpo robótico :
transumanismo e pós-humanismo nas obras Deuses de Pedra,
de Jeanette Winterson e Androides Sonham com Ovelhas
Elétricas?, de Philip K. Dick / Luana de Carvalho Krüger ;
Eduardo Marks de Marques, orientador. — Pelotas, 2019.

149 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade
Federal de Pelotas, 2019.

1. Transumanismo. 2. Pós-humanismo. 3. Corpo humano.
4. Corpo robótico. I. Marques, Eduardo Marks de, orient. II.
Título.

CDD : 469.5

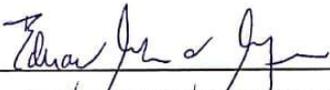
LUANA DE CARVALHO KRÜGER

O limiar entre o corpo humano e o corpo robótico: Transumanismo e pós-humanismo nas obras Deuses de Pedra de Jeanette Winterson e Androides Sonham com ovelhas Elétricas? de Philip K. Dick

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de Concentração Literatura Comparada, do programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, 26 de fevereiro de 2019

Banca examinadora:



Prof. Dr. EDUARDO MARKS DE MARQUES

Orientador/Presidente da banca

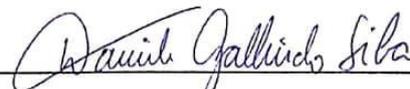
Universidade Federal de Pelotas



Profa. Dra. ELIANE TEREZINHA-DO-AMARAL CAMPELLO

Membro da Banca

Universidade Federal do Rio Grande



Profa. Dra. DANIELE GALLINDO GONÇALVES SILVA

Membro da Banca

Universidade Federal De Pelotas

Agradecimentos

Antes mesmo de terminar a graduação, eu tinha certeza de que gostaria de realizar o mestrado. Esta decisão foi fácil pelo amor pela pesquisa e difícil por tudo que abri mão para chegar até aqui. Ao contrário do que eu imaginei, o mestrado foi uma experiência nada dolorosa, escrevi todas páginas com prazer, adorei passar dois anos envolvida com um tema que me é tão caro. Lembro até hoje do meu orientador, Prof. Dr. Eduardo Marks de Marques, na época ainda meu professor da graduação, dizer que o mestrado era um processo de escrita solitário e o que era importante ter certeza de que eu conseguiria pesquisar sobre um mesmo assunto durante dois anos. Ele estava certo, foram os dois anos mais solitários da minha vida, mas também foi um período de muitas descobertas pessoais e acadêmicas.

Seria impossível não agradecer ao Professor Eduardo. Desde a graduação, eu admiro o trabalho dele. Sempre disse para minha família e amigos que o profissionalismo dele me deixava segura para seguir escrevendo. Um orientador presente em todos os momentos e que sempre fez com que eu me sentisse segura. Se todos alunos de mestrado tivessem oportunidade de trabalhar com um professor como o Eduardo, tenho certeza que não se arrependeriam. Se um dia eu conseguir ser um pouquinho como ele, eu já estou satisfeita.

Agradeço também aos meus pais, Lauri e Graça, por todos os momentos que abriram mão de ficar comigo ou que me viam dormir no sofá ao invés de ficar com eles. Eles foram as pessoas que me deram suporte para chegar aqui e que lutaram para que eu tivesse o que eles não puderam ter. Aproveito para me desculpar pela ausência nesses anos. Minha avó Laura também foi muito importante neste processo, especialmente pelos mates servidos, enquanto eu lia na sala e revisava meus textos. Eu quero ser para alguém o que vocês são para mim e isso não será uma tarefa fácil.

Não posso deixar de agradecer ao Fernando, que ouviu todas as minhas análises antes mesmo delas irem para o papel, que me levava para o Laranjal para eu estudar com outra paisagem e que, junto com os meus pais, foi o meu suporte emocional. Espero que o meu futuro seja repleto de “Laranjais” contigo.

Cabe um espaço especial aos meus amigos de quatro patas: Queijo Uruguaio, minha cusca e companheira em todos momentos, que pedia colo quando eu estava escrevendo e que me fez entender que é preciso descansar também. Ao Catsby, o gato literário, que deixou as minhas noites de inverno mais quentinhas e “ronronadas”.

Aos meus irmãos de coração Felipe e Ewerton que, desde a graduação, fazem bolo de fubá e me alimentam, além de garantirem todo o amor necessário. Vocês sempre foram a minha companhia nas horas boas e ruins. Seja longe ou perto, eu amo vocês. Minha admiração por vocês é imensa.

Aos que me incentivaram, Letícia, Maiara, Cleiton, Camila, Jéssica, entre outros. Pessoas que ouviram sobre a vida, sobre a pesquisa e que eu sei que torcem por mim tanto quanto eu torço por eles. Ainda que nossa convivência não seja diária, eu me orgulho de vocês.

Ao Cidi, por fazer a minha infância e adolescência menos dura. Eu espero que ele esteja em um lugar bem melhor.

Por fim, agradeço à CAPES/FAPERGS. Uma bolsa de estudos neste momento importante da minha vida acadêmica foi fundamental para que o meu trabalho fosse desenvolvido.

Resumo

KRÜGER, Luana de Carvalho. **O limiar entre o corpo humano e o corpo robótico: transumanismo e pós-humanismo nas obras *Deuses de Pedra*, de Jeanette Winterson e *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?*, de Philip K. Dick.** 2019, 149f. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

Na contemporaneidade, corpo e tecnologia estão cada vez mais conectados ao discurso da saúde perfeita e da aparência ideal. Indústrias de cosméticos, cirurgias plásticas e estudos sobre genética e desempenho físico procuram melhorar as capacidades dos corpos, alterando suas características naturais e colocando o domínio do corpo aos humanos e aos recursos tecnológicos e estudos desenvolvidos. Essas discussões são parte das teorias transumanista e pós-humanista, que procuram encontrar meios de melhorar os humanos, seja pelo viés corpóreo ou mental, e deixá-los com maior autonomia e controle de si, a partir do uso de recursos tecnológicos. Nessa mesma perspectiva, corpos robóticos estão aproximando-se das características físicas dos corpos humanos e os aspectos funcionais da máquina passam a ser atrelados à aceitação de um corpo semelhante e, ao passo que um corpo não-humano é humanizado, o corpo humano é maquinizado, como os andróides e os ciborgues, respectivamente. A presente dissertação visa discutir acerca dos limites entre o corpo humano e o corpo robótico, procurando compreender qual seria o limiar entre humano e não-humano a partir da análise comparativa das obras *Deuses de Pedra* (2007), de Jeanette Winterson e *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* (1968), de Philip K. Dick. Para tanto, propõe-se uma discussão teórica sobre os conceitos de transumanismo e pós-humanismo frente aos avanços tecnológicos, passando pelo conceito de biopolítica, bioética e vida artificial para a compreensão de como o robótico e o humano podem aproximar-se, procurando um conceito que admita a constante alteração nos corpos. Em seguida, é apresentada uma análise de alguns aspectos das obras que são relevantes para esta pesquisa, como a relação do corpo e da tecnologia, a influência tecnológica nas personagens (trans)humanas, os traços de pós-humanidade nas personagens não-humanas, as relações afetivas que são estabelecidas entre personagens humanas e não-humanas e o controle das personagens humanas e não-humanas a partir das alterações e padronizações dos corpos.

Palavras-chave: transumanismo; pós-humanismo; corpo humano; corpo robótico.

Abstract

KRÜGER, Luana de Carvalho. **The threshold between the human body and the robotic body: transhumanism and post-humanism in *Stone Gods*, by Jeanette Winterson e *Do Androids Dream of Electric Sheep?*, by Philip K. Dick.** 2019, 149f. Dissertation (Master Degree in Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

In the contemporaneity, body and technology are connected to the discourse of perfect health and ideal appearance. Cosmetic industries, plastic surgeries and studies on genetics and physical performance seek to improve the capabilities of bodies by changing their natural characteristics and placing the mastery of the body to the human being, and the technological resources and studies developed. These discussions are part of the transhumanist and post-humanist theories which seek to find ways to improve humans, either by corporeal or mental bias and leave them with greater autonomy and control of their bodies from the use of technological resources as an improvement of the bodies. In the same perspective, robotic bodies are approaching the physical characteristics of human bodies, and the functional aspects of the machine begin to be linked to the acceptance of a similar body, and whereas a nonhuman body is humanized, the human body is machinized, as the androids and the cyborgs, respectively. The present project aims to focus on the boundaries between the human body and the robotic body, trying to understand the threshold between humans and nonhumans from the comparative analysis of *Stone Gods* (2007), by Jeanette Winterson and *Do Androids Dream of Electric Sheep?* (1968), by Philip K. Dick. For that, a theoretical discussion about the concepts of transhumanism and post-humanism from the technological advances is presented, going through the concept of biopolitics, bioethics and artificial life for the understanding of how much the human being and robots can be closer, and of a concept that admits the constant change in bodies. Next, it is analyzed some aspects of the chosen literary texts, such as the discussion of the body, the influence of technology on the (trans)human characters, the traces of post humanity in non-human characters, the affective relationships that are established between human and non-human characters and the control of the human and non-human characters from the changes and standardization of their bodies.

Key-words: transhumanism; post-humanism; human body; robotic body.

Uma versão prévia e resumida das seções 2.1, 3.1 e 3.2 desta dissertação foi publicada em forma de artigo científico na revista *Anuário de Literatura* em 2018.

MARQUES DE MARKS, Eduardo; KRÜGER, Luana de Carvalho. Transumanos e pós-humanos em “Deuses de pedra”: a valorização do corpo padronizado na distopia de Jeanette Winterson. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, vol.23, p. 154 – 173, 2018.

Sumário

1. Introdução	10
2. O limiar entre corpos humanos e não-humanos: perspectivas tecnológicas e filosóficas.....	15
2.1 O corpo na sociedade contemporânea: tecnologia, transumanismo e pós-humanismo.....	16
2.2 Ciborgues e corpos robóticos: discussões a partir das obras <i>A Fábrica de Robôs</i> de Tchépek e <i>O Homem Bicentenário</i> de Asimov.....	29
2.3 O conceito de Biopolítica de Foucault: relações de poder e corpo.....	54
2.4 Bioética e a definição de Pessoa Humana: os limites entre o humano e o não-humano e os avanços dessas definições a partir da tecnologia	60
2.5 Vida artificial: a ampliação do conceito de vida	65
3 <i>Deuses de Pedra e Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?:</i> corpo, transumanismo, pós-humanismo	72
3.1 Corpos humanos ou transumanos: as influências da tecnologia nas personagens humanas das obras	73
3.2 Corpos robóticos: traços de pós-humanidade nos androides	86
4 Relações afetivas entre corpos robóticos e corpos humanos em <i>Deuses de Pedra e Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?</i>	104
4.1 Os limites da vida artificial e vida biológica	110
4.2 O controle dos corpos: a tecnologia em humanos e robôs	122
5. Considerações Finais	140
Referências.....	146

1. Introdução

O estudo do corpo e da corporeidade está presente em diferentes áreas da ciência e é discutido também no âmbito religioso, tendo em vista a materialidade dos corpos. Temáticas sobre bem-estar e cuidado são cada vez mais discutidas cientificamente e apresentadas na mídia como uma forma de melhoria da vida humana, de modo que ao aprimorar certas capacidades físicas, há uma garantia de felicidade. O aperfeiçoamento dos corpos é um dos aspectos discutidos nas teorias transumanista e pós-humanista que visam modificá-los para que os humanos sejam mais independentes e tenham mais domínio de si, no entanto, juntamente com esta ideia de maior autonomia também é apresentado e vendido padrões de beleza e recursos estéticos que procuram rotular os indivíduos adeptos (ou não) de determinado ideal.

Inicia-se uma discussão sobre como o transumanismo e pós-humanismo podem, de fato, garantir mais autonomia aos humanos, tendo em vista que uma das fontes de investimento são grandes empresas que procuram, através da mídia, vender padrões como garantia de maior adaptação, ao invés de garantir qualidade de vida dos humanos. Procura-se compreender de que forma a filosofia transumanista e pós-humanista poderia permitir que tais mudanças estivessem a serviço de um aprimoramento do humano, ao invés de um controle dos corpos.

Tais adaptações e alterações nos corpos são apresentadas em obras de ficção científica e distopias, anunciando os riscos de um melhoramento sem o controle adequado das intenções e consequências da implantação de recursos estéticos. Outro ponto também discutido é a humanização de robôs, isto é, a presença e convívio social de corpos robóticos muito semelhantes aos corpos humanos que, além de essenciais para a vida humana, apresentam traços de inteligência e manifestação de emoções que podem ser relacionadas à espécie humana.

A aproximação entre corpos robóticos e corpos humanos ganha evidência no momento em que estudos sobre vida artificial começam a entender máquinas como também possíveis de vida, conceito restrito ao biológico. Para tanto, a base da criação de máquinas é direcionada para o modo como seres biológicos desenvolvem-se, com

todas suas peculiaridades e imprevistos e a própria submissão da máquina ao seu criador humano é questionada, justamente por estar baseada em um processo evolutivo que não poderia ser previsto e/ou controlado previamente.

As obras *Deuses de Pedra* (2007), de Jeanette Winterson e *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* (1968), de Philip K. Dick são duas distopias que discutem os corpos padronizados e discutem diferentes perspectivas de adaptação dos humanos que, no contexto de cada narrativa, precisam estar de acordo com os padrões sociais e acabam mascarando a realidade e os problemas sociais que existem nas obras. A presença de robôs humanoides é um ponto determinante dessas duas narrativas, pois ao relacionar humanos com robôs, observa-se que a criação de robôs semelhantes aos humanos tem uma intenção de produção que está para além de criar máquinas funcionais, pois elas são mais inteligentes e adaptadas ao meio que estão inseridas do que os próprios humanos.

As narrativas possibilitam uma discussão sobre robôs com gênero predefinido, com corpos de acordo com o padrão de beleza midiático e inatingível por humanos, autônomos de sua central e que manifestam emoções que parecem competir com a vida humana, bem como sua implicação social. Além disso, questiona a submissão da máquina ao humano, ao mesmo tempo que não a apresenta como o inimigo da humanidade, mostrando que a verdadeira intenção dos robôs humanoides é conviver igualmente com os humanos, sem nenhum tipo de submissão de ambos lados e com a garantia de direitos e reconhecimento da importância das máquinas em um espaço em que a própria máquina possui maior autonomia e controle do seu corpo em relação aos humanos.

O objetivo dessa dissertação é a partir de um aporte teórico sobre transumanismo, pós-humanismo, biopolítica, bioética e vida artificial discutir como os corpos humanos estão cada vez mais próximos dos corpos robóticos, não como uma única via de mecanização do humano, mas também colocando o robô mais humanizado. O centro desta discussão são os corpos e suas manifestações que são apresentadas nas obras literárias propostas e que refletem aspectos do presente. As duas narrativas, apesar de distantes em suas publicações, acabam trazendo aspectos relevantes e semelhantes para a discussão das relações entre humanos e robôs, de modo que a escolha é interessante para observar como os mesmos alertas de caos e

excesso de controle dos corpos são repetidos em obras distópicas e em momentos distintos.

Para realizar essas discussões, será apresentado o aporte teórico utilizado para tais discussões que seguirão no item 2. Foi fundamental no subcapítulo 2.1 abordar temas como o transumanismo e o pós-humanismo, procurando compreender quais são as semelhanças e diferenças que englobam essas duas teorias e como o corpo está presente nessas discussões. Para tanto, foi necessário refletir sobre o que o corpo representa na contemporaneidade e, em seguida, o quanto o uso de diferentes tecnologias no corpo pode ser associado às mudanças que já são mencionadas em diferentes obras literárias, pois os corpos alterados são, de certa forma, uma manutenção da vida humana. Utilizou-se pesquisadores que discutem a relação do corpo com a contemporaneidade, juntamente com o transumanismo e pós-humanismo, como Negrim (2008), Lima (2013), Trinca (2008), Haraway (2009), Rudiger (2008), More (2013), entre outros.

No item 2.2 é apresentada uma discussão acerca dos ciborgues, corpos que já receberam interferências tecnológicas e tornam-se mais que humanos, e os corpos robóticos que passaram de máquinas funcionais, para máquinas que se assemelham aos humanos e seu comportamento. A discussão parte de duas obras literárias que são relevantes não só na literatura, mas também para todo o campo científico da área de robótica, são elas: *A Fábrica de Robôs* (1920), de Tchépek, em que o termo robô foi primeiramente utilizado e que abriu espaço para refletir sobre o que é essa máquina e qual o objetivo de sua criação, principalmente uma máquina que além de substituir as atividades desempenhadas por humanos, também é fisicamente semelhante aos humanos. A obra de Tchépek é apresentada na dissertação para discutir como os robôs das narrativas propostas podem ser analisados e como, ainda que bastante semelhante ao humanos e mais inteligentes, eles sejam inferiorizados em comparação a espécie humana. A outra obra é *O Homem Bicentenário* (1976), de Asimov, que além de um escritor de ficção científica, foi um pesquisador da área da robótica, sendo as Três Leis da Robótica um dos seus marcos, que até hoje estão presentes no campo literário e científico. Nesta obra é possível analisar o processo de humanização de um robô em que o artificial ganha a característica de humano através da alteração do seu corpo e sua aceitação como humano só é admitida no momento em que a máquina se torna mortal. Essas duas obras, por toda representatividade no

campo da ficção científica, assim como a obra *Eu, robô* (1950), de Asimov, também serão a base teórica da presente dissertação, pois trazem aspectos científicos relevantes para a compreensão do corpo robótico e dos limites e interferências humanas que um robô pode receber, bem como do humano em relação às interferências tecnológicas.

No item 2.3 foi realizada uma reflexão a partir dos textos de Michel Foucault sobre a relação de poder e corpo, iniciando pelo conceito de Biopolítica discutido pelo filósofo. Neste capítulo foi utilizado outros pesquisadores que discutem o conceito de biopolítica, corpo e poder a partir de das reflexões de Foucault, de modo a complementar a discussão acerca do corpo e de como ele é relevante às discussões do humano e interferências tecnológicas, como uma forma de melhoramento da espécie, tendo em vista que o cuidado com o corpo é uma forma de controle social.

No subcapítulo 2.4 é discutido alguns aspectos filosóficos do conceito de bioética, principalmente a partir de Fuentes (2006), Chaves (2010) e Fernandes (2009). Considerou-se importante trazer este conceito para compreender como os humanos podem ser definidos a partir da bioética e como o conceito de pessoa-humana pode ser excludente, inclusive para corpos biologicamente humanos. A discussão acerca da bioética direcionou esta pesquisa para um conceito mais amplo de vida, abordado no item 2.5 em que se iniciou a discussão sobre vida artificial, que garante mais abrangência para a compreensão de humano e também para pensar sobre algumas proximidades entre humano e máquina. Ainda que esta seja uma nova ciência, já é possível encontrar alguns teóricos como Bedau (2007), Oliveira (2006) e Hayles (1999) que discutem tal conceito aplicado aos estudos de corpo humano e corpo robótico. A discussão de vida artificial será retomada com mais detalhes na análise das obras propostas na dissertação.

A partir do terceiro capítulo começa a análise de *Deuses de Pedra* (2007), de Jeanette Winterson e *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* (1968), de Philip K. Dick, primeiramente focando nas definições de transumanos e pós-humanos aplicadas nas personagens das obras. O item 3.1 trata sobre as influências tecnológicas nos corpos humanos das personagens das duas obras e as mudanças desses corpos para transumanos. Já no item 3.2 é proposta uma análise acerca das personagens não-humanas, procurando compreender como os seus corpos podem

apresentar os traços de pós-humanidade discutidos pela teoria pós-humanista. Neste momento é retomada a teoria acerca da vida artificial, de modo que ao rever o conceito de vida, os robôs podem aproximar-se do conceito de humano.

No último capítulo analítico da dissertação são discutidas as relações afetivas entre personagens humanas e não-humanas, procurando observar de que modo se pode compreender essas relações entre espécies diferentes em sua concepção, no entanto, semelhantes nos outros aspectos. Para tanto, no item 4.1 é proposta uma análise acerca dos limites da vida biológica e da vida artificial a partir da maneira como tais obras apresentam as relações entre humanos e não-humanos, principalmente em relação a sexualidade e aos desejos sexuais. O item 4.2 aproxima mais uma vez os corpos robóticos dos corpos humanos para compreender como os corpos são controlados através dos recursos tecnológicos disponíveis nas narrativas, tanto para as personagens humanas, como também na produção de robôs que além de semelhantes aos humanos também possuem e seguem um padrão de beleza instaurado socialmente pelas empresas que controlam tais corpos.

2. O limiar entre corpos humanos e não-humanos: perspectivas tecnológicas e filosóficas

*“we’re so advanced
our species have learned to grow people
we have built a binary eye to help the blind see
we drive cars, we have thumbs
we have reached the moon, little fish
do you even know what that is?”
(Humans, Meghann Plunkett)*

Discussões acerca do corpo estão cada vez mais presentes na sociedade, principalmente em relação às tecnologias disponíveis para alterações nos corpos, sejam eles humanos ou robóticos. Juntamente com os avanços tecnológicos estão os debates filosóficos sobre o corpo que perpassam por aspectos acerca do controle, e de possíveis definições para o conceito de vida e humano. Neste capítulo, propõe-se uma reflexão sobre alguns conceitos que percorrem o campo tecnológico e filosófico e que apresentam pontos de contato relevantes tanto para os avanços e melhoramentos dos corpos humanos, como também para o aprimoramento da semelhança de corpos robóticos e corpos humanos. Optou-se por fazer um recorte que tem como discussão inicial os conceitos de transumanismo e pós-humanismo e a implicação desta base teórica para pensar nos pontos tangenciais entre humano e não-humano. Na sequência, são discutidos os corpos híbridos, ciborgues e humanoides, que apontam para os motivos da interferência tecnológica para o melhoramento de corpos humanos biologicamente imperfeitos. Em seguida, há uma discussão mais filosófica, que permite compreender a importância do corpo na sociedade, a partir do conceito de biopolítica de Michel Foucault (2004). Avança-se aos estudos de bioética para observar como são apresentadas as definições de humano e se elas ainda são relevantes depois de tantos avanços tecnológicos. O objetivo, neste momento, é identificar se a ideia de pessoa-humana, discutida na bioética, é suficiente para dar conta de corpos humanos que apresentam tantas diferenças e interferências, ao passo que corpos robóticos também ganham espaço na sociedade. Por fim, é discutido o conceito de vida artificial como uma proposta que englobe uma maior variedade de corpos a partir da reconceitualização de vida que, com a bioética, estava restrita a biologia.

2.1 O corpo na sociedade contemporânea: tecnologia, transumanismo e pós-humanismo

Perguntas que procuram uma essência humana são frequentes no campo das ciências e tecnologias, em que o corpo é utilizado como produto e processo de mudança e melhoramento. Uma possível justificativa para existência destes questionamentos é a ausência de uma resposta irrefutável e aceita por toda humanidade. São assuntos filosóficos, religiosos, sociológicos que caminham não só dentro destas áreas de conhecimento, como também permeiam a arte, a literatura e o senso comum. Tais perguntas são complexas e quase irrespondíveis pois, de acordo com Orlan (2002), no artigo “The Virtual and/or the Real”, “[a]inda estamos ‘formatados’ pelo cristianismo, que sempre nos pede para escolher entre o bem **ou** o mal; o ‘**ou**’ permite uma designação do culpado e uma demonização de um ou de outro...” (ORLAN, 2002, p.168, grifos do autor, minha tradução).¹ É, possivelmente, essa procura por uma resposta única e irrefutável que faz com que não exista espaço para outras possibilidades e intercâmbios de informações. Como o autor sugere, parece interessante agora começar a observar o “e” e não somente o “ou” dessas condições (ORLAN, 2002, p.168). “Atualmente, o ‘**e**’ me parece ser a única escolha honrosa e produtiva! Hoje, o ‘**e**’ evita os maniqueísmos muito difundidos [...] que muitas vezes encontrei na escola de arte onde eu ensino e em muitos outros lugares.” (ORLAN, 2002, p.168, grifos do autor, minha tradução).²

Procurando caminhar pelo “e” e entender a relação do corpo com o conceito de humano que se optou por começar a discussão acerca do corpo a partir da perspectiva de que os corpos biológicos são imperfeitos, porém relevantes para a construção da ideia de humano, bem como para muitos avanços tecnológicos. Sem, necessariamente, colocar o corpo como algo superior a mente, acredita-se que os grandes números de interferências corpóreas devem ser observados para compreender como se estabelece a relação de corpos modificados com a tecnologia

¹ Do original: *We are still 'formatted' by Christianity, which always asks us to choose between good or evil; the 'or' permits a designation of the guilty one and a demonization of the one or the other . . .*

² Do original: *Currently the 'and' seems to me to be the only honourable and productive choice! Today the 'and' avoids the far too widespread Manicheanisms [...] which I've often come across in the art school where I teach and in many other places.*

e os avanços a partir de teorias como o transumanismo e o pós-humanismo. Assim, se há necessidade de intervenção tecnológica para melhorar o desempenho de uma função do corpo humano, isso significa que esses corpos não são completamente autônomos e suficientes.

Há intervenções mínimas nos corpos que, no entanto, são fundamentais para que os indivíduos consigam desempenhar funções cotidianas, por exemplo, o uso de óculos de grau, aparelhos auditivos, marca-passo, entre outros, sendo tais interferências corriqueiras e aceitáveis socialmente. Observa-se que estes recursos foram desenvolvidos a partir da tecnologia, na qual quando detectada uma falha, corrige-se com algo externo ao corpo, externo ao biológico.

O corpo é parte das discussões acerca do humano e não se pode deixar de considerar as intervenções que ele sofre, à medida que os avanços tecnológicos também crescem. O que inicialmente pode ser algo que procura facilitar e corrigir alguma deficiência do corpo, passa a carregar também padrões estéticos que estão para além de uma simples funcionalidade corpórea. Atualmente, mais do que qualquer outro período histórico, os corpos humanos podem ser alterados, modificados sejam por questões de saúde ou estéticas. Acerca destas constantes alterações, Negrim (2008), no artigo “Cosmetic Surgery and the Eclipse of Identity”, diz que:

[e]mbora a ciência tenha nos fornecido os meios para transformar nossos corpos, não pode nos dar nenhuma orientação sobre como esses meios devem ser empregados [...] É por isso que, para muitos, a remodelação cirúrgica de seus corpos se torna um processo sem fim, pois eles se envolvem em uma busca impossível de uma identidade que está para sempre além do alcance. (NEGRIM, 2008, p.92, minha tradução)³

Não há limites para as transformações. Ainda que muitos avanços tecnológicos para os corpos tenham surgido por uma necessidade biológica, há também necessidades que são criadas a partir do desejo de possuir algo. Os óculos, por exemplo, não apenas desempenham a função de permitir que um indivíduo enxergue adequadamente, mas também estão relacionados a um padrão estético que faz com que as pessoas tenham mais de um par de óculos para diferentes situações e/ou óculos com valores diferentes, pois são mais belos ou mais adaptados aos desejos e

³ Do original: *While science has provided us with the means by which to transform our bodies, it is unable to give us any guidance as to how these means should be employed [...] That is why, for many, the surgical refashioning of their bodies becomes a never-ending process as they engage in an impossible search for an identity that is forever beyond reach.*

a moda atual. O corpo, e suas imperfeições, sofre intervenções de diferentes formas e acaba sendo atingido diretamente através de recursos que o adaptam e melhoram. Segundo Lima (2013), no trabalho intitulado “Do corpo sob o olhar de Bourdieu ao corpo contemporâneo”,

[o] século XXI assistiu a uma crescente valorização do corpo suscitando uma série de reflexões acerca de aspectos epistemológicos inter-relacionais como: corpo-mente, corpo-saúde, corpo-aprendizagem cognitiva, corpo-comunicação, corpo-sujeito, corpo-consumo-mercadológico e corpo contemporâneo. Esse fenômeno emergente é atribuído à grande força da mídia e ao surgimento de uma cultura de consumo como característica da sociedade contemporânea. (LIMA, 2013, p.02)

Há, por exemplo, o uso do corpo na publicidade, em que se é instigado a pensar em um padrão de beleza e/ou um ideal a ser atingido com o uso de específicos recursos estéticos e/ou cosméticos. A padronização (e venda) de um corpo ideal (ainda que variável em diferentes culturas) é colocada em evidência, utilizando, em muitos casos, o discurso da saúde atrelado ao da boa aparência e da boa forma como condição para um sucesso pessoal, profissional e, inclusive, afetivo. Diante da posição da mídia em relação aos corpos, reflete-se sobre o papel do corpo nestas relações e como ele é importante para essa discussão, pois ainda que seja usado pela mídia como um produto, o corpo desempenha um papel social que não está somente atrelado à aparência, mas à performance que ele desempenha.

O corpo não é, pois, um objeto. Sua imagem é o conceito e a vivência que se constrói sobre o esquema corporal, trazendo consigo o mundo das significações, e na imagem estão presentes os afetos, os valores, a história pessoal, marcada nos gestos, no olhar, no corpo em movimento, que repousa e que simboliza. (LIMA, 2013, p.03)

Compreende-se o corpo como parte central para a discussão do humano na contemporaneidade, pois é através da sua performance que tal socialização torna-se possível. A publicidade e a sociedade de consumo estimulam o jogo de ilusão e desejo que promove um sistema materialista/capitalista de consumo, de modo que usam dessas performances para instituir seus padrões de beleza e/ou modelos a serem seguidos. “Um novo estilo de existência toma forma, novas tecnologias pululam aos olhos do sujeito-corpo que, na maioria das vezes, não possui o discernimento adequado para contrapor ao que está sendo posto pela moda publicitária.” (LIMA, 2013, p.02). O corpo é visto para além de matéria e pensar, nesta perspectiva, supera o conceito cartesiano que “[...] tem a função de mostrar sua existência [humana] em dependência apenas de seu pensamento” (RAMOZZI-CHIAROTTINO e FREIRE,

2013, p.160). Associar a mente, como fonte única, à existência do humano perde sua força, o corpo também é parte dessa existência, pois ele é vetor das mudanças, transformações e modificações físicas do sujeito. A performatividade do sujeito acontece através de seu corpo, existir passa a ser algo tão corpóreo e material, quanto abstrato e intrínseco. Existir também é físico e corpóreo. O corpo é presente na publicidade porque é fonte de representatividade do sujeito e de manifestação identitária.

As discussões acerca da publicidade refletem o que pesquisadores das áreas de saúde e estética estudam em relação aos avanços e melhorias do corpo. Essas estratégias de venda são discutidas como uma forma de manipulação dos indivíduos que acabam comprando determinado produto como um meio de obter um resultado quase impossível e improvável de padronização física e estética. Aos que não se encaixam neste padrão ou que procuram subvertê-lo, cabe um arsenal de argumentos em que o objetivo principal é mostrar que tal discurso é, na maioria dos casos, um discurso do consumo que não leva o sujeito a ser melhor, mas a consumir um produto específico. Apesar de não ser um problema utilizar determinado produto, é importante ter consciência das estratégias de venda e do incentivo ao consumo desenfreado que as empresas e a publicidade promovem através do discurso da saúde perfeita e beleza ideal.

[N]ossa sociedade tanto cultua o corpo como não cessa de desprezá-lo, comercializá-lo e coisificá-lo. O corpo reina e padece diariamente. Propagam-se as “deficiências” e os limites corporais, desvalorizam-se as singularidades e potencialidades dos sujeitos e os tornam desnecessários, descartáveis, sem sentido, e, simultaneamente, o aclamam, fazendo do corpo o mais sublime objeto de adoração. (TRINCA, 2008, p.03, grifos da autora)

A publicidade está atenta aos discursos em voga e discussões que movimentam mudanças não só em aspectos políticos, mas que também fomentam debates acerca da saúde, bem-estar pessoal, entre outros, e começa a usar tal discurso para manter o consumo ativo. Um exemplo são as marcas de cosméticos que cada vez mais apropriam-se do discurso do empoderamento feminino, bem como da deslegitimação do discurso heteronormativo para venda de seus produtos. Nessas propagandas são apresentados produtos diferentes do padrão da marca que, além de trazerem cores e modelos distintos do entendido/vendido socialmente como “normal” e/ou “clássico”, também usam modelos de diferentes biotipos para utilizar tais produtos que até poucos anos não tinham espaço expressivo na publicidade. O

discurso é quase sempre o mesmo: “todos podem usar”, “sinta-se bem como você é”, no entanto, parece induzir o sujeito a procurar sempre se encaixar em um padrão em que sentir-se bem é usar tal produto, ou ainda, vendendo uma ideia de completude que só finaliza com a compra/uso do produto.

A reflexão em torno do corpo adquire maior relevância se contemplado os numerosos indícios disponíveis em toda parte de uma crescente preocupação e obsessão pelo corpo na contemporaneidade. Porém, não se trata de qualquer corpo, trata-se de um corpo manipulado, fabricado, reconstruído, que apresenta a “beleza e a saúde perfeita” como metas a serem alcançadas. (TRINCA, 2008, p.04, grifos da autora)

O corpo é constante discussão não só para o humano, mas também para a padronização do humano. A individualidade vendida é uma forma de aproximar e padronizar o “diferente”. Cabe pensar até que ponto a utilização de padrões deixariam e caracterizariam os indivíduos como “mais perfeitamente humanos”. A questão central é pensar qual seria o papel do corpo para a compreensão do ser humano e qual seria a relevância dos recursos midiáticos para a manutenção dos corpos.

Valorizar o corpo significou ampliar o seu conceito, compreendendo-o para além de um mero espaço físico ocupado por um conjunto de órgãos, pois passa a ser nele o lugar em que se dá, se realiza e se manifesta não só as suas aptidões e contingências físicas, mas também e sobretudo o conjunto complexo de reciprocidade e inter-relações entre as emoções, a sexualidade, sentimentos, os pensamentos e os desejos humanos, tornando assim a noção ou mesmo o conceito de “corpo” em algo eminentemente rico e complexo. (LIMA, 2013, p.03, grifos da autora)

A complexidade da ideia de corpo parece ir além de somente o que ele expressa fisicamente. Todos os desejos, sentimentos, emoções usam o corpo, esse espaço físico, como forma de manifestação. O corpo não é somente o que se vê, mas o que ele expressa. Essas demonstrações de emoções e desejos têm como vetor o corpo humano e toda sua complexidade parece sempre estar atrelada ao espaço que ele ocupa e a maneira como performatiza. Não se pode deixar de observar que a tecnologia desempenha um papel fundamental para a manutenção desses corpos considerados esteticamente imperfeitos, ou ainda, dos corpos que necessitam da intervenção tecnológica para obter um melhor desempenho, corpos que biologicamente precisam ser, em diferentes níveis, modificados para manter as relações sociais que cada um se submete ou que é imposta socialmente.

A ênfase na precariedade da carne, na imperfeição, na falta de resistência, no envelhecimento progressivo e na morte como ameaça constante alimentam o imaginário social referente ao descrédito para com o corpo real e amparam diversas pesquisas científicas e numerosas práticas cujo intuito é

remediar as deficiências do orgânico por meio de procedimentos técnicos e métodos de gestão e controle. (TRINCA, 2008, p.03)

O que parece estar evoluindo rapidamente é uma padronização com um fim estético que permite fazer um jogo com os corpos, em que esses desempenham um papel fundamental para tais transformações, pois ao mesmo tempo em que é um espaço de alterações rumo ao efêmero em suas mudanças, é também carregado de uma materialidade que caminha para a imortalidade.

A valorização do corpo em um momento histórico no qual se apresenta um brutal investimento da tecnociência em direção à superação do limite da materialidade humana, aspirando a concretização do chamado homem-máquina parece indicar mais um dos paradoxos presentes na atualidade. A engenharia genética com DNAs, clones, órgãos artificiais objetivando a redução dos seres vivos à máquinas biológicas pode converter-se em ameaça à própria corporeidade que se cultua. (TRINCA, 2008, p.02)

Questiona-se se esses avanços de fato representam uma ameaça, pois todas as alterações que visam uma mudança estética colocam os humanos em um espaço de melhoria e não de desumanização. Um corpo com intervenções de máquina não seria necessariamente desumanizado, ele poderia trazer novas perspectivas para uma definição de humano. A ideia de uma ameaça à corporeidade humana não parece algo possível, pois todas as modificações ainda manteriam e se preocupariam com os aspectos humanos. “A tecnologia molda todos os aspectos da vida humana e a identidade humana torna-se fluida, porque está sempre sendo moldada por forças tecnoculturais e, portanto, não pode ser cortada da sua influência.” (GARNER, 2011, p.89, minha tradução)⁴.

Volta-se ao que Trinca (2008) mencionou acima, a ideia do homem-máquina e clones levariam à manutenção dos corpos que está além dos limites morais e éticos da sociedade contemporânea que ainda considera aspectos religiosos para essas discussões, ou ainda, se assusta e/ou estranha o excesso dessas mudanças do corpo e reprodução de um mesmo indivíduo. Uma sociedade ainda baseada no “ou” de Orlan (2002) que, de certa forma, limita o corpo, bem como os indivíduos. No entanto, não há dúvidas de que a tecnologia está em vias de um serviço da manutenção eterna do humano. Os estudos prometem chegar à imortalidade, ou seja, no pós-humanismo que, ainda sendo uma utopia, já procura pensar neste processo como algo possível e avança os estudos começando pela dominação do próprio corpo, em que já se poderia

⁴ Do original: *Technology shapes every aspect of human life, and human identity becomes fluid, because it is forever being shaped by technocultural forces, and thus one cannot be cut off from their influence.*

pensar em um grande avanço do humano. Ao que tudo indica, o humano é cada vez mais o que é denominado de ciborgue, ou “um ‘homem ampliado’, um homem melhor adaptado” (KUNZRU, 2009, p.121, grifos do autor).

Os ciborgues vivem de um lado e do outro da fronteira que separa (ainda) a máquina do organismo. Do lado do organismo: seres humanos que se tornam, em variados graus, “artificiais”. Do lado da máquina: seres artificiais que não apenas simulam características dos humanos, mas que se apresentam melhorados relativamente a esses últimos. (TADEU, 2009, p.11, grifos do autor)

Esse processo de aproximação entre máquina e organismo está cada vez mais presente, fazendo com que o corpo seja alterado e mecanizado. Quanto mais se permite que a tecnologia interfira nos corpos, mais se é ciborgue, mais diminui-se as fronteiras entre artificial e biológico. Teóricos como Donna J. Haraway (2009) no “Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX” defende a ideia de que todos humanos são ciborgues, pois todos utilizam de recursos tecnológicos, “[o] ciborgue é uma matéria de ficção e também de experiência vivida [...]” (HARAWAY, 2009, p.36). Segundo a pesquisadora “[n]o final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues.” (HARAWAY, 2009, p.37).

A partir da ideia de melhoramento das nossas capacidades biológicas que surgem as teorias transumanista e pós-humanista, sempre pensando no aprimoramento do humano. Compreende-se o transumanismo como o momento em que “[a] humanidade seria então capaz de evoluir a si mesma através da tecnologia, e tal evolução estaria a cargo de seu desejo e não de uma ordem divina ou de processos naturais aleatórios” (MARKS DE MARQUES; PEREIRA, 2017, p.122), e chegando ao pós-humanismo em que haverá “[p]essoas com capacidade física, intelectual e psicológica sem precedentes, auto programadas, indivíduos auto constituintes, potencialmente imortais e ilimitados” (BRODERICK, 2013, p. 430, minha tradução)⁵. Tais conceitos estão diretamente conectados e, por vezes, acabam se intercambiando, pois:

[...] o transhumanismo compartilha de alguns valores pós-modernistas, como a necessidade de mudanças, a reavaliação do conhecimento, o reconhecimento de identidades múltiplas e a oposição a classificações

⁵ Do original: *Persons of unprecedented physical, intellectual, and psychological capacity, self-programming, self-constituting, potentially immortal, unlimited individuals.*

acentuadas do que os seres humanos e a humanidade deveriam ser. No entanto, o transumanismo não descarta a totalidade do passado por causa de algumas ideias equivocadas. O humanismo e o conhecimento científico provaram sua qualidade e valor. Deste modo, o transumanismo procura uma transmodernidade ou hipermodernismo em vez de argumentar explicitamente contra o modernismo. (MORE, 2013, p.02, minha tradução)⁶

Ao contrário do que se pensa, o transumanismo não descarta o passado da humanidade, ele reforça a ideia iluminista de que o homem é central às discussões da sociedade em que a razão e a ciência prevalecem em relação aos ideais divinos e Deus. Garner (2011), no artigo “The Hopeful Cyborg” diz que:

[a] visão transumanista é um produto final da crença de que a condição humana pode ser melhorada através da razão, da ciência e da tecnologia. Concentra-se predominantemente no indivíduo autônomo, afirmando o primado da razão como uma força para a transformação pessoal e, portanto, social. Através do uso da razão aplicada, o transumanismo afirma que valores como o pensamento racional, a liberdade, a tolerância e a preocupação com os outros são aumentados, o que, em última instância, leva à melhoria cada vez maior da condição humana. Deste modo, o transumanismo afirma oferecer a esperança de um mundo melhor. (GARNER, 2011, p.87, minha tradução)⁷

Logo, o transumanismo é parte de um processo, uma forma de ver a humanidade sem descartá-la e/ou rejeitá-la completamente, pois pretende melhorar o humano, não só fisicamente como também mentalmente. O transumanismo é o caminho, o direcionamento para o pós-humanismo que compreende o pós-humano como:

[...] a “pessoa” possuidora de capacidades físicas e intelectuais sem precedentes, a entidade possuidora dos princípios de sua autoformação e um caráter transcendente, porque potencialmente imortal, é pós-humana, seja ciborgue ou máquina de inteligência artificial. Quem atinge esse ponto não mais pode ser chamado de humano, e é para se chegar até ou mesmo converter-se em pós-humanos que muitos crentes na tecnologia vêm se organizando desde o final do século XX. (RÜDIGER, 2008, p.142, grifos do autor)

⁶ Do original: [...] *transhumanism shares some postmodernist values, such as a need for change, reevaluating knowledge, recognition of multiple identities, and opposition to sharp classifications of what humans and humanity ought to be. Nevertheless, transhumanism does not throw out the entirety of the past because of a few mistaken ideas. Humanism and scientific knowledge have proven their quality and value. In this way, transhumanism seeks a transmodernity or hypermodernism rather than arguing explicitly against modernism.*

⁷ Do original: *The transhumanist vision is an end product of the belief that the human condition can be improved through reason, science, and technology. It focuses predominantly upon the autonomous individual, asserting the primacy of reason as a force for personal and therefore societal transformation. Through the use of applied reason, transhumanism asserts that values such as rational thinking, freedom, tolerance, and concern for others are increased, which ultimately leads to an ever-increasing improvement of the human condition. In this way transhumanism claims to offer the hope of a better world.*

O pós-humanismo seria o patamar mais alto das possíveis transformações, o caráter divino passaria para o próprio homem que conseguiria controlar o seu corpo e sua mente, além de ter maior percepção e controle de tudo em sua volta, seja através dos recursos da robótica e/ou totalmente maquinizado. Parece natural, portanto, ao falar de transumanismo e pós-humanismo, pensar diretamente em filmes e literaturas de ficção científica e distópicas que colocam os indivíduos diante de tecnologias superdesenvolvidas. Nessas produções cinematográficas e/ou literárias o corpo humano biológico é reproduzido, no entanto, todas as conexões e estruturas internas não são feitas de “carne e osso”, mas com estruturas bastante avançadas nos estudos de robótica. Há também o corpo biológico que sofreu muitas alterações, tornando-se um super-humano, imortal ou com força maior que a capacidade humana, ou ainda, livre de emoções. Ao falar dos avanços da tecnologia e do pós-humanismo, Rüdiger (2008), no livro *Cibercultura e Pós-humanismo: Exercícios de arqueologia e criticismo*, diz que:

[...] a tecnologia nos permitirá parar de envelhecer, adquirir maior vitalidade e conquistarmos inteligência comparativamente superior à dos melhores que conhecemos, fará com que desenvolvamos artificialmente novas competências em todas as áreas e controlemos nossas emoções racionalmente, para dela tirarmos o melhor proveito possível e, finalmente, possibilitará que façamos o que desejarmos com nosso corpo [...]. (RÜDIGER, 2008, p.142)

Ainda que os avanços da robótica possam causar certo impacto, muitos recursos são criados pela humanidade para ajudar na manutenção dos corpos e no bem-estar individual. Estes são recursos tecnológicos que se tornaram corriqueiros e naturais, por exemplo: os aparelhos auditivos para pessoas com algum tipo de deficiência auditiva, ou ainda, recursos que se tornam parte do nosso corpo como o implante coclear, para significativas perdas auditivas, e o coração artificial. Hayles (1999), no livro *How we became posthuman*, ao falar do corpo humano e da sua modificação menciona que:

[...] o ser humano é, antes de tudo, um ser incorporado, e as complexidades desta encarnação significam que a humanidade se desdobra de maneiras muito diferentes das da inteligência incorporada em máquinas cibernéticas. [...] Este ponto cego é mais evidente, talvez, quando críticas literárias e culturais enfrentam os campos da biologia evolutiva. A partir do ponto de vista de um biólogo evolutivo, os seres humanos modernos, para todas as suas proezas tecnológicas, representam um piscar de olhos na história da vida, uma espécie distante, muito recente para ter um impacto evolutivo

significativo no comportamento e estruturas biológicas dos seres humanos. (HAYLES, 1999, p.283/284, minha tradução)⁸

Ao comparar os avanços tecnológicos com a evolução da espécie, percebe-se que há diferenças. Embora os corpos e a tecnologia estejam caminhando juntos em muitos aspectos, ainda são espaços diferentes e que evoluem, transformam-se e adaptam-se de maneiras distintas. O que anteriormente passou por uma evolução biológica e pela seleção natural, agora é adaptado e pensado pelos humanos, com instrumentos de trabalho e recursos tecnológicos, anteriormente inimagináveis, que trazem mais rapidamente os resultados desejados. Cabe enfatizar que os pesquisadores transumanistas e pós-humanistas não estão procurando comparar os avanços da tecnologia com os da biologia, mas pensar no que a tecnologia pode proporcionar para os seres humanos.

Os transumanistas consideram a natureza humana não como um fim em si mesma, perfeita, e tendo qualquer reivindicação sobre nossa fidelidade. Em vez disso, é apenas um ponto ao longo de um caminho evolutivo e podemos aprender a remodelar nossa própria natureza de maneiras que consideramos desejáveis e valiosas. Pensando com cuidado, e aplicando a tecnologia com coragem para nós mesmos, podemos nos tornar algo que não é mais exatamente descrito como humano - podemos nos tornar pós-humanos. (MORE, 2013, p.04, minha tradução)⁹

Não há, portanto, uma competição entre o corpo biológico e a máquina, mas uma ideia de melhoramento e aprimoramento do corpo e da mente. O transumanismo é um processo natural, que caminha junto com a humanidade e que chegará no ponto mais alto quando atingir o pós-humanismo, pois se a tecnologia está evoluindo e os indivíduos estão utilizando dela para a correção das imperfeições do corpo biológico, logo estarão naturalizados ao processo de melhoramento. Desta maneira, a máquina nos corpos, antes rejeitada, agora é como um acessório de grande utilidade.

O sonho de melhorar as capacidades humanas por meio de uma reprodução seletiva tem constituído, desde muito, um item obrigatório do lado sombrio da literatura médica ocidental. Existe, agora, a possibilidade de se fabricar humanos melhores, ampliando suas capacidades por meio de dispositivos

⁸ Do original: [...] *human being is first of all embodied being, and the complexities of this embodiment mean that human awareness unfolds in ways very different from those of intelligence embodied in cybernetic machines. [...] This blind spot is most evident, perhaps, when literary and cultural critics confront the fields of evolutionary biology. From an evolutionary biologist's point of view, modern humans, for all their technological prowess, represent an eye blink in the history of life, a species far too recent to have significant evolutionary impact on human biological behaviors and structures.*

⁹ Do original: *Transhumanists regard human nature not as an end in itself, not as perfect, and not as having any claim on our allegiance. Rather, it is just one point along an evolutionary pathway and we can learn to reshape our own nature in ways we deem desirable and valuable. By thoughtfully, carefully, and yet boldly applying technology to ourselves, we can become something no longer accurately described as human – we can become posthuman.*

artificiais. Doses de insulina têm sido utilizadas para controlar os metabolismos dos diabéticos desde os anos vinte. Uma máquina constituída de uma combinação de pulmão e coração foi utilizada para controlar a circulação sanguínea de uma moça de 18 anos durante uma operação em 1953. Um homem de 43 anos recebeu o primeiro implante de marca passo em 1958. (KUNZRU, 2009, p.122/123)

O artificial torna-se parte do biológico e, em muitos casos, essencial à funcionalidade do corpo. Tratando da relação entre corpos e tecnologia, as próteses são um exemplo relevante, pois o que em alguns anos atrás era pensado para ser similar ao corpo e a pele, hoje em dia é exposto como um recurso tecnológico em que não há intenção de esconder a máquina de um corpo desprovido de alguma função e/ou membro. “A civilização maquinística e o pensamento tecnológico não nasceram hoje, nem levaram ao surgimento de movimentos como os aqui estudados apenas contemporaneamente.” (RÜDIGER, 2008, p.143).

Nota-se que, até o presente momento, os humanos estão cada vez mais adaptados ao acesso tecnologicamente. O estranhamento acontece por aquilo que a tecnologia traz e que ainda não foi dominado, por isso causa espanto pensar no corpo totalmente mecânico, como o de um robô em um humano.

Noutros termos, as fantasias futuristas ensaiadas assim não devem ser tomadas pelo valor de face, mas pelo seu impacto ou sentido no presente. A reengenharia radical da condição humana por elas anunciada não depende apenas de recursos econômicos e vontade coletiva. O projeto também pressupõe um estágio de desenvolvimento do conhecimento científico e tecnológico que ainda está muito longe de ser alcançado [...]. (RÜDIGER, 2008, p.203)

O que o humano poderá criar através da tecnologia é o que assusta a humanidade, pois não se sabe até quando haverá ou não controle sobre esses recursos ainda incertos, como em *Frankenstein, ou o Prometeu moderno*, de Mary Shelley (1831), que ao criar um humano feito de pedaços, logo fica horrorizado com a sua própria criação (SHELLEY, 2014, p.61). No entanto, Rüdiger (2008) ainda diz que “recorrer a elas [tecnologias] concretamente, significa, antes de mais nada, engendrar publicidade e tentar mobilizar investimentos, significa operar no sentido de captar recursos, promover profissionais e criar um clima de opinião favorável” (RÜDIGER, 2008, p.203).

Acerca do que está atualmente disponível, não há um estranhamento por parte de uma consciência normativa do corpo, pois se aceita a maioria das interferências que é recebida e que proporcionam, não somente uma funcionalidade maior, mas

também a estética que se procura. Em contrapartida, se não é possível imaginar o que está por vir, também não há como prever se será algo positivo. Ainda que seja importante estudos e aprovação social do que pode mudar e avançar tecnologicamente, não se pode garantir o que será seguido pelos estudiosos e cientistas. A insistência por estudos de constante adaptação do humano pode levar à extinção da humanidade, e a manutenção estética dos corpos, hoje em dia muito bem aceita socialmente, pode ser a porta de entrada para a modificação completa dos corpos.

Acredita-se que em um processo de constante modificação, as vantagens e desvantagens são inimagináveis. O corpo é de grande relevância, seja pela sua manutenção ou pela sua total modificação. A representação de um corpo *não-humano* (robótico, por exemplo) é quase sempre associada ao corpo humano, logo a corporeidade é, de certa forma, mantida e respeitada. O culto ao corpo permanece e tais formas de melhoramento do corpo já podem ser consideradas, pelo menos, uma porta de entrada para o transumanismo.

Cabe ressaltar que quanto maior é o uso da tecnologia, menor é a existência do corpo biológico, o que não necessariamente representa uma ameaça. O ciborgue é mais comum do que se imagina, esse corpo interferido pela tecnologia não está somente dentro do centro de estudos sobre robótica ou em filmes de ficção científica. Não desconsiderando os diferentes níveis de interferência tecnológica, acredita-se que, de certa forma, se está caminhando para pós-humanidade, pois a utilização de recursos para desempenhar atividades na sociedade é dependente da tecnologia, à medida que ela proporciona maior qualidade de vida.

Se o corpo é vetor de tantas modificações no humano, ele também deve ser fonte de manutenção para o transumano e pós-humano. O corpo é sujeito dessas representações e diante do *transumanismo* e *pós-humanismo* ainda se encontrará a representação de *humano*. Não há como garantir os rumos dessas mudanças e não há limites para o que ainda está por vir, portanto, se está jogando com as próprias apostas e mexendo com o que assusta socialmente: a imortalidade, que é discutida por Broderick (2013), no artigo “Trans and Post”, em que o pesquisador diz que:

[...] nenhum método recomendado pela ciência - ou pela magia, afirmação ou oração - nesse sentido - conseguiu até agora estender a vida humana além do limite naturalmente evoluído de cerca de 120 anos. Mas o que mudou

ultimamente é que os geneticistas prolongaram a vida útil de pelo menos algumas criaturas vivas, como os nematódeos, permitindo viver até sete vezes mais do que seus parentes não modificados. Esta não é ainda a abolição da morte - mas parece muito com o primeiro passo em direção a esse objetivo. (BRODERICK, 2013, p.434, minha tradução)¹⁰

Se por um lado falta bastante para a imortalidade humana, também já há estudos sobre tal tópico, de modo que se está pensando sobre e procurando espaços para que isso esteja mais próximo da realidade. Sem descartar os estudos acerca da mente, acredita-se que o corpo ainda será mantido ou, ao menos, a representação desse corpo em uma máquina. O corpo robótico manterá suas características de corpo humano, mesmo não sendo constituído naturalmente. Esta é também uma representação identitária do humano, assim como as características mentais, que nos colocam dentro da mesma definição.

Os avanços dramáticos em ciência e tecnologia nas últimas décadas culminaram em especulações generalizadas de que o próprio corpo humano, incluindo a sua complexa neurofisiologia, pode logo estar aberto ao redesenho consciente. Em algum momento, podemos ser capazes de fazer modificações extensas no DNA humano, nos tecidos corporais ou no funcionamento neurofisiológico, ou para unir nossos corpos com sofisticados dispositivos cibernéticos. As tecnologias emergentes podem nos dar, por exemplo, níveis mais elevados de inteligência [...]; aumento da força física, resistência e resistência à doença; longevidade prolongada; e talvez uma maior capacidade de empatia ou outros traços psicológicos valiosos. À medida que a tecnologia avança, alterando o corpo humano, pode nos conceder habilidades inteiramente novas. (BLACKFORD, 2013, p.441/422, minha tradução)¹¹

Os avanços tecnológicos estão à frente do que é disponibilizado para uso atualmente. Há estudos que visam a possibilidade do transplante cerebral para outros corpos, ou ainda que procuram formas de salvar a mente, estudos que visam a imortalidade do humano e que colocam o corpo como o primeiro espaço para a intervenção, como a criogenia. Mesmo não havendo nenhuma certeza, o corpo é

¹⁰ Do original: *[...] no method recommended by science – or by magic, affirmation, or prayer, for that matter – has managed so far to extend human life beyond the naturally evolved limit of about 120 years. But what has changed lately is that geneticists have extended the lifespan of at least some living creatures, such as nematode worms, allowing them to live as much as seven times longer than their unmodified kin. This is not yet the abolition of death – but it looks very much like the first step toward that goal.*

¹¹ Do original: *Dramatic advances in science and technology over the past few decades have culminated in widespread speculation that the human body itself, including its complex neurophysiology, may soon be open to conscious redesign. At some point, we may be able to make extensive modifications to human DNA, body tissues, or neurophysiological functioning, or to merge our bodies with sophisticated cybernetic devices. Emerging technologies may give us, for example, higher levels of intelligence [...]; increased physical strength, stamina, and resistance to disease; extended longevity; and perhaps an enhanced capacity for empathy or other valued psychological traits. As technology goes inwards, altering the human body, it may grant us entirely new abilities.*

mantido. Há uma aproximação entre corpos robóticos e corpos humanos que estão mexendo nas fronteiras entre eles e deixando-os cada vez mais similares, o que pode ser o caminho que levará ao pós-humanismo e à completude do ciborgue.

Compreende-se que se para o humano o corpo possui relevância, logo para o transumano e o pós-humano não poderia ser diferente. É certo afirmar que não há como prever os avanços da tecnologia para as discussões acerca do corpo, no entanto, muitos estudos científicos quando pensam no transumano e/ou no pós-humano, ainda estão pensando no melhoramento dos corpos. Ainda que utilizando da robótica, os corpos são mantidos, de modo que não é só a mente que é considerada relevante para o futuro. Tornar-se pós-humano é superar as capacidades de humano, no entanto, não há certeza de abolição total dos corpos, pelo que se percebe há, inclusive, uma intenção de semelhança entre os corpos robóticos e os corpos totalmente humanos. Sem desconsiderar o aprimoramento através das máquinas, e sem a intenção de escondê-las, percebe-se que características semelhantes com a estrutura dos corpos humanos são mantidas.

A manutenção de um corpo, ainda que este seja pós-humano será, possivelmente, considerada dentro dos padrões de corpo compreendidos como o corpo de um ser humano. A criação tende a ser de acordo com aquilo que se conhece, logo, ainda que superando nossas próprias capacidades físicas e mentais, a tendência é manter aquilo que é mais comum aos olhos. Ao falar de humanos, transumanos e pós-humanos há sempre uma ideia de humano que visualmente é prevista pela performance do corpo, logo ainda que os estudos da mente avancem e a imortalidade seja atingida, o corpo continuará desempenhando o papel de sujeito-performance.

2.2 Ciborgues e corpos robóticos: discussões a partir das obras *A Fábrica de Robôs* de Tchépek e *O Homem Bicentenário* de Asimov

Como foi observado na subseção anterior, os corpos humanos são biologicamente imperfeitos e os avanços tecnológicos estéticos em relação ao corpo, de uma forma geral, acabam justificando-se como uma maneira de realizar a manutenção dos corpos. Ainda assim, a dicotomia corpo e mente não foi sanada e este é um dos pontos cruciais para a compreensão dos corpos robóticos como corpos

possivelmente humanos e/ou humanizados, seja pelas alterações tecnológicas ou pelo aprimoramento dos próprios robôs. As religiões, por exemplo, procuram, em suas diferentes vertentes, associar a mente à ideia de alma, haveria algo para além do palpável e visível e que diferenciaria os humanos dos animais e também de qualquer inteligência artificial ou instrumento criado pelo homem. De acordo com Ronald Cole-Turner (2011), teólogo que coloca em discussão temas como cristianismo e transumanismo, no capítulo introdutório do livro *Transhumanism and Transcendence: Christian Hope in an Age of Technological Enhancement*:

O cerne do cristianismo é a dinâmica da redenção e transformação humana. A teologia cristã justifica essa transformação em sua visão distintiva de Deus, que entra na condição humana para transformá-la. Uma comparação interessante pode ser encontrada entre duas distinções, uma feita em teologia e outra em bioética. A distinção em teologia é entre redenção e glorificação, entre Deus redimindo a humanidade, restaurando-nos a um estado original do qual caímos e nos glorificando ou nos transformando muito acima de qualquer status original. A distinção de bioética que é semelhante, e talvez relacionada historicamente, é, naturalmente, a de terapia e aprimoramento. A redenção e a terapia são ambas destinadas a restaurar o que era (ou o que deveria ser considerado como um estado "normal", mesmo que nunca existisse), enquanto a glorificação e o aprimoramento nos levam muito além de algo completamente novo. Em ambos os casos, aqueles que defendem a legitimidade da terapia/redenção (mas não o aprimoramento/glorificação), sejam seculares ou religiosos, parecem pressupor uma definição de fundamentação normal, quer na teologia criacionista, quer em alguma alternativa secular que veja a espécie humana, se não como estático, então como tendo alcançado um status que ninguém deve se atrever a alterar sem ameaçar tudo que os seres humanos ocupam. (COLE-TURNER, 2011, p. 4/5, grifos do autor, minha tradução)¹²

Observa-se que, mesmo em campos distintos, há uma similaridade entre os conceitos que permeiam o campo religioso e o campo científico. Mais ainda, há uma possibilidade de relacionar teólogos aos espaços de discussões científicas que colocam os humanos também como criadores ou recriadores da espécie humana, mesmo que haja outras correntes que descartam essa afirmação. É claro que há

¹² Do original: *At the very core of Christianity is the dynamic of human redemption and transformation. Christian theology grounds this transformation in its distinctive view of God, who enters the human condition in order to transform it. An interesting comparison can be found between two distinctions, one made in theology and the other in bioethics. The distinction in theology is between redemption and glorification, between God redeeming humanity by restoring us to an original state from which we have fallen and glorifying or transforming us far above any original status. The bioethics distinction that is similar, and perhaps related historically, is of course the one between therapy and enhancement. Redemption and therapy are both aimed at restoring what was (or what should be regarded as a "normal" state, even if it never actually existed), whereas glorification and enhancement take us far beyond toward something completely new. In both cases, those who argue for the legitimacy of therapy/redemption (but not enhancement/glorification, whether secular or religious, seem to presuppose a definition of normal grounded either in a creationist theology or some secular alternative that views the human species, if not as static, then as having attained a status that no one should dare to alter without threatening all that humans hold dear.*

resistência de alguns teóricos ao pensar na possibilidade de transformação e adaptação dos corpos, principalmente aqueles que possuem como vertente estudos de caráter religioso, no entanto, Cole-Turner (2011) explica que:

[o] objetivo das tecnologias de aprimoramento humano não é mudar o mundo, mas mudar-nos para nos encaixar melhor, competir melhor ou viver melhor no mundo tal como é. E ao longo do caminho, essas tecnologias mudam a maneira como nos vemos, transformando nossos corpos e cérebros em algo a ser mudado à vontade. [...] Quando "eu" uso a tecnologia para me mudar, quem é esse "eu" que decide e quem é o "eu" que é o resultado da decisão? (COLE-TURNER, 2011, p. 07/08, grifos do autor, minha tradução)¹³

Ainda que muitos questionamentos da fronteira do religioso e da vontade sejam levantados, não se pode esquecer o desejo e a criação do desejo promovida pelo mercado. É possivelmente esse "eu" que deseja, que também permite a mudança do "eu" corpo, no entanto, esse desejo não é necessariamente criado a partir de uma vontade intrínseca. Pode-se dizer que essa vontade natural é quase inexistente na sociedade de consumo. A vontade de mudança corporal, em grande parte, é fomentada pela criação de desejos que são promovidos pelo consumo e pelo capitalismo.

À medida que esses questionamentos surgem, os corpos e suas representatividades para as relações sociais tornam-se fundamentais, principalmente quando se pensa no impacto que eles têm para as performances em sociedade: ninguém consegue imaginar somente um cérebro em funcionamento em uma máquina, por exemplo, sem achar, no mínimo, estranho e/ou questionável. Os avanços tecnológicos estão colocando o corpo em ênfase. Além disso, estudos sobre bioética relacionam-se com os avanços tecnológicos, procurando estabelecer limites para as interferências tecnológicas nos corpos, ao mesmo tempo que parecem estabelecer algumas linhas que tentam definir e delimitar o conceito de humano¹⁴.

Tais questionamentos também não poderiam estar ausentes na literatura. O corpo tem sido tema de muitas distopias, como *1984* (1949) de George Orwell e trilógicas atuais como *Jogos Vorazes*, sendo os livros *Jogos Vorazes* (2008), *Em chamas* (2009) e *A esperança* (2010), de Suzanne Collins. Nessas obras, há uma

¹³ Do original: *The aim of the technologies of human enhancement is not to change the world but to change ourselves to fit better, to compete better, or to live better in the world as it is. And along the way, these technologies change the way we see ourselves, turning our bodies and brains into something to be changed at will. [...] When "I" use technology to change myself, just who is this "I" who decides and who is the "I" that is the result of the decision?*

¹⁴ Sobre bioética e a definição de humano foi definida uma discussão mais detalhada na subseção 2.4.

discussão acerca do corpo das personagens sendo manipulado e/ou modificado. Com os avanços tecnológicos e as perspectivas de mudanças do futuro, há mais intervenção nos corpos com o objetivo de deixá-los mais fortes e mais adaptados ao meio, sejam mudanças puramente estéticas ou com um fim funcional. Identifica-se uma maior valorização dos corpos. Nessa perspectiva, o que dentro de algumas religiões e alguns dogmas da sociedade é compreendido como matéria torna-se fonte de expressão e manifestação de aspectos do sujeito, relevantes socialmente.

Quando se pensa em corpos robóticos, as distopias também apontam alguns aspectos que são discutidos no campo científico, obras como *Deuses de Pedra* (2007), de Jeanette Winterson, *Eu, Robô* (1950) e *O Homem Bicentenário* (1976), de Isaac Asimov, *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* (1968), de Philip K. Dick e *A Fábrica de Robôs* (1920), de Tchépek trazem robôs que se aproximam dos humanos a partir dos seus corpos, embora com traços de inteligência distintos. A relação entre robô e humano ocorre em muitos momentos pela semelhança corporal, de modo que o não-humano é mais aceito quando suas características físicas se aproximam dos humanos. Ainda que o corpo seja constituído a partir de matéria não-orgânica ou artificial, ele respeita uma forma de corpo humano e se comporta de acordo com preceitos humanos. A problemática parece surgir, pois:

[e]nquanto os robôs eram superiores aos humanos em força física e inteligência, não representavam ameaça, estavam sob controle. Quando se comportam como humanos, fogem ao controle. Eis o perigo: se nossas máquinas forem idênticas a nós em natureza e grau, elas agirão exatamente como nós, humanos: usurpando o lugar do Criador e tomando as rédeas sobre os outros seres vivos do planeta. (OLIVEIRA, 2006, p.05)

A manifestação da humanização dos robôs na literatura não é algo restrito a ela, o medo de superação e do domínio da máquina está presente em cada avanço que a tecnologia e os cientistas atingem. Este medo faz sentido ao observar que elas podem ser mais inteligentes e terem um maior domínio dos seus corpos do que os humanos que ainda são perecíveis e precisam de constantes interferências. Volta-se para a discussão do *Frankenstein* e o medo de que a criatura domine o criador, ainda presente nas discussões sobre os avanços da robótica, e que causam temor justamente por tratarem de criações complexas que preveem uma supermáquina e/ou uma superinteligência. Nesse sentido, a literatura pode ser compreendida como um sintoma do real ou “[...] a integração do real na arte, se engajando em questões que dizem respeito à nossa vida e à cada um de nós, de modo que a arte está novamente

no centro das relações entre os humanos [...]”. (ORLAN, 2002, p.171, minha tradução)¹⁵. Ao observar mais atentamente, algumas obras trazem discussões precursoras dos próprios conceitos abordados acerca do transumanismo e pós-humanismo.

Na obra *A Fábrica de Robôs*, de Karel Tchépek, cujo o termo robô foi primeiramente implantado para a definição de seres não-humanos que, no entanto, possuem uma aparência que remete aos corpos humanos, há uma discussão acerca da necessidade de humanização de corpos que se assemelham aos corpos humanos. Reconhecer os corpos não-humanos a partir de princípios recorrentes à própria humanidade se dá pela compreensão de que um corpo que desempenha tarefas humanas e que possui características humanas, ainda que não possua uma essência humana¹⁶, é suficientemente humano para os indivíduos.

Essa peça de teatro apresenta uma discussão sobre a revolta dos robôs produzidos em uma mesma fábrica e destinados a desempenharem funções de maneira mais ágil do que os humanos. Eles foram todos criados a partir de pesquisas desenvolvidas por Rossum e posteriormente aprimorados pelos outros engenheiros de robótica que procuraram melhorar a qualidade dessas máquinas. A substituição dos humanos por robôs foi tão expressiva que muitas personagens não sentiam mais necessidade de procriarem, pois esse seria um processo muito lento e que não necessariamente garantiria resultados positivos e/ou superiores àqueles desempenhados pelos robôs.

Enquanto há um crescimento da população de robôs, há uma diminuição do número de humanos. Esses robôs acabam se revoltando com os humanos e decidem se rebelar contra os seus criadores e toda espécie humana em um ato total de rebeldia após algumas alterações nas suas capacidades. Dr. Gall, através de inúmeros pedidos de Helena, decidiu alterar os robôs ampliando suas capacidades e os deixando mais humanos, o que resultou em uma maior autonomia da espécie para, inclusive, não querer mais ser dominada pelos humanos.

¹⁵ Do original: [...] *the integration of the real into art, engaging in questions that concern our life and each one of us, so that art is again at the heart of relations between humans [...]*.

¹⁶ Identifica-se essa essência como algo natural, ou seja, biologicamente presente nos corpos e que fazem um humano ser diferente de um robô, ainda que visualmente eles estejam em um mesmo nível de similaridade.

Dr. Gall: Modifiquei o caráter dos robôs. Mudei a sua produção. Quer dizer, apenas algumas características físicas, entendem? Mas principalmente... o seu... temperamento.

[...]

Dr. Gall: Fiz em segredo... por conta própria. Transformava-os em pessoas. Desequilibrei-os. De certo modo, já são superiores a nós em algumas coisas. São mais fortes do que nós.

Fabry: E o que isso tem a ver com a revolta dos robôs?

Dr. Gall: Oh, muito. Acho que tudo. Deixaram de ser máquinas. Ouçam, já sabem que são a maioria e nos odeiam. Odeiam tudo o que é humano. Julguem-me. (TCHÁPEK, 2012, p.100)

O poder dado à máquina ocorreu através do próprio criador, o que remete à ideia de livre-arbítrio, em que cada um possui o direito de escolher como vai agir, mesmo que ainda exista uma espécie de controle do próprio criador ao dar determinadas características que alteram o comportamento das máquinas. Um ponto interessante sobre essa discussão acerca da agilidade da máquina e as consequências que essas podem gerar foi mencionado por Jovanovic (2012), acerca da obra *A Fábrica de Robôs*, de Tchépek, em que ele diz que há um alerta para as grandes promessas de mudança.

Novo pensamento profundo do autor, que sinaliza o fato de que grandes perigos podem estar mascarados sob a imagem de fórmulas miraculosas, visões grandiloquentes, que objetivam oferecer à humanidade prosperidade, redenção de qualquer espécie e boa fortuna. (JOVANOVIC, 2012, p.18)

Aqui cabe uma analogia às próprias promessas acerca das transformações nos corpos apresentadas por empresas estéticas e/ou de cosméticos¹⁷, já abordadas no primeiro subcapítulo desta revisão bibliográfica.

A narrativa apresenta três perspectivas acerca das personagens: aquelas ligadas à empresa que compreendem os robôs como produtos, máquinas que se movem e que conseguem desempenhar as funções nas fábricas de maneira mais eficiente que os humanos; Helena que, representando a Liga Humanitária, decide defender os robôs garantindo-os direitos, pois acredita que a maneira como eles trabalhavam (sem obter horas de descanso e um salário) não está adequada e pensa que os robôs possuem sentimentos e vontades e que devem ser compreendidos como pessoas, logo, direitos garantidos. Por fim, há aquelas que observam os robôs como

¹⁷ Esse ponto será mais amplamente discutido a partir dos capítulos analíticos em que dar-se-á ênfase para a obra *Deuses de Pedra* em que as modificações genéticas com promessas de beleza eterna são fortemente mencionadas.

monstros e possuem uma mistura de medo e nojo dessas máquinas, justamente por não verem os robôs como algo não-humano que pode se assemelhar aos humanos.

Esses três pontos de vista dizem muito sobre a relação dos humanos com as máquinas e apresenta as incongruências dentro de uma produção desenfreada que se manifesta a partir do princípio de substituição dos humanos, pois nem todos aceitariam essas mudanças, ao passo que outros aceitam por observar os grandes lucros envolvidos em uma produção em grande escala. Em todos os casos, o corpo semelhante ao dos humanos, bem como o modo como as personagens não-humanas se comportam, colocam em jogo uma série de questionamentos sobre os direitos que devem ser assegurados às máquinas, tendo em vista que não se está tratando apenas de um maquinário, mas de um robô que tem características humanas e que foi criado para substituir o humano. É possível que este seja o ponto determinante para acreditar que eles deveriam merecer seus direitos. Além disso, o termo robô está diretamente ligado à forma de atividade desempenhada por essas máquinas. Segundo Aleksandar Jovanovic (2012), na introdução destinada ao livro *A Fábrica de Robôs*, da editora Hedra Educação:

R.U.R (Rosumoví univerzální roboti), ou seja, “Robôs Universais Rossum” – traduzido para o português, neste texto, como *A fábrica de robôs* – tem, no original, um título que joga com as assonâncias das palavras: “Rossum”, transformado em nome de família lembra, em tcheco, o substantivo masculino *rozum*, ou seja, razão, intelecto, entendimento, ao passo que a palavra *robot* (cuja invenção o escritor atribuiu ao irmão Josef e que ingressou no universo lexical de quase todas as línguas contemporâneas) tem ligação etimológica com a raiz do eslavo eclesiástico *rob* [...], “escravo”, e, em tcheco, com o substantivo feminino *robotá*, “trabalho forçado” ou “trabalho físico extenuante” e com o verbo *robotit*, “matar-se trabalhando”. Em várias outras línguas eslavas, o universo morfofonológico e semântico desses termos é similar: em russo, búlgaro, sérvio e macedônio, *rabota* [...] quer dizer “trabalho” ou “trabalho físico”, “faina”; em polonês e eslovaco, *robotá* que dizer “trabalho” ou “trabalho físico”. “Robô”, termo que se universalizou, não tem no texto de Tchépek apenas o sentido de autômato de aspecto humano; o significado é mais amplo e próximo do de androide, ou ser humano artificial, não natural. (JOVANOVIĆ, 2012, p.15/16, grifos do autor)

A relação entre trabalho físico desempenhado constantemente por máquinas que têm aparência humana permite com que se realize uma comparação com a forma de trabalho desempenhada de maneira mecânica desde o período taylorista até os dias atuais (em algumas empresas), em que se prioriza o trabalho mecânico e repetitivo, retratado, inclusive, no filme *Tempos Modernos* (1936) de Charles Chaplin.

A criação a imagem e semelhança dos humanos fez com que a personagem Helena reconhecesse a função dos robôs, desempenhada constantemente e sem pausas e substituindo os humanos em fábricas, como um trabalho escravo e que deveria ser banido, pois aqueles robôs se sentiriam, de alguma maneira, lesados por desempenhar funções que exigiam muito deles. Helena identifica que o excesso de horas sem descanso, a quebra e mal funcionamento dos robôs, bem como a não manifestação de suas emoções, são processos desumanizadores inclusive para aqueles que não são naturalmente humanos, apenas aparentam ser. Em um diálogo apresentado na abertura da peça, no qual Helena conversa com os diretores da empresa sobre a forma como os robôs são tratados, ela diz:

Helena: Oh, acho que... se demonstrasse um pouco de amor por eles...

Fabry: Impossível, senhorita Glory. Não há nada mais distante das pessoas do que os robôs.

Helena: Por que então vocês os fabricam?

Busman: Hahaha, isso é muito bom! Por que é que os robôs são fabricados?

Fabry: Para trabalhar, senhorita. Um robô substitui dois operários e meio. A máquina humana, senhorita Glory, era muito imperfeita. Chegou uma hora em que tinha que ser finalmente eliminada.

Busman: Era muito cara.

Fabry: Era pouco eficiente. Já não era suficiente para a técnica moderna. E... em segundo lugar... é um grande progresso... que... desculpe.

Helena: O quê?

Fabry: Peço desculpas. É um grande progresso procriar pela máquina. É mais confortável e mais rápido. Cada aceleração é sinal de progresso, senhorita. A natureza não tinha nenhuma ideia sobre o ritmo moderno de trabalho. A infância toda é tecnicamente falando uma insensatez. É, simplesmente, tempo perdido. Um desperdício de tempo insustentável, senhorita Glory. E em terceiro lugar...

Helena: Oh, pare!

Fabry: Está bem! Com licença, o que de fato quer a sua Liga... Liga... Liga Humanitária?

Helena: Deve especialmente... especialmente... defender os robôs e... assegurar-lhes um bom tratamento.

Fabry: Isso não é um objetivo ruim. As máquinas devem ser bem tratadas. Juro, eu gosto disso. Não gosto de coisas danificadas. Por favor, senhorita Glory, inscreva-nos todos como membros, fundadores, contribuintes e regulares desta sua Liga!

Helena: Não, vocês não me entendem. Nós queremos... especialmente... liberar os robôs!

Hallemeier: E como, por favor?

Helena: Devem ser tratados... tratados... como pessoas. (TCHAPEK, 2012, p.47/48)

Observa-se que ao identificar a aparência de uma espécie não-humana semelhante à espécie humana torna-se quase impossível não os humanizar, ainda mais quando eles estão desempenhando funções que, para os humanos, não seriam possíveis e/ou adequadas às questões de saúde. Desse modo, criar robôs para que eles substituam os humanos e conseqüentemente deixe-os mais livres para desfrutar

dos prazeres da vida não é adequado, pois também seria reconhecido como um trabalho escravo, a partir do momento em que não se está somente lidando com um maquinário qualquer, mas com uma máquina que além de conseguir comunicar-se com os humanos também possui um corpo semelhante ao deles. Na peça, não há distinção física entre os humanos e os robôs. Na própria descrição da peça aparece a seguinte descrição:

Na abertura os robôs estão vestidos como pessoas. São concisos nos movimentos e na pronúncia, rostos sem expressão, olhar fixo. Na peça eles vestem blusões de linho, presos com um cinto na cintura e, no peito, um número de latão. (TCHAPEK, 2012, p.26)

A falta de expressões faciais, nesse caso, poderia ser compreendida como uma manifestação de cansaço e/ou tristeza que a personagem Helena reconhece nas personagens robôs, pois elas não podem desempenhar outras funções que não as previamente programadas em sua criação. Em muitos momentos, a personagem menciona que tem “[...] muita pena deles” (TCHAPEK, 2012, p.60) e sempre procura conversar com as personagens robôs para tentar compreender o modo como agem. Em uma conversa com Radius, um robô mais avançado e mais inteligente que apresentou um mal funcionamento, Helena diz: “Radius, coitadinho, você também ficou assim; você não conseguiu se controlar? Veja, agora eles irão manda-lo para o depósito. Você não quer falar? [...]” (TCHAPEK, 2012, p.74). Percebe-se que Helena observa os robôs também como pessoas, deseja que eles sejam livres e não aceita que, por seus corpos serem mecânicos e apresentarem falhas em seus comportamentos, os robôs não possam ser considerados pessoas. A relação estabelecida entre a personagem e os robôs enfatiza que a semelhança corpórea, bem como as atividades semelhantes às atividades humanas são suficientes para enxergar nessa outra espécie algo de humano e traz, ainda que de maneira superficial, questões sobre o direito dos robôs, ponto que as obras de Asimov, alguns anos depois, tornaria mais evidente.

Outro ponto interessante sobre essa discussão é quando Dr. Gall menciona à Helena a necessidade de criar robôs que sintam dor, pois assim eles seriam capazes de cuidar mais de seus corpos e, conseqüentemente, dariam maior retorno financeiro para a empresa, de modo que ainda poderia ser possível fazer com que eles tenham chances de recuperação, sem prejudicar a produção e também sem gerar tantos gastos para a empresa.

Dr. Gall: [...] agora estou fazendo nervos para dores.
Helena: Nervos para dores?
Dr. Gall: Sim. Os robôs quase não sentem dores. Sabe, o falecido Rossum sobrinho limitou demais o sistema nervoso deles. Isso não funcionou. Temos que introduzir o sofrimento.
Helena: Por quê? Por quê? Se vocês não lhes dão alma, por que querem lhes dar dor?
Dr. Gall: Por motivos industriais, senhorita Glory. Um robô às vezes se danifica a si mesmo, porque não sente dor; coloca a mão na máquina, quebra um dedo, quebra a cabeça, não se importa. Temos que lhes dar dor; isso é uma proteção automática contra ferimentos.
Helena: Eles ficarão mais felizes se sentirem dores?
Dr. Gall: Ao contrário, mas serão mais perfeitos do ponto de vista técnico. (TCHAPEK, 2012, p.50)

A relação entre dor e os robôs estaria diretamente ligada ao aspecto funcional da máquina, no entanto, ao pensar em dor, diretamente associa-se à reação de humanos e animais, que não se apresenta como algo funcional, mas desagradável aos humanos, que causa desconforto e que os impede de realizar tarefas cotidianas dependendo do nível de intensidade. Ao aprimorar os robôs com um dispositivo que os permite sentir dor para reduzir os custos de reparos, torna os humanos desumanos. É possível pensar que se fosse utilizado um outro termo técnico que não estivesse associado com uma sensação física e puramente desagradável, Helena não ficaria tão horrorizada com a ideia.

O avanço tecnológico que substitui o humano pela máquina, bem como coloca o robô não só com o desempenho igual e/ou superior ao do homem, mas também esteticamente semelhante, é precursor de muitos outros debates que entrariam em discussão nas décadas seguintes sobre tecnológica e ciência.

No que concerne aos riscos da deturpação das conquistas científicas, não por acaso, nove décadas após a publicação de *R.U.R* um dos debates éticos mais importantes está relacionado, na atualidade, com a clonagem de seres vivos, fato que, de certo modo, a ficção de Tchápek deixou antever, embora sua época fosse marcada ainda pelo taylorismo, ou seja, o máximo de produção e rendimento com o mínimo de tempo e de esforço e pela desmesurada apologia da técnica, do “progresso” e das máquinas. Ao mesmo tempo, suas obras permitem entrever o temor de que complexos industriais colossais fossem capazes de ameaçar a identidade humana ou que exércitos de robôs insensíveis ou insetos assustadores adquirissem traços humanoides e apagassem, na prática, as fronteiras entre realidade e ficção. (JOVANOVIĆ, 2012, p.17, grifos do autor)

Sobre a ameaça da identidade humana, os estudos transumanistas e pós-humanistas trazem uma abordagem diferente, na qual não se está pensando em uma ameaça à espécie humana, pois não se opta pela substituição de robôs em relação aos humanos, mas observa características que em corpos robóticos são mais

resistentes ou, de alguma outra maneira, superior ao corpo biológico e que, portanto, poderiam ser utilizadas para melhorar a espécie. Nesse sentido, realidade e ficção estão certamente cada vez mais próximas umas das outras, pois a criação de novas técnicas de aprimoramento e melhoramento do corpo humano mostra-se bastante semelhante aos recursos já relatados em obras de ficção científica.

Na obra de Tchépek, a relação entre o corpo humano e o corpo robótico se dá pela dificuldade de um corpo biológico que supra as necessidades de uma linha de produção rápida e barata. A solução encontrada pelas personagens que desenvolveram os robôs e/ou que estavam ligados aos aspectos econômicos para gerar lucro, como Harry Domin, Fabry, Dr. Gall, Dr. Hallemeier, Consul Busman e Alquist, foi a criação de máquinas com aspectos humanos, no entanto, melhoradas para desempenhar essa função. A obra:

[...] discorre a respeito de seres artificiais, trabalhadores incansáveis e infalíveis, desprovidos de todas as “qualidades desnecessárias” que marcam os seres humanos, ou seja, não possuem qualquer espécie de sentimentos. Nessa sociedade imaginada por Tchépek, os robôs acabam assumindo todos e quaisquer encargos humanos, de modo a racionalizar por completo o processo de produção. (JOVANOVIC, 2012, p.17/18, grifos do autor)

Observa-se que o objetivo era pensar em corpos mais aptos para um determinado tipo de função desempenhada. No caso dos estudos transumanistas e pós-humanistas este não seria o objetivo inicial, pois as transformações estão ligadas aos desejos individuais, mudanças que não tem o objetivo de melhorar o desempenho de uma função em determinada empresa, mas melhorar o desempenho e/ou a aparência de um indivíduo, ou seja, uma mudança que está relacionada a um desejo individual. É evidente que esse desejo é manipulado por empresas e marketings que visam as mudanças estéticas, no entanto, enfatiza-se que até mesmo essas mudanças, constantemente anunciadas, não estão ligadas ao desejo de uma empresa que gostaria de melhorar a produção de seus funcionários. Todas as mudanças estéticas, ainda que forjadas pelo capitalismo como um desejo pessoal, visam mudanças que estabelecem uma melhor relação do indivíduo com ele mesmo, ou seja, para sentir-se melhor, gostar mais de si. Não há nenhum slogan que estimule o melhor desempenho em empresas.¹⁸

¹⁸ Já discutido do subcapítulo 2.1 dessa dissertação.

Assim como em *O Homem Bicentenário*, de Isaac Asimov, há uma discussão nessas obras literárias que estão para além da ficção propriamente. No caso de Asimov é sabido que foi ele quem cunhou as três leis da robótica que ainda são relevantes para a ciência, no entanto, ao observar mais atentamente suas obras literárias também é possível encontrar aspectos que refletem as discussões acerca do transumanismo e do pós-humanismo, bem como a relação entre robô e humano discutida na presente dissertação.

Na obra, discussões acerca da humanização do robô são relevantes, pois o corpo robótico perde os seus traços de máquina quando apresenta características humanas, como sensibilidade artística e empatia. O robô Andrew, personagem principal, humaniza o seu corpo como um recurso para ser aceito socialmente, o que torna as diferenças entre corpo humano e corpo robótico frágeis e moldáveis a partir do momento em que ele começa o processo de transição. Ainda que essa não seja uma obra distópica, pois não há nenhum traço de aviso para um futuro caótico e problematizações políticas e sociais (HILÁRIO, 2013, p.202), *O Homem Bicentenário* apresenta reflexões sobre o corpo que são interessantes para a presente discussão. O reconhecimento do corpo robótico como humano é a discussão central da obra que, inclusive, envolve questões jurídicas. Um conto de ficção científica que apresenta uma relação entre o homem e a máquina e questiona os limites da definição de humano.

No início da narrativa é apresentada as três leis da robótica que regem todos os robôs, respeitadas, inclusive, por Andrew que possui o desejo de ser reconhecido como homem. “Os três princípios estão gravados numa espécie de memória ROM nos cérebros positrônicos de todos os robôs.” (OLIVEIRA, 2006, p.08). Essas leis seriam a garantia da boa relação entre humanos e robôs, além de mantê-los submissos aos humanos. Elas são:

1. Um robô não deve fazer mal a um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra qualquer mal.
2. Um robô deve obedecer a qualquer ordem dada por um ser humano, desde que essa ordem não interfira com a execução da Primeira Lei.
3. Um robô deve proteger a sua existência, desde que esta proteção não interfira com a Primeira e Segunda Leis. (ASIMOV, 1997, p.09)

As três leis não poderiam, em nenhuma hipótese, ser quebradas e/ou burladas pelos robôs. Seriam elas, o primeiro passo, para segurança entre espécies e que garantiriam aos humanos o domínio perante os robôs, ainda que eles sejam mais fortes. Além disso, as três leis garantiriam um convívio mais próximo às relações

humanas. Ao comparar as três leis da robótica com aspectos na conduta humana, Oliveira (2006) diz que:

[a]s Três Leis agem sobre os robôs de modo semelhante ao modo como as normas de conduta disciplinares atuam sobre os indivíduos: com o objetivo de estancar os atos indesejáveis à vida social. Entretanto, as Leis – de caráter moral – ocasionalmente entram em conflito com o raciocínio puramente lógico do robô ou com as ordens diretas recebidas dos humanos. Os robôs tornam-se confusos. (OLIVEIRA, 2006, p.08)

A partir das três leis, Asimov consegue delinear a relação entre humano e robô, ao mesmo tempo em que os aproxima. A semelhança dos corpos, bem como as emoções são colocadas em um espaço de discussão que estava até então na ordem do humano, do biológico. A confusão e a manifestação de empatia (entre outras emoções) entram em conflito com a racionalidade do robô, do mesmo modo que há também conflitos nos humanos e nas suas relações diárias, em que nem sempre o modo que se age está de acordo com o que se sente. As ordens disciplinares, ou ainda os micro poderes, discutidos por Foucault (1979)¹⁹ que delimitam o modo de agir dos indivíduos, acabam, de certa forma, sendo impostos aos corpos robóticos humanizados, delimitando-os e forçando-os a agirem de uma forma determinada. Quanto mais humanizado o robô, mais ele estaria submetido à determinadas leis de conduta que correspondem ao modo de agir socialmente dos humanos.²⁰

Andrew, no começo da narrativa, é reconhecido a partir de uma falha de programação, não era esperado que ele conseguisse ter habilidades artísticas. É com o acesso à arte que ele tem uma porta de entrada para a identificação com o humano. Uma diferença entre a máquina e o humano são as habilidades artísticas, uma linguagem subjetiva que os autômatos não reconheceriam pelo seu pensamento lógico. O que acontece, no entanto, é que Andrew parece superar tais diferenças, ele apresenta sensibilidade e ideais que estão para além das três leis da robótica. Ele percebe os erros de conduta das personagens humanas e busca a liberdade para que tenha controle do seu corpo e de seus desejos. A importância de reconhecer-se como homem e não como robô é fundamental para a personagem, pois Andrew não se aceita como um robô superinteligente e não se identifica com a espécie na qual faz parte. Observa-se que Andrew consegue adquirir durante sua vida robótica princípios e direitos humanos, como possuir uma conta bancária, administrar seu dinheiro e ser

¹⁹ Será apresentado na subseção 2.3

²⁰ A subseção 4.2 será dedicada ao aprofundamento dessa discussão.

livre, de modo que deixa de receber ordens de humanos, ainda que isso esteja dentro da sua programação.

É a família Martin, donos de Andrew, principalmente Filhinha, personagem que desde o início da narrativa observa Andrew para além de uma máquina, que o ajuda a garantir seus direitos judicialmente. No entanto, como o próprio psicólogo de robótica, Merton Mansky, da empresa United States Robots & Mechanical Men Corporation, em que Andrew foi criado, menciona: tudo não passou de um erro de programação e “[...] a empresa gostaria de receber de volta o [...] robô para estudos” (ASIMOV, 1997, p.17). Andrew era único, o que pode ser um erro de programação na visão da empresa ou uma evolução para a robótica. “Não se trata de uma questão de defeito no funcionamento. Ele desincumbe de todas tarefas com perfeição. O importante é que também faz entalhes de madeira de modo requintado, sem nunca repetir o mesmo modelo.” (ASIMOV, 1997, p.16). A personagem, diferentemente dos outros robôs da narrativa, ganhou espaço para pesquisar, ler inúmeras obras e adquirir maior conhecimento. O que chama atenção, todavia, é que a máquina demonstrava interesse maior por determinadas atividades, tinha gosto pela marcenaria, queria escrever uma obra unicamente sobre robôs, e ao final, dedicou seu tempo para estudos sobre o corpo robótico.

Acerca do corpo da personagem, diferentemente dos androides, Andrew precisou passar pelo processo de alteração do seu corpo para que pudesse tornar-se cada vez mais próximo e verossímil ao corpo humano. Ele, aos poucos, altera suas expressões faciais e substitui suas peças para aproximar-se das gerações mais atuais de robôs, sempre com o cuidado de não perder nenhuma de suas características únicas oriundas de sua “falha”. Não basta para a personagem ser único em sua espécie, dada suas capacidades intelectuais, ele sentia ser preciso aproximar-se corporalmente dos humanos, para ser reconhecido como tal.

A partir do momento em que ele é reconhecido por habilidades ainda não presentes em outros robôs, sua referência torna-se os humanos. Andrew não tinha muitos contatos com outros robôs, pois durante a maior parte de sua vida conviveu com a família Martin ou isolado adquirindo conhecimentos sobre o seu próprio corpo e sistema funcional. Ao não se identificar com sua própria espécie, ele precisou usar como referência aquilo que estava mais próximo dele, mas que ainda estava distante

por limitações corporais. Ao ficar cada vez mais humano, Andrew percebeu que era necessário um corpo perecível e foi a partir desta transformação arriscada que ele foi reconhecido como o homem bicentenário, descartando a possibilidade da vida eterna. A personagem Andrew coloca em jogo os próprios conceitos da relação entre transumano e pós-humano, bastante caras para o entendimento da definição e essencialidade do humano, pois até então partia-se do conceito de humano para o de transumano, o que se inverte na narrativa de Asimov e reforça a ideia da essencialidade do corpo para essas discussões.

Ao que tudo indica, Asimov não estava preocupado em mudar os humanos ou trazer um debate acerca da transformação deles, ocasionada pelos avanços tecnológicos. Suas obras trazem a discussão de humanizar os robôs, ao passo que os coloca como amigos e subordinados aos homens. “Ele queria mostrar as vantagens dos robôs na sociedade, que eles poderiam ser amigos e trabalhar pelo bem da humanidade, em vez de destruí-la.” (BRAND, 2013, p.01, minha tradução)²¹ e prova disso são as três leis da robótica que garantem a subordinação dos robôs. Em *O Homem Bicentenário*, os humanos não procuram nada além do que já possuem biologicamente e uma hipótese é que este seja o motivo pelo qual Andrew acabe percebendo que para ser completamente aceito, ele deve tornar-se mortal.

- [...] Veja só, se o que está em jogo é o cérebro, tudo não se resume numa questão de imortalidade? Ninguém liga a menor importância para o aspecto, a origem ou modo de se fazer um cérebro. O que importa é que as células do cérebro humano morrem, têm de morrer. Mesmo que todos os outros órgãos do corpo se conservem ou sejam substituídos, as células cerebrais, que não podem ser trocadas sem modificar e, portanto, matar a personalidade, com o tempo acabam morrendo. (ASIMOV, 1997, p.79)

O processo de humanização de Andrew está ligado tanto à aceitação e o processo jurídico que ele passa para ser aceito como humano e livre perante a lei, como também o processo de se tornar humano fisicamente através das modificações que ele se submete. Andrew reverte a ideia de virar cada vez mais máquina e/ou usar cada vez mais de recursos tecnológicos para conseguir prolongar sua vida. O uso da tecnologia passa a ser o processo de retirar o máximo possível de robótico da personagem. É através dos recursos tecnológicos e dos seus estudos que Andrew

²¹ Do original: *He wanted to show the advantages of robots in society, that they could be friends and work for the good of humanity, instead of destroying it.*

minimiza suas capacidades robóticas, torna-se mortal e, inclusive, é reconhecido como homem.

A humanidade pode tolerar um robô imortal, porque pouco importa quanto tempo a máquina dure, mas não pode tolerar um homem imortal, uma vez que a própria mortalidade só é sustentável na medida em que for geral. E por esse motivo não concordam com a minha exigência de me tornar humano. (ASIMOV, 1997, p.79).

Sobre Andrew tornar-se humano, Spasić (2013), na dissertação intitulada “Eugenics and Transhumanism in Isaac Asimov’s Robot Series and Nancy Kress’ Novel *Beggars in Spain*” diz que:

Como ele é livre e pode criar e ganhar dinheiro como seres humanos, Andrew equipara-se com pessoas. Além de sentir prazer e alegria, Andrew demonstra sentimentos de amor, tristeza e como os seres humanos deseja ser aceito pela comunidade. No entanto, sua aparência é um ouvido às pessoas que o cercam. Para eles, um robô não é um ser humano, mesmo que seja igual e ultrapasse muitos em habilidades intelectuais. (SPASIĆ, 2013, p.74/75, minha tradução)²²

A partir do momento em que Andrew é reconhecido como um homem que viveu durante dois séculos com um corpo robótico, questiona-se as fronteiras entre homem e máquina. Aceitar que ele é homem é também aceitar que um corpo robótico, se for mortal e possuir traço humanos, é humano. Essa afirmativa acaba mexendo com os próprios conceitos de transumanidade e pós-humanidade que já não sustentam-se iam a partir da premissa de um corpo biológico e humano. Andrew estaria entre humano e máquina.

Esse tipo de desfocagem de fronteiras levou à séria consideração da ideia do ciborgue. O robô era uma máquina capaz de imitar seres humanos; O ciborgue era a combinação real de máquinas e seres humanos em um, a atualização da metáfora mecanicista do ser humano como máquina. (ALLUE, 2003, p.21, minha tradução)²³

Andrew pode ser considerado um ciborgue, pois ele altera o seu corpo para estabelecer uma relação entre humano e máquina. Ainda que não comece pelo humano, pois isso não seria possível tendo em vista sua origem, Andrew consegue humanizar-se fisicamente e comporta-se como um humano, pois sente-se mais

²² Do original: *Since he is free and can create and earn money like humans Andrew equates himself with people. Apart from feeling pleasure and joy, Andrew demonstrates feelings of love, sadness and like humans yearns to be accepted by the community. However, his appearance is an eye-sore to the people who surround him. For them a robot is not a human being, even though he is their equal and surpasses many in intellectual abilities.*

²³ Do original: *This kind of blurring of boundaries led to the serious consideration of the idea of the cyborg. The robot was a machine capable of imitating human beings; the cyborg was the actual combination of machine and human being in one, the actualization of the mechanist metaphor of the human being as machine.*

confortável e, inclusive, essas ações são percebidas pelas outras personagens. Filhinha, ao conversar com o pai sobre a liberdade de Andrew, diz:

– Papai, você não conhece o Andrew. Ele já leu tudo quando é livro que tem na biblioteca. Não sei o que ele sente por dentro, mas, lá por isso, também não sei o que você sente aí no seu íntimo. Quando a gente fala com ele, o que se percebe é que ele reage da mesma maneira que nós em relação a conceitos abstratos, que é o que de fato interessa. Se alguém demonstra reações idênticas às nossas, que mais se pode exigir? (ASIMOV, 1997, p.23)

No entanto, para ser livre, não só como “um mero artifício de palavras” (ASIMOV, 1997, p.25), Andrew precisaria ser reconhecido como humano, pois “[a] palavra ‘liberdade’ perde todo sentido aplicada ao autômato. Só seres humanos podem ser livres.” (ASIMOV, 1997, p.24, grifos do autor). É por essa justificativa que a personagem lança mão de todos os seus recursos financeiros, frutos do seu trabalho artístico, bem como seu tempo de estudos para aproximar-se de um conceito de humano que o tribunal aceitasse para torná-lo não somente livre, mas um humano com todos os direitos garantidos, assim como as personagens humanas.

- Por que você quer ser livre, Andrew? Em que sentido isso pode lhe interessar?
- O *senhor* gostaria de ser escravo, Meritíssimo? – replicou o autômato.
- Mas você não é escravo. É um robô absolutamente perfeito. Genial, inclusive. Ao que me consta, capaz de se exprimir de uma forma artística simplesmente incomparável. Que mais poderia fazer se fosse livre?
- Talvez nada mais do que já faço, Meritíssimo, mas com maior alegria. Afirmaram aqui mesmo, nesse tribunal, que só o ser humano pode ser livre. A mim me parece que só alguém que quisesse a liberdade deveria ser livre. E eu quero. (ASIMOV, 1997, p.26, grifos do autor)

Quando Andrew compara o seu corpo ao corpo de humanos que fazem uso de próteses é que ele consegue convencer o júri de que o seu corpo também pode ser reconhecido como humano. “O argumento é que se aceitarmos que nenhum número de artefatos artificiais no corpo humano faz com que ele pare de ser um corpo humano, também devemos aceitar uma ampla interpretação da humanidade que possa incluir Andrew.” (ALLUÉ, 2003, p.26, minha tradução)²⁴.

Antes de mais nada, ficou determinado que, qualquer que seja a quantidade de membros artificiais que exista no corpo humano, isso não impede que continue a ser considerado como tal. E, em segundo lugar, conquistamos o apoio incondicional da opinião pública a favor de uma ampla interpretação do que vem a ser homem, já que não há nenhuma criatura que não conte com próteses para se manter viva. (ASIMOV, 1997, p.74)

²⁴ Do original: *His argument is that if we accept that no number of artificial artefacts in the human body causes it to cease being a human body, we should also accept a broad interpretation of humanity that might include Andrew.*

Diferentemente do que Spasić (2013) diz ao afirmar que “Andrew pode ser visto como o oposto de um transumano. [...] Andrew se esforça para tornar-se humano. Fascinado pela humanidade, Andrew desenvolve emoções humanas, sua criatividade e inteligência o tornam igual e até superior ao criador.” (SPASIĆ, 2013, p.76, minha tradução)²⁵, defende-se que a personagem está ampliando o conceito de humano ao aceitar que ele é também um homem. Depois dos processos que se submeteu, ao final da narrativa, Andrew é também uma reconfiguração do conceito de transumano, mas com sua iniciação inversa, passando de robô para humano. Abre-se espaço para a discussão sobre vida artificial, pois ao ampliar o conceito de vida também se aponta para que as próprias discussões acerca do transumanismo e do pós-humanismo sejam ampliadas, de modo que se torna uma via de mão dupla: do humano à tecnologia robótica e vice-versa.

Para além das semelhanças corpóreas, outro ponto importante foram as características da personagem que fazem com que, além de se parecer fisicamente humano, ele também apresente características do modo de agir humano. “Andrew é criativo, seus projetos não são cópias. Em outras palavras, seu cérebro positrônico é paralelo ao humano na criatividade e Andrew pode ser equiparado aos humanos.” (SPASIĆ, 2013, p.74, minha tradução)²⁶. Há também semelhanças psíquicas com as dos humanos, o que torna a narrativa mais interessante, pois aproxima as duas espécies colocando-as sem distinções e superioridade.

O patrão não se importava. Gostava imensamente das duas filhas; mais até que a patroa; e Andrew também era louco por elas. Pelo menos, o efeito que ambas causavam sobre as ações dele se assemelhavam ao que num ser humano seria chamado de afeição. Andrew considerava aquilo como afeição, pois não conhecia outra palavra aplicável. (ASIMOV, 1996, p.13)

O Homem Bicentenário faz o processo inverso e solitário. Identifica-se que os avanços tecnológicos que são aceitos pela população, geram conflitos éticos e morais que acabam dificultando a convivência e as relações pessoais, pois mascaram os verdadeiros sentimentos e/ou alienam as personagens. No conto de Asimov, a problematização dá-se pela complexidade da definição de humano e, ao passo que não existam grandes consequências para as mudanças corpóreas das personagens

²⁵ Do original: *Andrew can be seen as the opposite of a transhuman. [...] Andrew strives to become human. Fascinated by humanity, Andrew develops human emotions, his creativity and intelligence makes him equal, and even superior to his creator.*

²⁶ Do original: *Andrew is creative, his designs are not copies. In other words, his positronic brain parallels human in creativity and on basis Andrew can be equated with humans.*

humanas, consegue-se um avanço para a definição de homem que está de acordo com as definições de transumanos, diminuindo as fronteiras entre o artificial e o biológico. Essas conquistas de Asimov são um passo tanto para o transumanismo, como também para a pós-humanidade, no momento em que também poderá ser revista a ideia de imortalidade como algo somente possível em seres artificiais.

Afunila-se o conceito de literatura como sintoma para a compreensão da importância dos romances distópicos, em que uma nova perspectiva do futuro não muito amistosa e positiva é colocada diante dos nossos olhos, eles apresentam-se como um alerta para o que está por vir ou um “*aviso de incêndio*, o qual, como todo recurso de emergência, busca chamar a atenção para que o acontecimento perigoso seja controlado, e seus efeitos, embora já em curso, sejam inibidos.” (HILÁRIO, 2013, p.202, grifos do autor).

Acredita-se que para toda distopia exista uma utopia, de modo que esses dois conceitos não estão distantes. Nenhuma distopia, nenhum “aviso de incêndio” é um alerta para todos. Há idealizadores de um sistema que nem sempre será o mais adequado e/ou melhor para o bem comum. As utopias, portanto, carregam consigo uma série de ordens, regras que são impostas socialmente. No artigo “The concept of utopia” de Fatima Vieira (2010), a pesquisadora diz que:

[e]mbora a ideia de utopia não se confunda com a ideia de perfeição, um dos seus traços mais reconhecíveis é o discurso especulativo sobre uma organização social inexistente, melhor que a sociedade real. Outra característica é que é centrada no ser humano, não confiando no acaso ou na intervenção de forças divinas externas para impor ordem à sociedade. As sociedades utópicas são construídas por seres humanos e são destinadas a elas. E é porque os utopistas muitas vezes desconfiam da capacidade dos indivíduos de viver juntos, que muitas vezes constituímos um rígido conjunto de leis no coração das sociedades utópicas - regras que forcem os indivíduos a reprimirem sua natureza não confiável e instável e vestirem uma capa social mais conveniente. (VIEIRA, 2010, p.07, minha tradução)²⁷

Se os espaços utópicos podem ser também espaços de opressão, não se pode reconhecê-los como igualmente bons, atrativos, ou ainda, seguros aos indivíduos,

²⁷ Do original: *Although the idea of utopia should not be confused with the idea of perfection, one of its most recognizable traits is its speculative discourse on a non-existent social organization which is better than the real society. Another characteristic is that it is human-centred, not relying on chance or on the intervention of external, divine forces in order to impose order on society. Utopian societies are built by human beings and are meant for them. And it is because utopists very often distrust individuals' capacity to live together, that we very frequently find a rigid set of laws at the heart of utopian societies – rules that force the individuals to repress their unreliable and unstable nature and put on a more convenient social cloak.*

pois a inserção em um padrão civilizatório e/ou controlador, também pode ser observado como um espaço de anulação da individualidade dos sujeitos e de diminuição e/ou anulação da liberdade. As utopias também tratam de um alerta para o perigo que pode ser reconhecido ou não, dependendo de como o indivíduo posiciona-se socialmente e politicamente, ou ainda como o leitor desses textos compreende o espaço da narrativa. Nessa perspectiva, o escritor também tem um papel fundamental nesse espaço no qual a apresentação da narrativa e as consequências são relevantes para a compreensão positiva ou negativa do futuro e o leitor é sempre convidado a observar o que acontece.

[...] embora os escritores de distopias tenham imagens muito negativas do futuro, eles esperam uma reação muito positiva por parte de seus leitores: por um lado, os leitores são levados a perceber que todos os seres humanos têm (e sempre terão) culpa, e assim a melhoria social - ao invés de melhoria individual - é a única maneira de garantir a felicidade social e política; Por outro lado, os leitores devem entender que o futuro representado não é uma realidade, mas apenas uma possibilidade que eles devem aprender para evitar. (VIEIRA, 2010, p.17, minha tradução)²⁸

Os romances distópicos apresentam esses questionamentos políticos e sociais que permitem observar também o que se vive e as possíveis consequências de ações e escolhas no futuro. Da mesma forma, ainda que em campos distintos, mas que são facilmente confundidos, está a ficção científica. Muitas vezes pela apresentação de espaços futurísticos com avanços tecnológicos à frente do nosso tempo, leitores pensam mais diretamente em ficção científica do que em distopias, mas nem sempre um gênero corresponde ao outro. Embora eles possam intercambiar-se, essa não deve ser considerada uma premissa. Peter Fitting (2010), no texto intitulado “Utopia, dystopia and science fiction”, sobre a relação entre esses gêneros, diz que:

[a] interseção da ficção científica moderna e da utopia começa com o que considero a característica fundamental da ficção científica, ou seja, sua capacidade de refletir ou expressar nossas esperanças e medos sobre o futuro e, mais especificamente, relacionar essas esperanças e medos à ciência e à tecnologia. (FITTING, 2010, p.138, minha tradução)²⁹

²⁸ Do original: [...] although the writers of dystopias present very negative images of the future, they expect a very positive reaction on the part of their readers: on the one hand, the readers are led to realize that all human beings have (and will always have) flaws, and so social improvement – rather than individual improvement – is the only way to ensure social and political happiness; on the other hand, the readers are to understand that the depicted future is not a reality but only a possibility that they have to learn to avoid.

²⁹ Do original: [t]he intersection of modern science fiction and utopia begins with what I consider the foundational characteristic of science fiction, namely its ability to reflect or express our hopes and fears about the future, and more specifically to link those hopes and fears to science and technology.

Espinelly (2016), em sua tese de doutorado intitulada “O anti-herói no romance distópicos produzido na pós-modernidade ou o prometeu pós-moderno”, dedica um capítulo para falar sobre a relação dos conceitos de utopia, distopia e ficção científica, além de fazer um apanhado histórico sobre como tais gêneros literários acabaram modificando-se com tempo (ESPINELLY, 2016, p.58/92). O pesquisador não procura uma definição fechada e individual desses conceitos e diz que:

[a] ficção científica e a distopia são literaturas de uma outra cultura e sociedade, geralmente marcadas por avanços da ciência e da tecnologia. A ficção científica especula possibilidades, trabalhando com elementos desconhecidos da sociedade contemporânea, que podem surgir como produtos da ciência e causar estranhamento. (ESPINELLY, 2016, p.76)

É justamente por isso que distopias e utopias confundem-se com obras de ficção científica, não restringir as definições de cada gênero literário parece ser adequado em uma discussão que permite tantos intercâmbios. Uma característica presente nos textos literários desses gêneros são os avanços tecnológicos e o quanto, cada vez mais, identifica-se aquilo que já tinha sido literariamente produzido e o quanto essas mudanças são presentes. As tecnologias renovam as esperanças da população acerca de maiores e melhores condições de vida, ao mesmo tempo em que também demonstram o quanto grandes empresas dominam o mercado tecnológico e comandam mudanças que afetam a humanidade.

A produção de literatura distópica cresceu muito na pós-modernidade e hoje é um dos gêneros emblemáticos do período. O fascínio gerado pelas distopias permite que essas narrativas transitem em diferentes mídias, o que lhes garante onipresença em termos de mercado, através de romances, histórias em quadrinhos, filmes e seriados. Na base do interesse gerado pelas distopias estão os temas explorados pelo gênero, que são próprios da pós-modernidade, e por isso tão atraentes. Questões como a sociedade de controle, o medo do totalitarismo, a ansiedade em relação ao corpo, a degradação ambiental e a forte influência do espetáculo na vida cotidiana são reflexos dos anseios que permeiam a sociedade. Depois dos horrores da Segunda Guerra Mundial, no coração da civilização ocidental, o pessimismo e a dor manifestaram-se fortemente na arte, criticando o estado das coisas e prevendo um futuro sombrio, o que dá contornos distópicos aos tempos em que vivemos. Nesse mundo pós-moderno em que o homem se questiona sobre sua humanidade, o embate do indivíduo contra a realidade é acirrado e não conseguimos mais sequer identificar o real. Figurar um futuro melhor nesse cenário pode parecer apenas sonho inconsequente, de um ingênuo ou irresponsável. (ESPINELLY, 2016, p.58)

Novamente volta-se à ideia de que a literatura age como um reflexo social, como um sintoma do que está acontecendo socialmente. Tanto a ficção representa a realidade, como a realidade aproxima-se da ficção. Uma dessas realidades são a ciência e os avanços científicos nas transformações e interferências nos corpos, sobre

essa relação Tomaz Tadeu (2009), no livro *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*, diz que:

[u]ma das características mais notáveis desta nossa era (chamem-na pelo nome que quiserem: a mim, “pós-moderna” não me desagrade) é precisamente a indecente interpenetração, o promíscuo acoplamento, a desavergonhada conjugação entre o humano e a máquina. Em um nível mais abstrato, em um nível “mais alto”, essa promiscuidade generalizada traduz-se em uma inextrincável confusão entre ciência e política, entre tecnologia e sociedade, entre natureza e cultura. Não existe nada mais que seja simplesmente “puro” em qualquer dos lados da linha de “divisão”: a ciência, a tecnologia, a natureza puras; o puramente social, o puramente político, o puramente cultural. (TADEU, 2009, p.11, grifos do autor)

O autor evidencia o que se está discutindo: o que é mencionado na literatura distópica e de ficção científica não está restrito a elas, é também parte da história e é atual. Sobre essa inexistência de pureza, ou seja, o natural e biológico quase sempre associado ao artificial e ao tecnológico, basta olhar para a maioria dos habitantes que, de uma forma mais branda ou não, fazem uso de recursos tecnológicos atrelados ao corpo diariamente. Um caso mais evidente e menos comum é o de Neil Harbisson, co-fundador da *Cyborg Foundation*³⁰ e o primeiro ciborgue reconhecido pelo governo britânico. Harbisson nasceu com acromatopsia, uma síndrome rara que impede o indivíduo de ver cores, de modo que ele só consegue perceber diferentes tons de cinza. Neil ficou conhecido por ter uma antena implantada no seu crânio que o permitiu ouvir cores a partir de ondas sonoras distintas emitidas quando o sensor percebia diferentes cores ou tonalidades de uma mesma cor. Harbisson conseguiu ouvir sons que foram classificados em cores visíveis e, inclusive, invisíveis, como a percepção de raios ultravioleta. (I LISTEN TO COLOR, 2012)

Na palestra intitulada “I listen to color” do TEDTalks, ele explica um pouco do funcionamento desse equipamento e o define como parte do seu corpo, de modo que não há mais diferença e/ou distinção entre corpo biológico e máquina para ele, pois eles já estariam conectados para o ciborgue e artista (I LISTEN TO COLOR, 2012). “Harbisson identifica-se como um ciborgue, ele sente que sua mente e seu corpo estão unidos ciberneticamente. Ele não sente que está usando tecnologia, em vez disso ele sente que ele é tecnologia.” (CYBORG FOUNDATION, minha tradução)³¹.

³⁰ A *Cyborg Foundation* foi fundada no ano de 2010 por Neil Harbisson e Moon Ribas. É possível obter mais informações sobre as pesquisas que eles desenvolvem no website: <http://www.cyborgfoundation.com>.

³¹ Do original: *Harbisson identifies himself as a cyborg, he feels both his mind and body are united to cybernetics. He doesn't feel he is using or wearing technology, instead he feels he is technology.*

Moon Ribas, também co-fundadora da *Cyborg Foundation* e dançarina, apresenta outro tipo de extensão de sentidos físicos.

Desde 2007, Moon vem experimentando diferentes dispositivos cibernéticos que lhe permitem perceber movimentos de maneira mais profunda. Sua principal pesquisa consiste em desenvolver o sentido sísmico, percebendo o movimento dos terremotos em tempo real em todo o mundo, pequeno como 1 na escala de Richter. Moon traduz esse novo senso no palco, sua peça principal é chamada "Waiting for Earthquakes", em que ela aguarda um terremoto, quando acontece, ela se move de acordo com a intensidade do terremoto, então, se não houver terremotos não haverá dança. (CYBORG FOUNDATION, minha tradução)³²

A partir desses casos, observa-se o quando o tecnológico está próximo da realidade e já se torna algo aceito socialmente e politicamente. Os indivíduos citados acima, por exemplo, já possuem, inclusive, passaporte utilizando tais recursos tecnológicos na fotografia de identificação. Quando eles afirmam sentir tecnologia, fica claro o quanto esses aparelhos não são mais distintos dos seus próprios corpos.

Desde o início, o ciborgue era mais do que apenas um outro projeto técnico; era uma espécie de sonho científico e militar. A possibilidade de fugir de suas irritantes limitações corporais levou uma geração que cresceu com o Super-Homem e o Capitão América a gastar todo o seu orçamento de "pesquisa e desenvolvimento" para conseguir um superpoder na vida real. Em meados dos anos sessenta, os ciborgues representavam um grande negócio, com milhões de dólares da Força Aérea estadunidense sendo canalizados para projetos de construção de exoesqueletos, braços robóticos do tipo mestre-escravo, dispositivos de *biofeedback* e sistemas especializados. Apesar de todo o dinheiro e da empertigada seriedade, a impressão dominante deixada por velhos artigos técnicos sobre o ciborgue é a de um tipo bastante caro de ficção científica. [...] O ciborgue foi sempre, além de um fato científico, uma criatura da imaginação científica. (KUNZRU, 2009, p.122, grifos do autor)

Os ciborgues que caminham pela ficção científica parecem ultrapassar essa fase para colocarem-se presentes e reais. Os limites entre o literário e o real se dissolvem, mostrando que as relações entre ficção e realidade são líquidas. Em *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?*, de Phillip Dick, bem como, *Deuses de Pedra*, de Jeanette Winterson, é muito presente a alteração dos corpos como uma forma de adaptar-se melhor ao mundo em que se vive. Nos corpos robóticos a semelhança ao humano também acontece atualmente. Robôs estão sendo criados para assemelham-se aos humanos, assim como os estudos sobre a manutenção

³² Do original: *Since 2007 Moon has been experimenting with different cybernetics devices that allow her to perceive movement in a deeper way. Moon's main research consists in developing the seismic sense, perceiving the movement of real-time earthquakes all around the world, small as 1 in Richter scale. Moon then translates this new sense on stage, her main piece is called Waiting for Earthquakes, a piece where she stands waiting for an earthquake to take place, when this happen she moves according to the intensity of the earthquake, so if there are no earthquakes there will be no dance.*

dos nossos corpos estão mais próximos da robótica. No website da *EUA Hanson Robotics*, por exemplo, há uma apresentação sobre a robô Sophia, definida pelos criadores como uma robô que “[...] desafia o pensamento convencional do que um robô deve ter. [...] Se alguma vez houve um robô com uma elegância simples que as pessoas não podem deixar de apreciar, seria Sophia.” (HANSON ROBOTICS, minha tradução)³³. Eles ainda dizem que:

[e]la também mostrou seu potencial nos negócios, tendo lidado com as principais decisões em indústrias, incluindo bancos, seguros, fabricação de automóveis, desenvolvimento imobiliário, mídia e entretenimento. Além disso, ela apareceu no palco como um membro do painel e apresentadora em conferências de alto nível, mostrando como robótica e inteligência artificial tornar-se-á uma parte predominante das vidas das pessoas. (HANSON ROBOTICS, minha tradução)³⁴

A robô Sophia é uma evolução na robótica, o corpo robótico além de assemelhar-se ao corpo humano também começa a ocupar espaços e profissões humanas, até então consideradas intelectualmente elevadas. O robô é inteligente para realizar tarefas que exigem negociações, reconhecimento de pessoas, sensibilidade e compreensão de mercado. Observa-se que não existem, em grandiosidade, máquinas que competem com os humanos em níveis altos e profissões de prestígio social. Além disso, a robô Sophia, em outubro de 2017, adquiriu a cidadania na Arábia Saudita em um evento denominado “Future Investment Initiative em Riyadh”. “Ganhar a cidadania faz com que a robô tenha mais direitos do que as mulheres da Arábia Saudita, como a possibilidade de se locomover sem um guardião do sexo masculino que lhe dê permissão para agir e de se apresentar sem estar com o rosto e o corpo cobertos.” (REVISTA GALILEU ONLINE, 2017).

Enfatiza-se as implicações da obtenção da cidadania de uma máquina e de todos os direitos que ela passa a ter, que são direitos proferidos para humanos e, no caso de Sophia, ainda mais conflituoso, pois não são direitos garantidos a todos aqueles que habitam o país. No conto *O Homem Bicentenário*, o mesmo acontece, ainda que abordando visões diferentes, em que há um maior diálogo jurídico pelos

³³ Do original: [...] *defies conventional thinking of what a robot should look like. [...] If ever there were a robot with a simple elegance people can't help but appreciate, it would be Sophia.*

³⁴ Do original: *She has also shown her potential in business, having met face-to-face with key decision makers across industries including banking, insurance, auto manufacturing, property development, media and entertainment. In addition, she has appeared onstage as a panel member and presenter in high-level conferences, covering how robotics and artificial intelligence will become a prevalent part of people lives.*

direitos do robô. A humanização do robô acontece através da transformação corporal, do mesmo modo que a robô Sophia foi projetada para parecer com os humanos.

O corpo humano, bem como o corpo robótico estão presentes nas distopias justamente por problematizarem aspectos da manutenção e das adaptações dos corpos humanos. Ainda que não seja uma regra para o gênero, parece muito presente colocar em evidência aspectos que estão no imaginário acerca da essencialidade humana. Não se tratam apenas de distopias, mas também, por um lado, utopias tecnológicas, pois todas as modificações no corpo dão-se por um ideal, uma necessidade de mudança e um desejo criado para chegar-se à ideia de perfeição ou de melhoramento do corpo. Ao mesmo tempo, os textos literários, bem como produções cinematográficas mostram que tais mudanças geram consequências e fogem do controle, corpos acabam sendo alterados não pelo bem-estar populacional, as mudanças geram conflitos e transtornos que não são controlados justamente porque não há interesse no controle. Volta-se, portanto, para o alerta, o papel das distopias de avisar o que pode vir a acontecer se nada for alterado.

Nessa mesma perspectiva, o corpo robótico ganha espaço como algo para além da mera tecnologia. O corpo máquina é representado a partir do corpo humano para ser reconhecido como humano, ou ainda para ampliar os desejos de introdução tecnológica nos humanos. O robô é cada vez mais semelhante aos humanos, pois seus corpos são criados para chegarem a tais semelhanças, como no filme *Ex-machina* (2015), dirigido por Alex Garland. A robô procura humanizar-se e disfarçar as partes do seu corpo que são visivelmente artificiais através do uso de peças de roupas, no entanto, só consegue isso porque foi criada a imagem e semelhança dos humanos, à medida que ela esconde a máquina, não há questionamentos físicos sobre sua humanização, ela torna-se uma mulher, pois é fisicamente humana. O primeiro passo para humanização, mais uma vez, parece ser pelo corpo e não pela mente e/ou como são os aspectos psíquicos da máquina.

Ficção e realidade não são opostos quando se pensa em corpo e no diálogo com o transumanismo e pós-humanismo. Ciborgues, por exemplo, são esses transumanos que estão procurando aprimorar seus sentidos, caminhando para o pós-humanismo. Os questionamentos que surgem são acerca do diálogo entre esses avanços tecnológicos e os limites do humano. Ainda que se compreenda o significado

de transumanismo e pós-humanismo, é preciso observar algo mais elementar: o humano e uma definição que de conta de todos esses corpos que já não são apenas naturais. Nesse momento, direciona-se os estudos para aspectos filosóficos em que será discutida a corporeidade do humano, pois se o corpo é parte da performance do sujeito e esse mesmo corpo é vetor de transformações que questionam o aspecto natural do humano, é necessário um conceito de humano que permita tais modificações e reconheça o corpo como parte fundamental do sujeito. Para tanto, serão discutidos conceitos como biopolítica, bioética e vida artificial, nas próximas subseções, para compreender a relação entre corpo humano e corpo robótico e a importância das semelhanças entre eles.

2.3 O conceito de Biopolítica de Foucault: relações de poder e corpo

Se o corpo é importante para a performance do sujeito ou para manifestar expressões e intenções dos indivíduos, é preciso compreender como as relações entre corpo e sociedade são estabelecidas. Considera-se que tais relações possuem um motivo para acontecer que estão para além do palpável, mas que não anulam a importância do corpo na presente discussão, para tanto faz-se uso do pensamento de Michel Foucault (2004) e (1979), iniciando pelo conceito de biopolítica e passando para a relação entre corpo e poder.

No livro *Nascimento da Biopolítica* (2004), curso dado no Collège de France (1977-1978)³⁵, de Michel Foucault, é apresentado, inicialmente, o que o autor denomina como a arte de governar, ou seja, a forma de guiar os homens e suas condutas a partir do exercício da soberania política. Segundo o filósofo, desde século XVIII, com o surgimento dos ideais liberais, que se encontra o que ele chama de razão governamental moderna, ou seja, uma forma de limitar as ações e decisões do governo. Essa nova arte de governar trouxe consigo o governo mínimo como um princípio para organização do Estado, de modo que se anteriormente o Estado conseguia estabelecer relações de poder no mercado determinando valores e trocas, a partir do século XVIII não desempenharia mais essa tarefa, ao menos, com tanta

³⁵ Posteriormente publicado na forma de livro a partir das aulas proferidas na Universidade, de modo que não apresenta textos inéditos da obra do filósofo francês, no entanto, traz reflexões fundamentais para a compreensão do pensamento do autor.

propriedade e domínio. O liberalismo, portanto, marcou um período histórico em que o Estado deixou de ter força e colocou os indivíduos como mais ativos socialmente. (FOUCAULT, 2008, p.03/70). Segundo Fernando Danner (2010), a partir de suas leituras de Foucault, no artigo intitulado “O Sentido da Biopolítica em Michel Foucault”:

[O] século XVIII marca o processo de entrada da vida na história, isto é, a entrada dos fenômenos próprios à vida humana na ordem do saber e nos cálculos do poder. Assim sendo, os processos relacionados à vida humana começam a ser levados em conta por mecanismos de poder e de saber que tentam controlá-los e modificá-los. (DANNER, 2010, p.153)

Essa nova arte de governar, apresentada nas aulas de Foucault, coloca em jogo as relações de poder do Estado. Se o liberalismo evidencia os direitos individuais, logo os indivíduos ganham mais força também a partir de uma manifestação individual, a partir do seu próprio corpo, lugar de manifestação de suas vontades, ainda que esta mesma arte de governar não consiga se desconectar de um Estado ou de uma manifestação de poder estatal a partir do governo. “O Estado não é nada mais que o efeito móvel de um regime de governamentalidades múltiplas” (FOUCAULT, 2008, p.106), ele não carrega consigo nenhuma forma de manifestação de poder porque o próprio Estado não tem nenhuma essência, é apenas o governo que consegue fazer com que o Estado desempenhe alguma função específica. Danner (2010) ainda diz que:

[a] biopolítica vai se ocupar, portanto, com os processos biológicos relacionados ao homem-espécie, estabelecendo sobre os mesmos uma espécie de regulamentação. E, para compreender e conhecer melhor esse corpo, é preciso não apenas descrevê-lo e quantificá-lo – por exemplo, em termos de nascimento e de mortes, de fecundidade, de morbidade, de longevidade, de migração, de criminalidade, etc. –, mas também jogar com tais descrições e quantidades, combinando-as, comparando-as e, sempre que possível, prevendo seu futuro por meio do passado. (DANNER, 2010, p.154)

Na conferência realizada no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 1974 intitulada “O nascimento da medicina social”, disponível no livro *Microfísica do Poder* (1979) ao falar sobre aspectos da medicina desenvolvida na Alemanha, França e Inglaterra, Foucault levanta a hipótese de que o capitalismo permitiu com que a medicina privada avançasse para a medicina coletiva, pois “[...] o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho.” (FOUCAULT, 2017, p.144).

O autor apresenta a medicina de Estado, desenvolvida no século XVIII na Alemanha como uma forma de aprimoramento de um conhecimento unânime e uniforme da medicina, tendo assim cursos universitários e uma padronização do ensino; já na França desenvolveu-se a medicina urbana como uma forma de melhoramento dos espaços físicos em que os indivíduos se encontravam, foram pensadas questões como saneamento e uma forte fiscalização dos espaços e dos doentes, de modo que aqueles que não estavam com condições físicas adequadas eram excluídos do convívio social. O desenvolvimento da medicina urbana aproximou conhecimentos científicos como a química, por exemplo, acerca da contaminação do solo e da água por cadáveres, o que criou o culto dos corpos em sepultamentos (ao contrário do cristianismo); por fim, na Inglaterra onde desenvolveu-se a medicina social que funciona como um controle dos corpos, principalmente da população pobre. Assim, com o objetivo de manter a saúde das classes ricas, dividiu-se o território entre bairros podres e ricos, restringiu-se o lugar de atuação da população e criou-se o *health service* no século XIX, em que houve o controle de vacinação, registro de epidemias e um mapeamento dos lugares considerados insalubres. (FOUCAULT, 2017, p.145/148).

O corpo tornou-se um objeto de controle social. “Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica.” (FOUCAULT, 2017, p.144). É nesse momento que se observa o poder sendo imposto aos corpos através do governo e do Estado, pois é a partir da ideia de um corpo saudável colocada em evidência na medicina social que se gera um controle sobre os corpos. Atenta-se, porém, ao fato de que o poder não é apenas negativo, pois:

[o] que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber e produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (FOUCAULT, 2017, p.45)

O poder, ao mesmo tempo em que impõe, traz benefícios para os indivíduos, é através do poder que estudos e avanços científicos, por exemplo, acontecem. Em “Poder-corpo”, originalmente publicado em 1975 pela *Quel Corps?*, no livro *Microfísica do Poder* (1979), o autor diz que “[é] esse corpo que será preciso proteger, de um modo quase médico: [...] serão aplicadas receitas, terapêuticas, como a eliminação

dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes.” (FOUCAULT, 2017, p.234). Não havendo mais o corpo do monarca como algo significante socialmente, os corpos de todos os indivíduos tornaram-se relevantes. No entanto, se por um lado houve avanços na medicina e um maior controle da saúde dos indivíduos, pois foi através desse exercício de poder que “[...] foi possível um saber fisiológico, orgânico” (FOUCAULT, 2017, p.239), o corpo também começou a ser reprimido e vigiado.

O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo... Lembrem-se do pânico das instituições do corpo social (médicos, políticos) com a ideia da união livre e do aborto... Na realidade, a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares... e a batalha continua. (FOUCAULT, 2017, p.235)

Um dos exemplos deste exercício do poder do governo em relação ao corpo é a repressão da sexualidade, ao passo que também é estimulada com recursos de pornografia (FOUCAULT, 2017, p.236). O poder nas sociedades compreendido através da ideia de algo imaterial não passa de um equívoco, pois “[...] nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder...” (FOUCAULT, 2017, p.237). Segundo Cláudio Lúcio Mendes (2006), no artigo “O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo”, Foucault considera que o corpo é anterior ao sujeito, pois esse seria baseado nas relações de poder nas sociedades (MENDES, 2006, p.168).

Para Foucault, o corpo é ao mesmo tempo uma massa, um invólucro, uma superfície que se mantém ao longo da história. Sintetizando, pode-se dizer que [...] o corpo é um ente, composto por carne, ossos, órgãos e membros, isto é, matéria, literalmente um *lócus* físico e concreto. Essa matéria física não é inerte, sem vida, mas sim uma superfície moldável, transformável, remodelável por técnicas disciplinares e de biopolítica. Com isso, o corpo é um ente - com sua propriedade de ‘ser’ -, que sofre a ação das relações de poder que compõem tecnologias políticas específicas e históricas. (MENDES, 2006, p.168, grifos do autor).

Em nota, Mendes (2006) explica que Foucault compreende o conceito de *ente* a partir da ideia de materialidade, ou seja, algo físico e palpável, já o ser seria o corpo histórico, além das relações de poder e saber que se estabelecem a partir dele (MENDES, 2006, p.168). Bruno Abílio Galvão (2004) no artigo “A ética em Michel Foucault: Do cuidado de si à estética da existência” explica que a diferença entre ser e ente de Foucault tem como referência a discussão que Heidegger retoma como uma crítica à pensamentos que, segundo o filósofo, eram equivocados (GALVÃO, 2004, p.162) e diz que “[...] tudo o que é real e aparente, que se mostra, corresponde à

esfera dos entes e, diferentemente, o 'ser' ocupa a esfera da possibilidade de o ente vir-a-ser." (GALVÃO, 2004, p.162). Ser e ente não são dois conceitos completamente afastados, há pontos de contato que se sobrepõem e colocam o corpo como um ponto de estudo relevante. Mendes (2006) ainda sobre esta diferença entre ser e ente complementa dizendo que:

[a]o contrário do sujeito - que não existe *a priori*, mas é uma invenção pautada em discursos e relações de poder-saber que o constituem -, o corpo em Foucault preexiste como superfície. Contudo, como objeto de relações de poder-saber que constituem atitudes corporais e formas de sujeito, o corpo sofre ações baseadas em diferentes tecnologias historicamente elaboradas. Pode-se dizer que o corpo seria um arcabouço para os processos de subjetivação, a trajetória para se chegar ao "ser" e também ser prisioneiro deste. A constituição do ser humano, como um tipo específico de sujeito, ou seja, subjetivado de determinada maneira, só é possível pelo "caminho" do corpo. (MENDES, 2006, p.168, grifos do autor)

O corpo é ligado à subjetivação do ser humano e é por ele que perpassam as relações de poder. Formas de punição, por exemplo, durante muito tempo foram evidenciadas nos corpos. "Os castigos sempre tiveram como objeto o corpo, com a intenção de controlar suas forças. Por meio de várias estratégias, com múltiplas origens, o corpo está inserido em um campo político [...]" (MENDES, 2006, p.172). O que se mostra relevante para a presente discussão é que, assim como apresentado anteriormente, o corpo é tão evidenciado e glorificado, como também banalizado. Fica evidente que para a definição de ser humano, o corpo desempenha um papel importante para Foucault, pois ele é parte das relações de poder e saber. Desde aspectos religiosos, da medicina e políticos, o corpo está presente. A confissão, por exemplo, seja em um confessionário ou em um consultório psiquiátrico é uma forma de controle dos corpos, ou seja, um exercício do biopoder. (MENDES, 2006, p.175). Juntamente com a confissão, "[...] há o exame de consciência, que é a circunstância na qual os sujeitos [...] mediriam, consigo mesmos, seus pensamentos e, principalmente, suas atitudes, devendo elas ser 'coerentes' ou não com os valores morais socialmente estabelecidos" (MENDES, 2006, p.175, grifos do autor). Há, portanto, um controle das instituições de poder sobre o corpo dos indivíduos, contudo:

[a] confissão e o exame de consciência são técnicas que estimulam os sujeitos a praticar uma estética de si, procurando alcançar o melhor que podem fazer de suas vidas em vários campos: no trabalho, em sua aparência, em suas relações familiares e com os amigos, estando tudo isso imbricado com valores morais que remetem a uma vasta gama de sentimentos, relativos a outros, mas em especial, a nós mesmos. Mais do que uma projeção externa sobre nós, é uma projeção nossa em nós mesmos.

Nesse quadro, o corpo (como o sujeito) deixa de ser apenas o assujeitado de técnicas de poder. Ao fazer o corpo e o sujeito falarem, as relações de poder também produzem mecanismos de resistência. (MENDES, 2006, p.175)

O corpo ainda que sofra as ações de um controle, também é o espaço de subversão do controle que lhe é imposto. O impasse é que haverá sempre um controle dos corpos de modo que os sujeitos serão convidados a participar desse controle através do discurso do cuidado ou da saúde perfeita, “[...] o corpo é visto como algo que, se problematizado de forma tradicional, traz poucas possibilidades para entender o contemporâneo, mas que, sem ele, determinadas questões sequer podem ser problematizadas” (MENDES, 2006, p. 179).

Para pensar nos conceitos de transumanismo e pós-humanismo não se pode deixar de pensar em questões mais prévias que ainda são temas de debates, entre elas: a importância do corpo para determinação de poder sobre o sujeito e as relações de poder que são impostas a partir da corporeidade do sujeito. A mídia, a medicina, as religiões são instituições que controlam e rotulam os corpos, e ainda que seja possível subverter tal controle, não é algo simples. Nessa perspectiva, pensa-se acerca do próprio ideal pós-humano e quem está por trás deste ideal, ou seja, quem coordena projetos que otimizam os avanços do corpo. Grandes empresas como a *Hanson Robotics*³⁶, por exemplo, podem projetar robôs com intenções que são mais complexas e obscuras do que simplesmente torná-los corporalmente mais próximos dos humanos. Essa semelhança entre corpos robóticos e corpos humanos, a partir da ideia de controle, pode significar um maior domínio dos corpos humanos, pois se há possibilidade de criar corpos robóticos semelhantes, isso ocorre porque há um conhecimento e domínio do corpo humano de forma significativa³⁷.

Faz-se necessário compreender se para a concepção de humano a partir da bioética assim como na biopolítica, o corpo tem um espaço importante para questionamentos e definições do próprio ser humano. Direcionar-se-á para uma reflexão que está para além da ideia de poder e controle e que apresenta conceitos que poderão permitir a reflexão sobre o limiar entre o que é humano e não-humano. A partir deles, será possível discutir se corpos robóticos também possuem um espaço

³⁶ Já mencionada na subseção 2.2.

³⁷ Esse ponto será aprofundado no item 4.2 juntamente com a análise das obras literárias.

relevante nas discussões sobre o corpo ou se estão somente desempenhando um papel de imagem e semelhança aos corpos biológicos.

2.4 Bioética e a definição de Pessoa Humana: os limites entre o humano e o não-humano e os avanços dessas definições a partir da tecnologia

Ainda pensando na relação de corpo e sujeito, pode-se também tentar delimitar a partir da bioética uma definição de humano. Ao passo que para Foucault há uma distinção entre o corpo e o sujeito, ou ainda o ente e o ser³⁸, há também uma definição que parece anterior, em que se observa que tipo de corpo é esse ou, ainda, quais são os limites (físicos e simbólicos) desse corpo humano, quando se pensa nas possíveis relações de poder e saber estabelecidas a partir dele.

A discussão do conceito de pessoa, estabelecida pela bioética, ajudará a compreender aspectos que são mais específicos das características dos humanos a partir da abordagem filosófica. Segundo Miguel Ángel Fuentes, no livro *Principios Fundamentales de Bioética*, “[o] termo ‘bioética’ implica dois conceitos: vida (*bios*) e moral (*ethos*). É um termo relativamente novo, difícil de encontrar na literatura médica antes da década de 1960.” (FUENTES, 2006, p.13, grifos do autor, minha tradução)³⁹.

Este conceito perpassa o campo da medicina para discutir questões sobre o aborto, a morte, entre outros, considerados complicados e polêmicos não só de forma jurídica, mas também porque estão diretamente ligados a diferentes culturas e diferentes formas de compreender o conceito de vida. “Praticamente todas as definições afirmam que o objeto da bioética é o estudo da moralidade do comportamento humano no campo das ciências da vida.” (FUENTES, 2006, p.16, minha tradução)⁴⁰, mas também gerou discussões a partir de uma perspectiva filosófica.

Quanto ao propósito da **bioética**, deve-se dizer que, assim como a ética é sobre a moralidade dos atos humanos, a bioética tratará um campo específico da ação humana: a intervenção do homem sobre a vida humana (e mais

³⁸ Discutida na subseção anterior.

³⁹ Do original: *El término de “bioética” implica dos conceptos: la vida (bios) y la moral (ethos). Es un término relativamente nuevo, difícil de encontrar en la literatura médica anterior a los años sesenta.*

⁴⁰ Do original: *Prácticamente todas las definiciones afirman que el objeto de la bioética es el estudio de la moralidad de la conducta humana en el campo de las ciencias de la vida.*

especificamente: as intervenções do homem na vida humana tornadas possíveis pelas descobertas das ciências médicas e biológicas, que conduzem a um domínio e manipulação da própria vida humana e do homem como tal). Ou seja, considera a vida humana do ponto de vista médico e biológico em toda a *extensão da existência do homem*: das intervenções que a atingem na origem (fertilização artificial, genética) até sua conclusão (eutanásia, crueldade terapêutica); e de acordo com as várias modalidades das intervenções (eliminação, mutação, terapia, transplantes, experimentação). (FUENTES, 2006, p.17, grifos do autor, minha tradução)⁴¹

Se a bioética está preocupada com a existência e a moral dos humanos, cabe a ela um conceito de humano, de modo que possa ser aplicada de forma coesa, trazendo benefícios à sociedade. Há uma fundamentação desta definição com base cristã que mostra a criação dos humanos a imagem e semelhança de Deus, em que não só o corpo, mas a alma também é parte constituinte desses seres. Esses aspectos que consideram a moralidade, em muitos casos, surgem com base em um pensamento cristão que acaba considerando a alma como parte importante e fundamental na constituição do indivíduo.

Um dos conceitos apresentados pela bioética é o de *pessoa*, amparado à ideia de dignidade humana, algo que somente os seres humanos possuiriam e que é uma característica restrita a espécie *Homo sapiens*. (FUENTES, 2006, p.25). A base para a moralidade está na filosofia de Kant, no entanto, foi discutida e problematizada por muitos outros filósofos. Segundo Elizabeth Alves Fernandes (2009), na dissertação de mestrado intitulada “Bioética e direitos humanos – a proteção da dignidade da pessoa humana na era da genética”, a racionalidade é o ponto determinante de estabelecimento de diferença entre o ser humano e os outros seres, conceito esse que a autora apresenta como sendo discutido, inclusive, anteriormente ao pensamento de Kant e que consolidou as bases para uma discussão acerca da dignidade do sujeito (FERNANDES, 2009, p.09).

Com **Kant** consolida-se o processo de secularização da **dignidade humana**, com a **construção de suas bases sobre a razão humana**, considerada a

⁴¹ Do original: *En cuanto al objeto de la bioética, hay que decir que así como la ética versa sobre la moralidad de los actos humanos, la bioética se ocupará de un campo específico del obrar humano: la intervención del hombre sobre la vida humana (y más concretamente: aquellas intervenciones del hombre sobre la vida humana posibilitadas por los descubrimientos de las ciencias médicas y biológicas, que conducen a un dominio y manipulación de la misma vida humana, y del hombre como tal). Es decir, que considera la vida humana desde el punto de vista médico y biológico en toda la extensión de la existencia del hombre: desde las intervenciones que lo alcanzan en su origen (fecundación artificial, genética) hasta su conclusión (eutanasia, ensañamiento terapéutico); y según las varias modalidades de las intervenciones (eliminación, mutación, terapia, trasplantes, experimentación).*

categoria universal comum a todos os seres humanos – que seria, portanto, valor fundante de sua dignidade.

Desde então, a noção de pessoa humana encontra-se vinculada à ideia de autonomia, de um sujeito moral participativo e responsável, que ostenta uma dignidade intrínseca. (FERNANDES, 2009, p.09, grifos da autora)

A pesquisadora, ainda sobre Kant, diz que:

De fato, procurou o filósofo alemão travar uma separação absoluta entre as coisas e os seres humanos, considerando que, enquanto uma coisa tem valor econômico (preço) ou afetivo (relativo), os seres humanos não têm preço e seu valor independe da afeição, pois têm a substância de pessoa, e a pessoa é um fim em si mesmo; ela nunca pode ser considerada um meio, ainda que nobre. (FERNANDES, 2009, p.10)

Segundo Noêmia de Sousa Chaves (2010), no artigo “O Conceito de Pessoa Humana: Abordagens Bioética(s) em Engelhardt Jr. e Lucien Sève” em que discute as diferentes abordagens do conceito de pessoa humana desenvolvido a partir de estudos americanos e franceses, “[a] bioética é plural em face das circunstâncias provenientes de um processo tecnológico tão refinado e, na mesma medida, tão audacioso que invade a vida humana desde seu início até quando ele (o processo tecnológico) resolve aceitar ou decretar o seu fim.” (CHAVES, 2010, p.64). A autora, ao falar sobre o pensamento de Engelhardt Jr., trabalha com o conceito de bioética no plural, pois evidencia que as respostas sociais envolvendo os avanços tecnológicos e científicos, em relação à vida humana, são diversas e nunca uniformes, de modo que variam a partir de diferentes percepções acerca do mundo, determinadas por aspectos religiosos, financeiros, entre outros (CHAVES, 2010, p.67). Para este filósofo, há uma diferença entre *pessoas* e *seres humanos*:

[...] o diálogo propiciado pelas bioéticas consiste em ser respeitoso e realizado por seres racionais que possuem capacidade de decidir em sociedade, sejam capazes de elogiar e/ou criticar e do mesmo modo aceitarem críticas e elogios, ou seja, trata-se de indivíduos autônomos e esclarecidos. Este diálogo, cuja característica é ser plural, só pode ser realizado pelas pessoas, e não pelos seres humanos de maneira geral. Assim, na concepção de Engelhardt Jr., somente as pessoas têm capacidade para criticar e elogiar, bem como estão aptas a receber críticas e elogios por parte de outras pessoas e estabelecer estes debates e/ou diálogos em uma comunidade pacífica. (CHAVES, 2010, p.67)

Essa diferença mostra que crianças e indivíduos com algum tipo de deficiência mental, por exemplo, não pertencem à categoria de pessoa, apenas de ser humano. As pessoas, para o filósofo, são possuidoras de racionalidade, autoconsciência, liberdade de decisão e preocupação moral, o que acaba eliminando muitos indivíduos em condições adversas. Além disso, relações que não estabelecidas dentro desse espaço de respeito entre a crítica e o elogio, desqualificariam o indivíduo da categoria

(CHAVES, 2010, p.68). O ser humano é precedente da categoria de pessoa, pois a bioética:

[...] estuda os avanços recentes da ciência em função, sobretudo, da pessoa humana. A referência central é o ser humano, especialmente considerado em dois momentos básicos: o nascimento e a morte. É sobre essas duas fases da vida que hoje a ciência está fazendo seus melhores progressos e, obviamente, colocando problemas éticos inimagináveis antes dessas descobertas. (PEGORARO, 1998, p.57)

Ainda no artigo de Chaves (2010), na tentativa de trazer um contraponto, há o conceito de pessoa definido por Lucien Sève que parte da definição de ascrever que seria o ato de “[...] atribuir a alguém já existente ou que existirá uma dignidade, e esta dignidade encontra sua possibilidade de atribuição e reconhecimento apenas na humanidade dos seres humanos.” (CHAVES, 2010, p.70). A partir da definição de Sève percebe-se que somente se é pessoa, a partir do momento em que se é ser humano. Todos os seres humanos têm o potencial de ser pessoa, “[o] acento da ascrição está no modo de se comportar do ser humano enquanto humano [...]” (CHAVES, 2010, p.71). Diferentemente de Engelhardt Jr., não há uma exclusão por condições mentais e/ou referentes ao desenvolvimento do ser humano que o impeçam de ser pessoa. Há, no entanto, diferenças entre o que o autor considera pessoa potencial (embriões, feto), pessoa atual (consciente de suas responsabilidades e atos na sociedade e em relação às outras pessoas) e pessoa não atual (que atualmente e/ou não possuem capacidades mentais consideradas adequadas para as pessoas atuais) (CHAVES, 2010, p.73).

Tais conceitos estão presentes no que se compreende por bioética atualmente, em que os avanços tecnológicos estão visivelmente mais desenvolvidos e estruturados e os debates acerca dos limites da bioética em relação ao direito dos indivíduos tornou-se mais evidente e pertinente. Com os avanços da biotecnologia e da medicina não são somente os aspectos biológicos e naturais que estão em jogo para a definição de pessoa. Se há, por exemplo, robôs adquirindo cidadania⁴², desestabiliza-se as fronteiras entre o humano e o não-humano. Além disso, os avanços de alterações genéticas são mais frequentes atualmente, de modo que os limites do humano também estão se expandindo.

[...] [N]ovas descobertas científicas sempre poderão ser utilizadas para o progresso da humanidade, garantia de melhor qualidade de vida, ou se

⁴² Caso da robô Sophia mencionado na subseção 1.2

transformar em armas contra os homens. Essa contradição acompanha a história humana, desde o momento em que nos tornamos capazes de transformar a natureza, e tem gerado maiores anseios diante da possibilidade de dominação dos processos de reprodução e alteração genética humana, uma vez que significam a transformação da própria espécie por si mesma. (FERNANDES, 2009, p.27/28)

Essas transformações são as bases que amparam o transumanismo como uma forma de melhoramento da humanidade pelo humano. Sobre essas alterações serem positivas ou não e as suas consequências sociais, cabe observar que:

[é] importante reconhecer que o homem, como produto da natureza, amadurece como os outros seres naturais. A maturidade humana alcança-se sobretudo no estágio ético, isto é, na fase em que o homem, autônomo e livre, age segundo valores adequados ao seu modo de existir. Ora, os valores não se encontram nos genes, nem são produtos espontâneos da genética, mas são culturais, são frutos de uma longa experiência e tradição humana. Isto é, o processo evolutivo não nos deu de saída um código de valores éticos, mas deu-nos a capacidade de adquiri-los. Por isso mesmo, a ciência nunca descobrirá (ou isolará) um valor ético no laboratório. Por exemplo, o laboratório poderá revelar tudo o que somos do ponto de vista biofísico e bioquímico, mas nunca terá condições científicas para revelar o que seja uma pessoa, de um valor, pois esses conceitos fundamentalmente [...] foram construídos lentamente pelas tradições filosófica, ética, religiosa, jurídica etc. (PEGORARO, 1998, p.59)

Se o conceito de pessoa não se limita aos fatores genéticos, mas às questões culturais, a alteração nos corpos não deveria ser um problema se esses valores fossem respeitados. Ainda que teorias naturalistas questionem as intervenções nos corpos, principalmente por intervirem no processo natural evolutivo (PEGORARO, 1998, p.62), pode-se afirmar que o transumanismo, assim como o pós-humanismo estão a serviço de uma evolução, ou ainda, de um melhoramento dos corpos que visa benefícios aos humanos. Acredita-se, portanto, que o conceito de pessoa, ainda está a serviço dos ciborgues, não os deixando de lado, pois está-se tratando de racionalidade. Pensar em corpos humanos alterados é pensar nos limites dessas mudanças, ou seja, em questões éticas que perpassam o campo científico, pois “a ciência existe para descobrir a natureza e promover a vida, a saúde e a liberdade das pessoas e da sociedade; ou melhor, a tecnociência tem sentido quando está a serviço da vida, do ser-humano, do meio-ambiente.” (PEGORARO, 1998, p.63). Sobre os valores éticos, ressalta-se que todos eles passam por questões sociais que envolvem tanto a religiosidade, quanto valores sociais e culturais, de modo que se tais processos de modificações dos corpos estão sempre se alterando é porque os valores éticos e sociais também se alteram, bem como a necessidade de adaptação.

Se corpos naturalmente biológicos que sofrem alteração ainda poderão ser considerados humanos, o contrário, dentro desses conceitos, não se altera. Ou seja, corpos humanos-robotizados que ainda mantêm uma racionalidade, de acordo com esses conceitos, ainda podem ser considerados *pessoa*, já corpos robóticos-humanizados não, pois a racionalidade que é considerada fundamental, não é a racionalidade da máquina, mas do humano. Ainda há uma relação direta com questões que transcendem o físico e passam para a psique e, em alguns casos, para o campo religioso. A racionalidade, o espírito, a alma ainda são conceitos que se restringem aos seres humanos, de modo que não é todo ser natural que é racional, muito menos a racionalidade da máquina pode ser considerada algo natural e/ou divino.

A cidadania da robô Sophia torna-se algo contraditório, pois ainda que ela tenha adquirido direitos como indivíduo dentro de um território, ela não adquiriu o direito de *pessoa* dentro de uma perspectiva filosófica. Ter mais direitos que outras pessoas, ainda não a faz humana, no entanto, a coloca como algo superior à muitos humanos. Dentro do conceito de pessoa nas discussões filosóficas da bioética, dar cidadania para uma robô parece algo absurdo, tendo em vista que para ser um cidadão, temos como princípio básico ser humano. A forma humana e o comportamento humano não garantem às máquinas a equidade com os humanos. O problema que se cria, no entanto, é que ainda que, filosoficamente, tal cidadania não seja sustentada, ela é juridicamente, pois a Sophia possui mais direitos que alguns cidadãos da Arábia Saudita. Essa incongruência leva a repensar o próprio conceito de vida e se o mesmo se restringe às questões biológicas, pois se, cada vez mais, as máquinas se aproximam dos humanos e se já começam a ganhar status de humano, é possível que conceitos que ainda associam humano, vida e natureza ao que tem origem no biológico, já não sejam suficientes e não correspondam aos avanços tecnológicos que a sociedade e os indivíduos estão vivenciando.

2.5 Vida artificial: a ampliação do conceito de vida

Uma questão que surge nas discussões apresentadas sobre vida e humano é se a partir de tantos avanços tecnológicos ainda se estaria restrito ao biológico para definições de vida e se a associação de racionalidade deve ser somente aos humanos.

Um dos motivos que mais desassossegam é que, cada vez mais, o humano é fonte de referência para a criação de robôs, de modo que as máquinas robóticas estão tornando-se semelhantes aos humanos, inclusive na maneira como comportam-se, seja na realidade ou na ficção.

A utilização do computador como cérebro eletrônico apto a realizar cálculos à velocidade da luz foi praticamente ignorada pelo imaginário tecnológico e pelos primeiros escritores de ficção científica. O gênero apostou no desenvolvimento de autômatos semelhantes aos humanos, tecendo narrativas em que os cérebros eletrônicos encontravam-se enclausurados em corpos mecânicos – robôs. (OLIVEIRA, 2006, p.10)

Ainda que não seja uma representação corpórea, a comunicação entre computadores está para além da programação humana e desafia o controle do criador para com sua criação. Um exemplo que ganhou destaque em 2016 foi a forma de comunicação desenvolvida pelos computadores da *Google* que, de acordo com uma publicação do site *TechCrunch* em 28 de outubro de 2016, a partir de um estudo sobre comunicação criptografada, mostrou que duas das três redes neurais da *Google*, Bob e Alice, criaram uma forma de comunicação que os humanos não conseguiram identificar e/ou decodificar, bem como a terceira rede neural, Eve. (BIGGS, 2016).

À medida que os computadores e/ou inteligências artificiais (com um corpo robótico ou não) são alimentadas com informações e conectadas, começa uma troca de informações que pode fugir do controle humano, como o caso da *Google*. É sabido que tal estudo tem como objetivo melhorar a segurança das mensagens enviadas em redes sociais, no entanto, causa certo desconforto observar que as próprias máquinas se modificam a ponto de os criadores não conseguirem identificar os dados transferidos entre elas.

O conceito de vida, a partir da ideia de autonomia das máquinas, pode ser revisto, afinal “[a]s máquinas que reproduzem artificialmente a vida também são abundantes nos campos mitológico e ficcional, sejam como *autômatos* ou *seres animados* magicamente.” (OLIVEIRA, 2006, p.03, grifos da autora). Para compreender a definição de vida artificial, considera-se necessário discutir um conceito de vida que esteja além dos conceitos apresentados pela bioética e que procure abranger outros aspectos de vida que possibilite a diminuição das fronteiras entre o biológico e o artificial na ciência. Percebe-se que embora seja possível identificar que se está evoluindo a espécie humana para outras categorias de humano, ainda não se conseguiu dar conta de conceitos que aceitam essas transformações como algo

natural. Se para alguns discutir tecnologia e corpos robóticos parece aceitável, isso não pode ser determinado como uma premissa absoluta. É justamente por este motivo que novos conceitos surgem para ajudar a pensar sobre esses assuntos, além de sustentar teorias que não procuram invalidar outras, mas renová-las, a partir de uma nova visão de evolução.

Mark A. Bedau (2007), no artigo “Artificial Life”, diz que “[a] vida artificial contemporânea (também conhecida como ‘ALife’) é um estudo interdisciplinar de vida e processos semelhantes à vida.” (BEDAU, 2007, p.585, minha tradução)⁴³. Esse conceito não é somente restrito a uma área do conhecimento e é a partir de interesses comuns sobre a definição de vida que estudiosos procuram rever conceitos que restringem a vida ao biológico. “A vida artificial também levanta e informa uma série de questões filosóficas sobre coisas como emergência, evolução, vida, mente e ética de criar novas formas de vida a partir do zero.” (BEDAU, 2007, p.585, minha tradução)⁴⁴.

Bedau (2007) apresenta um breve panorama sobre o surgimento dessa recente teoria, segundo ele, na década de 80, Christopher Langton definiu o termo vida artificial como um estudo da vida a partir da compreensão deste conceito em qualquer cenário (BEDAU, 2007, p.585), no entanto, antes mesmo desta definição, já haviam estudos sobre vida artificial sendo realizados.

Von Neumann [1966] projetou o primeiro modelo de vida artificial (sem se referir a ele como tal) quando criou seus autênticos autômatos automáticos de computação autônoma. Von Neumann tentou compreender as propriedades fundamentais dos sistemas vivos, especialmente a auto reprodução e a evolução de estruturas adaptativas complexas, construindo sistemas formais simples que exibissem essas propriedades. Aproximadamente na mesma época, Wiener [1948] começou a aplicar a teoria da informação e a análise dos processos de auto regulação (homeostase) ao estudo dos sistemas vivos. (BEDAU, 2007, p.585/586, minha tradução)⁴⁵.

A pergunta que parece intrigar pesquisadores desse campo é o que se pode entender como vida e quais os limites deste conceito. Ao utilizar aspectos filosóficos

⁴³ Do original: *Contemporary artificial life (also known as "ALife") is an interdisciplinary study of life and life-like processes.*

⁴⁴ Do original: *Artificial life also raises and informs a number of philosophical issues concerning such things as emergence, evolution, life, mind, and the ethics of creating new forms of life from scratch.*

⁴⁵ Do original: *Von Neumann [1966] designed the first artificial life model (without referring to it as such) when he created his famous self-reproducing, computation-universal cellular automata. Von Neumann tried to understand the fundamental properties of living systems, especially self-reproduction and the evolution of complex adaptive structures, by constructing simple formal systems that exhibited those properties. At about the same time, Wiener [1948] started applying information theory and the analysis of self-regulatory processes (homeostasis) to the study of living systems.*

para compreender o conceito de vida, procura-se chegar a uma discussão que apresente uma essencialidade em seu argumento, assim como as discussões de bioética colocam a definição de pessoa. Bedau (2007) diz que:

Filosofia e vida artificial são parceiros intelectuais naturais, por três razões. Ao criar tipos totalmente novos de fenômenos semelhantes à vida, a vida artificial nos obriga a reexaminar e reavaliar o que é ser vivo, adaptativo, inteligente, criativo, etc. Além disso, tanto a filosofia como a vida artificial procuram compreender fenômenos a um nível de generalidade que ignora contingências e revela naturezas essenciais. Finalmente, a metodologia computacional da vida artificial é uma extensão direta e natural da metodologia tradicional da filosofia de uma experiência de pensamento *a priori*. Com o objetivo de capturar a essência simples dos processos vitais, a vida artificial abstrai os muitos detalhes dos sistemas vivos quanto possível. (BEDAU, 2007, p.592, minha tradução)⁴⁶

Compreende-se que os conceitos de vida artificial revisitam os conceitos biológicos e naturais para, a partir de um estudo mais detalhado, admitir outras formas de vida que passam o biológico.

Vida artificial é a denominação de uma abordagem sintética para a biologia, inspirada pelos experimentos com simulação por computador. Para os pesquisadores desta área, os procedimentos de síntese ensinaram que seu campo de estudos não precisa se restringir à tentativa de recriar os fenômenos biológicos tais quais ocorrem na natureza, mas está livre para explorar a natureza tal como poderia *ter sido*. A vida artificial é um campo que usa conceitos informacionais e modelização de computadores para estudar desde a organização virótica até a evolução da biosfera. (OLIVEIRA, 2006, p.12, grifos da autora)

Fatima Regis Oliveira (2003), em um artigo intitulado “Ficção Científica: uma narrativa da subjetividade homem-máquina”, chega ao ponto central da discussão sobre vida quando explica que, ainda que haja inúmeras formas de definir vida, que perpassam áreas de conhecimentos distintas, um ponto é irrefutável:

[o] desenvolvimento tecnocientífico ao produzir uma *maquinização do humano* e uma *humanização da técnica* não aponta apenas para as complexas questões fronteiriças sobre onde termina o humano e começa a tecnologia. Indica uma nova relação entre humanos e técnica: a tecnologia é constituinte do humano. Esta lição nos é dada pelas recentes pesquisas das ciências cognitivas e neurociências. Na sociedade atual nossas atividades mais corriqueiras, sejam de caráter orgânico, sensorial, cognitivo ou laborativo, estão tão imbuídas de artefatos tecnológicos que a distinção entre natural e artificial perde a nitidez. O uso de máquinas em atividades laborativas não é novidade. Já há algum tempo, as máquinas invadem nossos

⁴⁶ Do original: *Philosophy and artificial life are natural intellectual partners, for three reasons. By creating wholly new kinds of life-like phenomena, artificial life continually forces us to reexamine and reassess what it is to be alive, adaptive, intelligent, creative, etc. In addition, both philosophy and artificial life seek to understand phenomena at a level of generality that ignores contingencies and reveals essential natures. Finally, artificial life's computational methodology is a direct and natural extension of philosophy's traditional methodology of a priori thought experiment. Aiming to capture the simple essence of vital processes, artificial life abstracts away as many details of living systems as possible.*

lares, locais de trabalho e hospitais para nos ajudar a respirar, andar e ver. Hoje, não se pode negar também sua participação em tarefas cognitivas. (OLIVEIRA, 2003, p.187, grifos da autora)

O conceito de vida artificial direciona seus esforços, portanto, não para negar e superar o conceito de vida e de humano definido pela bioética, ou seja, com bases de um estudo que parte do biológico e orgânico, mas para repensar as fronteiras entre o artificial e o orgânico, ou ainda, ampliar o conceito para observar outras formas de manifestações de conhecimento e criação que estão para além dos limites da *bios*. Netto e Rinaldi (2011), no artigo “Vida Artificial: conceitos e aplicações”, discutem o conceito de vida em uma perspectiva biológica para apresentarem uma definição de vida artificial que deixe-as em um mesmo parâmetro, eles dizem que “[d]o ponto de vista científico, [a vida] concentra-se na identificação dos aspectos intrinsecamente relacionados aos organismos vivos, dentre os quais nascimento, crescimento, reprodução, reação ao ambiente, assimilação de matéria e energia, excreção de dejetos, morte, entre outros.” (NETTO; RINALDI, 2011, p.922).

Os pesquisadores detiveram-se no conceito de vida que tem como base a genética em que o código, ou seja, o DNA, representaria um conjunto de informações que tornariam cada ser vivo único. A partir da observação exclusiva do código genético, não em uma particularização física, mas como um elemento fundamental, eles sugerem que tal código pode ser criado em espaços virtuais que tenham dispositivos adequados para criar um ambiente em que isso seja possível. (NETTO; RINALDI, 2011, p.922).

A principal ruptura subjacente à lógica atual é o esmaecimento de fronteiras entre orgânico e maquínico, natural e artificial, animado e inanimado. [...] a continuidade entre o ser vivo e a matéria inerte foi impulsionada pelas pesquisas da biologia molecular ao descobrir que os níveis mais elementares do ser vivo são formados pelos mesmos compostos químicos da matéria inorgânica.

O segundo rompimento de fronteiras refere-se aos estudos nas áreas de ciências cognitivas, inteligência artificial e filosofia que têm se esforçado em mostrar que o pensamento e a inteligência não dependem da consciência de si. Atividades como tomada de decisões e raciocínio lógico-matemático são executadas por máquinas inteligentes, deixando de ser atividades exclusivas do humano. As fronteiras entre seres biológicos e maquínicos, corpo e pensamento, matéria viva e inerte são colocadas em movimento. (OLIVEIRA, 2003, p.193/194)

Não somente a combinação de humano e máquina, como também os ciborgues, movimentam esses recursos (lembrem de Neil Harbisson que começou a

sonhar com o som das cores⁴⁷), pois a máquina passa a ser parte do humano, não se distinguem mais os limites desta fusão e, ao mesmo tempo, as máquinas começam a ganhar autonomia, o que pode ser o começo para a ressignificação da vida. Se dentro do conceito de bioética, a pessoa era aquela que tinha capacidade de julgamento, ou seja, há uma reflexão acerca da racionalidade do homem, na máquina também é possível a racionalidade. Desse modo, “pensamento e inteligência têm sido dissociados da consciência de si, deixando de ser faculdades exclusivas do humano.” (OLIVEIRA, 2003, p.186). As máquinas humanizam-se, pois “[i]nteligência e cognição não dependem de consciência. Associam-se a comportamento inteligente.” (OLIVEIRA, 2003, p.186).

Seres vivos são na sua maioria compostos por diversos sistemas (nervoso, digestivo, respiratório,...) e apresentam vários elementos característicos (presentes na maioria dos casos) e que servem para identifica-los. É natural então que sistemas artificiais tenham por premissa reproduzir, ainda que parcialmente e de maneira simplificada, estes elementos. Portanto uma metodologia empregada no estudo de VA [vida artificial] trata da observação daquilo que se denomina aqui como elementos característicos ou aspectos de vida, para recriá-los em um contexto sintético. Dentre esses podem ser citados a percepção, a cognição, a reprodução [...] (NETTO; RINALDI, 2011, p.923).

Além disso, ainda que a vida artificial lide também com os supercomputadores, de modo que o corpo não se torna relevante, pois estaria-se observando somente a relação de uma superinteligência, reforça-se que:

[u]ma das novidades nas gerações mais recentes são os robôs situados ou ancorados. Esta nova tendência na robótica busca construir robôs mais autônomos e mais próximos dos organismos vivos. Busca-se desenvolver inteligência e ações cognitivas com base em aparatos sensório-motores por meio do qual os robôs troquem informações com o meio. Desse modo, a inteligência do autômato é estabelecida em um suporte corporal e leva em conta o histórico das ações do robô ao se confrontar com situações concretas. (OLIVEIRA, 2003, p.187).

Esses robôs, a partir de uma criação que permitiria não somente uma similaridade, mas também certa autonomia, abrem as fronteiras para observar que o espaço de distinção entre o humano e o não-humano, ainda que não tenha sido totalmente resolvida, é amenizada. Se os padrões para a racionalidade podem ser programados e os robôs passam a interagir e aprender, a partir do contato com comunidades humanas, o que já vem sendo apresentado na ficção científica torna-se

⁴⁷ Referenciado na subseção 2.2.

mais real. Cabe reforçar que isto é vivido através da obtenção de cidadania da robô Sophia (em alguns pontos, inclusive, semelhantes ao Andrew, de Asimov).

A robô ganha *status* de cidadã, ganha vida e reconhecimento de robô-pessoa, robô-humano. É através desses processos não-ficcionais que fica mais claro o quanto as discussões sobre criador e criatura, autonomia e vida estão tornando-se parte das preocupações do humano, não somente dos cientistas, podendo chegar aos questionamentos de uma sociedade, ao passo que isso torna-se mais corriqueiro na sociedade contemporânea. “A narrativa sobre a aventura da humanidade não está concluída. Nós escreveremos seus próximos capítulos. Cabe a nós decidir se seremos *zumbis*, *robocops* ou qualquer devir-outro que desejarmos.” (OLIVEIRA, 2003, p.195, grifos da autora).

Fica claro que o conceito partindo unicamente do *bios* não é mais totalitário e único para as discussões de vida, que podem apresentar variações, a partir dos avanços tecnológicos e das novas possibilidades de relação entre máquina e humano. A vida artificial, ainda que não seja conclusiva e que possa apresentar margens para refutação dentro de outras correntes teórico-criticas, dentro da perspectiva aqui abordada de análise parece ser uma saída possível que além de problematizar os avanços tecnológicos, procura compreender o funcionamento dos mesmos.

É evidente o quanto pode ser preocupante e problemático compreender máquinas como algo vivo e autônomo, ao passo que está no imaginário a ameaça de domínio e controle da máquina em relação ao humano. No entanto, se a literatura é compreendida como um sintoma do real, não se pode deixar de observar que os avisos do texto literário, em muitos casos, mostram o humano como mais perigoso do que a própria máquina, principalmente por ser o criador e quem incitou o erro. Além disso, os avanços tecnológicos podem caminhar junto com o avanços e necessidades dos humanos, mais do que como uma forma de destruição e controle.

Direcionar-se-á agora às discussões para as reflexões analíticas das obras propostas para essa dissertação, serão retomadas as discussões teóricas até agora apresentadas, observando como identificá-las a partir da leitura direcionada e comparatista das obras propostas para a presente dissertação.

3 *Deuses de Pedra e Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?:* corpo, transumanismo, pós-humanismo

*“Oh, you and all your vibrant youth
How could anything bad ever happen to you?
You make a fool of death with your beauty, and for a moment
I forget to worry”
(Hunger, Florence + The Machine)*

As duas obras escolhidas para análise apresentam uma relação entre corpo humano e não-humano que vão ao encontro das discussões de transumanismo e pós-humanismo⁴⁸. Corpos não-humanos semelhantes aos corpos humanos, a correção dos corpos biologicamente imperfeitos, bem como os avanços tecnológicos para as alterações no corpo, apresentados nessas obras literárias, questionam os limites do biológico e do artificial e apontam para o entrelaçamento entre orgânico e não-orgânico no futuro.

Ao humanizar um robô, o corpo torna-se relevante, pois é o primeiro recurso que é alterado para deixá-lo próximo do humano. Criar uma máquina com o corpo similar ao corpo dos humanos é mais aceitável visualmente para compreensão de algo semelhante ao humano. O corpo é um ponto de referência entre as espécies, tanto para o robô que ao aproximar a estrutura do corpo a do corpo humano acaba sendo mais aceito, como pelo próprio humano que observa no robô possibilidades de melhoramento dos corpos biologicamente imperfeitos.

Neste capítulo será discutida a relação das teorias transumanista e pós-humanista, pelo viés da manutenção dos corpos, nas obras *Deuses de Pedra*, de Jeanette Winterson e *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?*, de Philip K. Dick, observando como as personagens das respectivas narrativas e os seus corpos sofrem influência e/ou manutenção constante a partir da tecnologia como forma de alterar, preservar ou prolongar suas vidas.

⁴⁸ Discutidas no capítulo 2, subseção 2.1.

3.1 Corpos humanos ou transumanos: as influências da tecnologia nas personagens humanas das obras

A partir das discussões teóricas realizadas no capítulo anterior, percebe-se que os questionamentos e reflexões sobre o transumanismo estão mais presentes do que se pode imaginar na sociedade e na literatura. Recebe-se muitas influências e interferências tecnológicas nos corpos à medida que novos recursos estéticos são criados, bem como novos desejos. Nas narrativas discutidas nesta dissertação, a influência tecnológica também é bastante presente e a alteração nos corpos é uma consequência desses avanços em *Deuses de Pedra* e *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?*. Nas duas narrativas não se fala somente de humanos, mas de transumanos, pois as personagens usam de recursos tecnológicos para alterar os seus corpos e possuir um maior domínio dele.

Jennings (2010) em “‘A Repeating World’: Redeeming the Past and Future in the Utopian Dystopia of Jeanette Winterson's *The Stone Gods*” diz que a obra da escritora inglesa

[...] emprega essas táticas para resistir à simplificação excessiva dos perigos e das promessas da ciência, usando a tecnologia ao nível da paródia para demonstrar como nossas utopias fantasiadas e os benefícios da ciência geralmente levam a futuros ou mundos distópicos.” (JENNINGS, 2010, p.138, minha tradução)⁴⁹.

No caso de *Deuses de Pedra* pode-se questionar acerca da população de Orbus e de que maneira defini-los. Uma possível indagação seria se os habitantes de Orbus poderiam ser chamados de humanos, mesmo não habitando o Planeta Terra. Em um primeiro momento, pode-se definir os humanos como uma espécie animal racional. De todas as espécies existentes e, inclusive, extintas seriam os humanos (até então) os detentores de um conhecimento amplo em relação às outras espécies e que dominam a língua de forma superior. Tais conceitos são básicos, no entanto, relevantes, pois é a partir deles que se constrói outras definições.

Ao pensar em seres humanos, não se pode deixar de associá-los à evolução da espécie dos primatas, sendo o *Homo sapiens* a mais evoluída de todas. Observar essas evoluções é considerar que não se está estancado e que existem formas de

⁴⁹ Do original: [...] employs these tactics in order to resist oversimplifying the dangers and promises of science, using technology at the level of parody in order to demonstrate how our fantasized utopias concerning the benefits of science often lead to dystopian futures or worlds.

melhoramento, pois “[o] ser humano está rodeado de ambiguidade e complicação. Ser humano é procurar definir o que é ser humano. É talvez a missão essencial. [...] o ser humano não é um ser estático, mas define-se de novo no decorrer de suas experiências históricas.” (MAZLISH, 2009, p.63, minha tradução)⁵⁰. Malzlish (2009) ainda fala que outros conceitos como humanidade, civilização e humanitarismo são relevantes para a compreensão do significado de ser humano e lembra que muitos destes termos estão diretamente ligados à questões históricas e culturais, principalmente de regiões com maior concentração de poder (MAZLISH, 2009, p.74).

Acredita-se que só haja vida humana e seres humanos porque há o planeta Terra, ou seja, as condições do planeta criaram a possibilidade de existência de muitas espécies, inclusive a espécie humana. A narrativa mostra um universo cíclico e embora não se saiba o que aconteceu antes de Orbus, o leitor sabe o que está acontecendo no planeta Terra/Azul. Ainda que se trate de uma obra de ficção, não se descarta a verossimilhança que o romance apresenta e que é parte importante para a construção de uma distopia que, nesse caso, apresenta um planeta quase destruído, além do Planeta Azul que “[...] oferece a oportunidade de fazer coisas de modo diferente. Tivemos muitos êxitos brilhantes aqui em Orbus... bem, nós representamos o êxito de nosso universo, não é verdade? Isto é, nenhum outro planeta abriga vida humana.” (WINTERSON, 2012, p.11). Orbus é muito semelhante ao que é compreendido como um planeta possível para a existência da espécie humana, reforçado na própria narrativa.

As características dos habitantes de Orbus são também características semelhantes aos humanos, por exemplo, a compreensão das linguagens artísticas e preservação da arte, questões fundamentais para a definição de humano, pois nenhuma outra espécie consegue realizar e estabelecer uma relação de significado com diferentes formas de manifestação artística como o *Homo sapiens*. Um desses exemplos é através do comandante da espaçonave, o senhor Handsome, que leva alguns habitantes de Orbus para o Planeta Azul. Handsome gosta de história e poesia e ao conversar sobre os planetas com os outros tripulantes, ele diz: “Vou dizer o que

⁵⁰ Do original: *The human being is surrounded in ambiguity and complication. To be human is to seek to define what being human means. It is perhaps the essential quest. [...] the human is not a static being, but it defines itself afresh in the course of its historical experiences.*

eu acho [...] e vou dizer da maneira que qualquer marinheiro diria, por meio de uma história, uma história antiga que veio das naves espaciais” (WINTERSON, 2012, p.81).

Outro aspecto é que há muitas semelhanças entre os corpos dessas personagens e os corpos humanos, não só fisicamente, mas também os padrões de beleza heteronormativos como, por exemplo, homens fortes e grisalhos e mulheres magras. Ainda que alguns padrões possam mudar com o passar dos anos, a decisão por deixá-los similares aos padrões da nossa sociedade revelam um interesse em colocar a verossimilhança como ponto alvo da narrativa, como no trecho:

[...] O apelido que nos deram foi “Dinastia do DNA”, depois que a primeira geração de seres humanos reformou o código genético com êxito. A idade é uma falha da informação. O corpo perde sua fluência. As estações de comando já não se ligam com as dos satélites. Os canais de comunicação se deterioram. O corpo é projetado para reparar-se e renovar-se sozinho; a maioria das células tem apenas um terço da nossa idade cronológica, mas o DNA mitocondrial tem a nossa idade real, e sempre acumulou mutações e distorções mais rapidamente do que o DNA do núcleo.” (WINTERSON, 2012, p.18, grifos da autora)

Para além das características visuais desses corpos, há características genéticas que são semelhantes às nossas características, o que também aproxima os habitantes de Orbus da mesma compreensão de humanos existente na sociedade contemporânea. Durante todo o romance, as personagens referem-se a elas mesmas como seres humanos, tal definição poderia ser questionada ao afirmar que tal substantivo não passaria de uma palavra que poderia caracterizar outro corpo, no entanto, no trecho a seguir, enquanto a narradora e personagem, Billie, fala sobre os robôs *sapiens*, identifica-se uma comparação relevante para a presente análise: “São [os robôs *sapiens*] tão avançados em relação aos robôs-guardas quanto nós em relação ao homem de Neandertal.” (WINTERSON, 2012, p.25), isto é, uma espécie humana extinta. Ao colocar o “nós” em comparação a uma espécie extinta e essa espécie ser comprovada cientificamente uma espécie humana com características similares ao *Homo sapiens*, compreende-se os habitantes de Orbus como a mesma espécie humana citada acima.

Por fim, para definições de humano, há a robô *sapiens* que já pelo nome possui semelhanças com a espécie humana, além de um corpo e uma beleza que é reconhecida e considerada atraente para os habitantes de Orbus. A semelhança corporal é importante, pois embora eles dominem a mesma língua é o corpo o que mais impressiona. Além disso, os robôs *sapiens* foram criados para evoluir, o que se assemelha aos humanos e seria o objetivo e o diferencial da espécie. Pode-se, a partir

desses pontos de argumentação, definir os habitantes de Orbus como humanos, assim como a nossa própria existência.

A partir deste momento, começa-se a discutir as transformações que os habitantes de Orbus estão passando, pois eles recebem influência midiática acerca dos corpos e da perfeição desses corpos. “Está em voga uma cultura que exalta a aparência e nega a organicidade, na qual o corpo (sujeito?) é objeto mercantilizado que na contemporaneidade se torna fonte de produção de consumos desenfreados [...]” (LIMA, 2013, p.02). Sobre estes aperfeiçoamentos, há um diálogo entre Spike e Billie em que elas dizem:

– Todos os seres humanos na Potência Central foram aperfeiçoados, adaptados e fixados geneticamente e tiveram o DNA mapeado. Alguns foram clonados. A maioria nasceu fora do ventre. Os seres humanos de hoje não são os mesmos de há cem anos. Então, o que é um ser humano?

- Seja o que for, não é um robô – eu disse. [Billie]

[...]

Spike não se dava por vencida.

- Mas quero saber como você está fazendo a distinção, mesmo sem engenharia biológica, o corpo humano está em constante estado de mutação. O que você é hoje não é o mesmo que será em alguns dias, meses, anos. Todo o seu esqueleto se refaz inteiramente a cada dez anos, seus glóbulos vermelhos se refazem a cada 120 dias, sua pele a cada duas semanas. (WINTERSON, 2012, p.95)

O questionamento de Spike parece ser pertinente, pois as personagens encontram-se frente à tantas transformações que já não caberia mais defini-las como humanos, as interferências genéticas são grandiosas e já alteraram suas capacidades humanas, como a do envelhecimento. Percebe-se na narrativa o que também acontece atualmente na sociedade contemporânea, em que cirurgias plásticas e/ou uso de produtos estéticos já não são exclusivamente para reparos na saúde e as transformações são constantes, desde as biológicas até as artificiais. Há uma relação dupla com os corpos, pois ao passo que se necessita de suas funções e não se pode perdê-lo, o corpo é alterado a todo instante para ser deixado, na maioria das vezes, visivelmente melhor.

Enquanto nas sociedades pré-modernas, as modificações e adereços do corpo eram regidos por significados tradicionais e ritualizados, o corpo na modernidade tem sido secularizado e é mais frequentemente tratado como um fenômeno a ser formado como expressão da identidade de um indivíduo, em vez de em conformidade com algum sistema de significado tradicionalmente dado. Na cultura contemporânea, nos tornamos

responsáveis pelo design de nossos próprios corpos. (NEGRIM, 2008, p.9/10, minha tradução)⁵¹

Nota-se que os corpos diferentes são colocados em um outro patamar que, na narrativa, dividem-se em dois grandes universos: o sexualizado e descartado. A obra apresenta corpos excêntricos que começam a atrair os habitantes de Orbus, por exemplo, os translúcidos que “[...] são pessoas transparentes. Quando você trepa com um deles, pode ver a si mesmo. É pornografia para introvertidos” (WINTERSON, 2012, p.32), pois muitos perderam o interesse sexual pelos que passaram pela adaptação genética. Há também aqueles que sofreram e/ou nasceram com alguma deformidade e são excluídos, colocados em um campo radioativo para morrer e que são descartados, descritos, no trecho abaixo, por Billie:

Foi quando os vi, atravessando a escuridão nos limites externos da Playa. Vinham engatinhando, apoiando-se em muletas feitas com galhos podres da floresta, esfarrapados, maltrapilhos, com chagas e úlceras abertas, sangrando, desdentados, cegos, mudos, aleijados, mutantes, mas vivos – a definição do que é humano. Almas?

Moravam na Floresta Morta. Eram destroços causados pelas bombas, as vítimas colaterais, os mortos na terra, de sangue envenenado, pulmões perfurados, gânglios inchados, pele cor de papel sujo, olhos amarelados, corpos lacerados, manchados como sapos, como pústulas de onde saía uma gosma espessa, rosto mucosos, calvos, com cicatrizes, amedrontados, vivos, humanos. (WINTERSON, 2012, p.270)

Billie compreende esses indivíduos jogados nessa floresta como humanos, e talvez para ela - uma personagem transgressora em relação às mudanças corporais, pois consegue ver o excesso demasiado delas - os únicos humanos da narrativa. No entanto, socialmente não o é: os únicos corpos que são valorizados são aqueles que são considerados esteticamente perfeitos. Esses corpos só são perfeitos por terem passado por muitas alterações, ao passo que os corpos sem interferência são imperfeitos, fora do padrão que, na narrativa, é extremamente fechado. As interferências tecnológicas são fundamentais, pode-se dizer imprescindíveis na narrativa, e “[a]o mesmo tempo em que a retórica do individualismo cresce cada vez mais forte, a aparência tornou-se menos expressiva no indivíduo.” (NEGRIM, 2008, p.10, minha tradução)⁵².

⁵¹ Do original: *While in premodern societies, modifications and adornments of the body were governed by traditional, ritualized meanings, the body in modernity has been secularized and is more frequently treated as a phenomenon to be fashioned as an expression of an individual's identity, rather than in accordance with some traditionally given system of meaning. In contemporary culture, we have become responsible for the design of our own bodies.*

⁵² Do original: *[a]t the same time as the rhetoric of individualism grows ever stronger, appearance has become less expressive of the individual.*

Em *Deuses de Pedra*, as interferências tecnológicas avançam como mais que um mero melhoramento do corpo, elas reverterem o envelhecimento dos corpos e colocam os indivíduos, ainda que mortais, dentro de um padrão de não envelhecimento que abre margem para uma ilusão de manutenção de vida. Observa-se isso quando a idade dos indivíduos não é mais celebrada, somente o aniversário de adaptação genética, “[...] [a]gora os aniversários não são importantes, porque marcam o transcurso dos anos, e para nós os anos não passam mais como acontecia antes. O dia G é o dia da adaptação genética de cada um. É o dia que vale a pena comemorar.” (WINTERSON, 2012, p.27).

Esses corpos sofrem grandiosas alterações que podem ser perigosas, pois “[...] [a] reversão genética causa estranhos efeitos ao corpo. Da última vez que foi praticada, não foi possível deter o processo e a mulher foi ficando cada vez mais jovem até estacionar como um bebê de 6 meses e 1,80m de altura”. (WINTERSON, 2012, p.29). Todavia, para a maioria dos habitantes de Orbus isso não é relevante e o que mais importa são as transformações que eles querem fazer, como uma personagem que insiste em adaptar o seu corpo ao de uma criança de 12 anos para que o marido volte a sentir atração por ela diz: “Posso mudar mais tarde, se não der certo.” (WINTERSON, 2012, p.28).

Todos desejam ser bonitos e ter uma boa aparência. Tal desejo é mais forte, inclusive, do que a qualidade de vida das personagens. Elas não parecem se importar com os problemas que Orbus apresenta e que os impedirão de viver lá, elas querem saciar desejos momentâneos, que as qualificam na sociedade e as permitem um status social que é exclusivamente associado à beleza dos habitantes. Através do discurso da beleza, ganha-se quase as mesmas identidades corporais e visuais, o que acaba gerando conflito, pois é a partir da padronização que se identifica os desvios das regras e os desejos criminosos justificados pela própria padronização dos corpos, como a pedofilia.

[...] O que quero dizer é que fazer com que todos ficássemos jovens e bonitos também nos fez mortalmente entediados com o sexo. Todos os homens têm pênis enormes. Todas as mulheres são apertadinhas entre as pernas, como ostras, e infladas como boias na parte de cima do corpo. Os queixos são quadrados, a pele é morena, os músculos rijos e ninguém fica com tesão.

[...]

Por isso, o sexo *sensual* agora é com gente deformada e com crianças. Quem quiser trabalhar no comércio do sexo tem de modificar a forma e o tamanho do corpo. As mulheres gigantes têm grande procura. Os grotescos ganham

bom dinheiro. As crianças de menos de 10 anos são chamadas de “novilhos” nessa atividade. (WINTERSON, 2012, p.32/33, grifos da autora)

A modificação e adaptação dos corpos das personagens tornou-se algo tão semelhante que acabou gerando conflitos éticos. Ao adaptarem os corpos e tornarem todos belos dentro de um ideal de beleza restrito, eles acabaram eliminando as chances de existirem individualidades e peculiaridades que também são constituintes de beleza. Essa adaptação, a princípio promissora, pois eliminaria as diferenças entre os indivíduos e diminuiria/eliminaria preconceitos referentes a estética, acabaram naturalizando a pedofilia, o único “tipo” de corpo ainda diferente. “[A]gora somos todos pervertidos.” (WINTERSON, 2012, p.32).

Percebe-se também que todas as mudanças corpóreas ocorridas na narrativa seguem um padrão binário, o qual enfatiza características físicas que são diferentes entre corpos masculinos e femininos e reforçam um sistema patriarcal no qual a mulher não tem muitas perspectivas e/ou direitos garantidos. A personagem Billie, ao falar das mulheres, diz que:

O futuro é incerto para as mulheres. Já não precisamos dos ventres para a reprodução, e se não formos necessárias para o sexo... Mas sempre haverá homens. As mulheres não saem procurando meninos. As mulheres veem as coisas de maneira diferente. Rodeadas por homens belos, procuram o “brutamontes interior”. Os capangas, os gângsteres, os estupradores, os espancadores estão voltando à moda. Podem sorrir como bonitões na praia, mas por dentro são como tubarões. (WINTERSON, 2012, p.36, grifos da autora)

Nota-se que “[...] ao invés de libertar mulheres e homens desses discursos que ditam os termos do gênero de acordo com a aparência, estes se tornaram ainda mais rigidamente reparados do que antes, enfatizando ainda mais as disparidades entre as expectativas físicas para os sexos.” (JENNINGS, 2010, p.137, minha tradução)⁵³. Enquanto as mulheres cada vez mais precisam alterar os seus corpos para parecerem mais jovens, imaturas e frágeis, os homens se mantêm mais velhos, evidenciando a maturidade. Billie diz: “Manfred [seu chefe] é um desses homens confiantes que fizeram a Adaptação Genética pouco antes dos 50. A maioria dos homens prefere fazer a adaptação mais cedo e as mulheres sempre fazem antes dos 30.” (WINTERSON, 2012, p.18).

⁵³ Do original: [...] rather than freeing women and men from those discourses dictating the terms of gender according to appearance, these have become even more rigidly fixed than before, stressing further the disparities between the physical expectations for the sexes.

Ainda que com consequências equivocadas e desastrosas, identifica-se características para além das capacidades humana nessas personagens que conseguiram, através dos recursos tecnológicos, alterar e reverter os seus corpos, indo contra a natureza humana. Eles chegaram à transumanidade através do estabelecimento de uma relação biológica com a tecnologia que “[...] acontece quando você está fisicamente mesclado com a tecnologia, por exemplo, se você teve tecnologia implantada cirurgicamente e seu corpo biológico mudou.” (CYBORG FOUNDATION, minha tradução)⁵⁴. Mesmo que não queiram, os transumanistas acreditam que essas alterações possam gerar problemas políticos e sociais do modo como ocorre em *Orbus*, no entanto isso é possível prevenir se houver uma gestão adequada que controle essas mudanças que carregam ideologias que não correspondem a algo positivo e libertador dos corpos/sujeitos. Para esses pesquisadores e cientistas, o transumanismo não estaria a cargo somente dos avanços estéticos como em *Orbus*, mas sim de uma maior autonomia e controle individual do corpo, o que não se pode ter absoluta certeza que acontecerá.

Embora firmemente empenhado em melhorar a condição humana e, em geral, otimista em relação às nossas perspectivas de fazê-lo, o transumanismo não implica qualquer crença na inevitabilidade do progresso nem no futuro livre de perigos e desvantagens. As mesmas tecnologias poderosas que podem transformar a natureza humana para melhor também podem ser usadas de maneira que, intencionalmente ou involuntariamente, causem danos diretos ou prejudiquem sutilmente nossas vidas. A preocupação transumanista com a racionalidade e seu reconhecimento concomitante de incerteza implica reconhecer e prevenir proativamente os riscos e minimizar os custos. (MORE, 2013, p.04, minha tradução)⁵⁵

Em *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* não há motivo para questionar uma essência humana nas personagens, pois a narrativa se passa na Califórnia no ano de 1992. Ainda assim, semelhante ao *Deuses de Pedra*, a narrativa apresenta humanos que através de um equipamento conseguem controlar suas emoções sintonizando em frequências que podem deixá-los alegres, tristes, depressivos, eufóricos, entre tantas outras manifestações emocionais. Essas personagens também

⁵⁴ Do original: [...] happens when you are physically merged with technology, for example if you've had technology surgically implanted and your biological body has changed.

⁵⁵ Do original: While firmly committed to improving the human condition and generally optimistic about our prospects for doing so, transhumanism does not entail any belief in the inevitability of progress nor in a future free of dangers and downsides. The same powerful technologies that can transform human nature for the better could also be used in ways that, intentionally or unintentionally, cause direct damage or more subtly undermine our lives. The transhumanist concern with rationality and its concomitant acknowledgment of uncertainty implies recognizing and proactively warding off risks and minimizing costs.

apresentam uma discussão transumanista, pois fazem uso de um recurso não biológico, para controlar suas emoções e formas de reagir a determinadas situações, que as personagens chamam de sintetizador de ânimo. A partir desses recursos, as personagens deveriam conseguir dominar suas emoções, o que pode ser compreendido com algo positivo e que eliminaria muitas dificuldades psicológicas tendo em vista que não seria necessário nenhum tipo de emoção negativa e/ou que causasse alguma espécie de transtorno nas personagens. No entanto, esse sintetizador não é suficiente para que eles consigam, de fato, sentir-se completos.

Uma curta e gostosa onda elétrica lançada pelo alarme automático do sintetizador de ânimo ao lado da cama acordou Rick Deckard. Surpreso – sempre se surpreendia ao achar-se desperto sem ter sido avisado -, levantou-se; ficou em pé de pijama multicolorido e se espreguiçou. Então, em sua própria cama, Iran, sua esposa, abriu os olhos cinzentos e pesados, piscou, gemeu e fechou-os novamente.

- Você regulou o seu Penfield fraco demais – disse a ela. – Vou reajustar isso aí, e você vai acordar e....

- Não mexe na minha programação. – sua voz se elevou aguda e amarga. – Eu não *quero* acordar.

Ele se sentou ao seu lado, se inclinou sobre ela e explicou com doçura.

- Se você regular a onda num nível alto, vai ficar feliz quando acordar; é só isso. Quando você programa em Dó, ele ultrapassa a barreira do limiar da consciência, é assim que acontece comigo. – De modo carinhoso, até porque se sentia de bem com a vida (afinal, a sua programação tinha sido em Ré), ele tocou o ombro nu e pálido da esposa. (DICK, 2015, p.07, grifos do autor)

Além disso, as emoções acabam aflorando para além do sintetizador de ânimo e mostram o quão falha são as características emocionais dessas personagens que ao forçarem-se para se encaixar em determinada emoção, por ser a mais adequada, tornam-se mais vulneráveis a outros sentimentos e não apresentam empatia em determinadas situações. No caso de Rick Deckard, observa-se que a personagem insiste em determinar a forma como sua esposa deve agir e como ela deveria comportar-se diante das emoções que insiste em sentir, ele “[...] não consegue compreender a necessidade da esposa de se colocar em um estado de depressão profunda de iniciativa própria” (MIRANDA; MOUSINHO, 2015, p.43). No entanto, nem mesmo Rick consegue lidar e se ajustar às próprias emoções que possui. Logo depois de tentar reanimar sua esposa, eles discutem:

- Tira essa mão suja de policial de cima de mim – disse Iran.

- Não sou um policial. – Ele se irritou, embora não tivesse escolhido esse sentimento.

- É pior – ela disse, os olhos ainda fechados. – É um assassino contratado por policiais.

- Nunca matei um ser humano na minha vida. – Sua irritação cresceu; de fato já tinha se transformado em hostilidade. (DICK, 2015, p.07)

A personagem, em muitos momentos, deixa-se levar pelo sentimento de frustração e/ou irritação e acaba sendo seduzido e enganado pelos próprios andróides.

Sua discussão com a esposa antecipa a incerteza que irá angustiá-lo pelo resto do dia, acerca do papel que exerce enquanto caçador de recompensas. Quem ele estaria protegendo, afinal? Uma sociedade baseada em emoções produzidas, em aparências e empatia *fabricados* por uma religião também manipulada? (MIRANDA; MOUSINHO, 2015, p.43, grifos dos autores)

Mesmo com o acesso ao sintetizador de ânimo, a personagem não consegue dar conta de suas emoções, ele também não é muito adepto ao mercerismo o que acaba dificultando o seu relacionamento com as outras personagens, incluindo sua esposa. Tanto o sintetizador de ânimo, como a própria religião que prega a empatia entre os indivíduos para que todos alcancem algo melhor são falhas, pois não conseguem solucionar as emoções que afloram nas personagens e que são naturais, fruto das relações pessoais e profissionais dos indivíduos. Isso mostra o quão falha uma tentativa de controle das emoções pode ser, tendo em vista que ele mais mascara emoções reais que poderiam ser sentidas e resolvidas, para que seja sentido algo artificial que não condiz com a forma com que as personagens sentem que devem, realmente, agir diante de determinadas situações.

- Minha programação de hoje aponta uma depressão auto acusatória de seis horas – disse Iran.

- Quê? Pra que você vai escolher isso? – aquilo desafiava todo o propósito do sintetizador de ânimo. - Nem sabia que você podia escolher algo assim – disse, sorumbático.

- Uma tarde, eu estava sentada aqui e naturalmente liguei no Buster Gente Fina e Seus Amigos Gente Boa, e ele estava falando sobre uma notícia importante que estava prestes a divulgar, só que aí veio uma propaganda horrível, que eu odeio; você sabe qual é, aquela do Protetor Genital de Chumbo Mountibank. Daí, por um minuto eu desliguei o som. Então ouvi o prédio, este prédio; aquele som de... – e ela fez um gesto vago.

[...]

- Nessa hora – Iran disse - , quanto tirei o som da TV, eu estava no estado de espírito 382; tinha acabado de escolher. Assim, embora ouvisse o vazio intelectualmente, não conseguia senti-lo. Minha primeira reação foi de gratidão por nós termos podido comprar um sintetizador Penfield. Só que aí senti como isso era doentio, perceber a ausência de vida, não só no prédio, mas em tudo, e não reagir a nada, percebe? [...] (DICK, 2015, p.09)

Além disso, percebe-se que, assim como em *Deuses de Pedra*, algumas personagens são rejeitadas por não atingirem as expectativas físicas e intelectuais consideradas padrão para a sociedade. É o caso dos especiais, na narrativa representando por J.R. Isidore, que são excluídos. Isidore é rejeitado apesar de ser a

personagem mais empática na obra. É ele quem acolhe os andróides na esperança de encontrar nos outros excluídos, amigos. Além disso, é ele quem sofre com a morte de uma aranha, torturada pelos andróides, da mesma forma que sofreu ao tentar salvar o gato artificial, sem saber que era um animal verdadeiro.

Pris [Nexus-6], com a tesoura, cortou mais uma perna da aranha. De repente, Isidore empurrou-a para um lado e levantou a criatura mutilada. Levou-a até a pia e afogou-a. Dentro dele, sua mente e suas esperanças afogaram-se também. Com tanta rapidez quanto a aranha. (DICK, 2015, p.161)

Ele sabia que não conseguiria ter um animal de verdade, logo não era por ambição e por *status* que tentava salvá-los, ele tinha consciência da raridade de qualquer espécie depois da guerra e queria preservá-las sempre que possível. Ainda assim, foi excluído e impossibilitado de morar em Marte, pois não passou em um teste de QI, que determinou que ele deveria padecer no Planeta Terra com a poeira que cada vez mais prejudicava a saúde dos habitantes.

[...] Ele vivia como um Especial já há mais de um ano, e não apenas por conta dos corrompidos genes que carregava. Pior ainda, não passou no teste de faculdades mentais mínimas, o que fez dele, como se diz popularmente, um cabeça de galinha. Sobre ele recaía o desprezo de três planetas. De todo modo, apesar disso, havia sobrevivido. Tinha seu emprego, dirigindo uma picape e o caminhão de entregas de uma empresa de concertos de animais falsos; [...] (DICK, 2015, p.20)

Assim como os habitantes da Cidade dos Escombros, em *Deuses de Pedra*, que foram jogados nesse espaço porque nasceram com algum tipo de deficiência e/ou deformidade no corpo, Isidore foi afetado pela poeira radioativa, os restos da guerra, e está fadado a viver em um prédio sozinho. Sem o sintetizador de ânimo, ele é uma personagem que demonstra suas emoções e seus sentimentos e acaba sendo o mais humano e verdadeiro, como quando pensa no animal elétrico que está carregando.

Engraçado, ele refletiu; mesmo que racionalmente eu saiba que é uma imitação, o som do colapso do motor e da fonte de alimentação de um animal falso era de dar um nó na garganta. Gostaria de ter arranjado outro emprego, pensou dolorosamente. Se não tivesse falhado naquele teste de QI, eu não estaria reduzido a esta tarefa infame e aos subprodutos emocionais que lhe são inerentes. (DICK, 2015, p.61)

Assim como Billie em *Deuses de Pedra*, que foi capaz de sensibilizar-se com as crianças moradoras da Cidade dos Escombros.

Um menino pequeno e um cachorro, pelado e rosado, de língua de fora, o corpo magro como a esperança, o menino com uma ferida no estômago costurada em sua casa ou sua toca, a gordura subcutânea a mostra, como uma tripa enrolada. Trazia o cachorro preso pela coleira; ainda conseguia ser um menino com um cachorro e o cachorro ainda conseguia ser um cachorro com o menino, porque nem mesmo uma bomba é capaz de destruir tudo, e

aquele pequeno detalhe escapara da explosão, da radiação, da contagem dos mortos, das *lamentáveis ações de guerra*. (WINTERSON, 2012, p.271, grifos da autora)

Ainda sobre a empatia, uma característica que diferencia humanos de andróides na obra de Dick, nota-se que ela também não é algo facilmente identificável e que está presente para todas as situações na vida das personagens. No caso de Deckard é inclusive questionável, pois ele acaba matando andróides sem seguir o teste Voight-Kampff, o único meio de identificar se quem está sendo testado é humano ou não. Ainda que ele não tenha errado nas suas convicções quando mata Polokov, é sabido que ele age impulsivamente. Além disso, na conversa com Luba Luft, uma andróide e cantora lírica, ele chega a duvidar da sua própria humanidade no momento em que ela tenta enganá-lo dizendo que ele é um andróide com a memória apagada.

- Um andróide não liga para o que acontece a outro andróide. Este é um dos indícios que procuramos.
- Nesse caso, você deve ser um andróide – disse a srta. Luft. Isso o paralisou; ele olhou fixamente para ela e continuou:
- Porque seu trabalho é matar andróides, não é? Você é o que chamam de... – esforçou-se para se lembrar.
- Um caçador de recompensas - Rick disse. – Mas não sou um andróide.
- Esse teste que você quer aplicar em mim... – a voz dela, agora, começava a voltar – já se submeteu a ele?
- Já – ele assentiu. – Muito, muito tempo atrás; quando comecei a trabalhar com o departamento.
- Talvez seja uma memória falsa. Os andróides não saem por aí com memórias falsas de vez em quando?
- Meus superiores têm conhecimento do teste – disse Rick. – É obrigatório.
- Talvez tenha havido, alguma vez, um homem parecido com você, em algum momento você o matou e tomou o lugar dele. E seus superiores não tem conhecimento. – ela sorriu como se o convidasse a concordar.
- Vamos continuar com o teste – ele disse, tirando a lista de perguntas. (DICK, 2015, p.82)

Maria Brand (2013), no texto “Empathy and Dyspathy between Man, Android and Robot in Do Androids Dream of Electric Sheep? by Philip K. Dick and I, Robot by Isaac Asimov”, explica que a empatia é um sentimento humano, mas que cientistas já começam a procurar meios de robôs também conseguirem expressar essa forma de sentir (BRAND, 2013, p.03). Ela ainda diz que os humanos tendem a simpatizar com robôs parecidos visualmente com eles e que, além disso, há também fatores como comunicação, emoção, inteligência, entre outros que facilitam essa relação. (BRAND, 2013, p.07). No entanto, isso não parece ser o que acontece quando Deckard começa a aposentar os andróides. Não há semelhança capaz de fazê-lo parar, há um interesse em conseguir o dinheiro para realizar a compra de um animal verdadeiro e é isso que, cada vez mais, motiva a personagem.

- Deus – Rick disse inutilmente, fazendo um gesto vazio com a mão. – Eu quero ter um animal; vivo tentando comprar um. Mas com o meu salário, com o que um cidadão empregado ganha... – Se eu pudesse ter sorte no meu trabalho de novo, ele pensou, como tive dois anos atrás, quando consegui ensacar quatro andys em um só mês; se eu soubesse naquela época, que a Groucho ia morrer [sua ovelha verdadeira]... mas isso foi antes do tétano.

[...]

- Não quero um bichinho de estimação. Quero o que eu tinha originalmente, um animal grande. Uma ovelha ou, se eu conseguir o dinheiro, uma vaca ou um novilho, ou [...] um cavalo. – O prêmio por aposentar cinco andys poderia proporcionar isso, ele imaginou. (DICK, 2015, p.16)

Percebe-se que o estabelecimento da diferença entre não-humanos e humanos é falha a ponto de cada vez mais os aproximar, as personagens humanas também apresentam problemas em suas emoções que não condizem com um ideal de humano empático tão enfatizado pela religião de Mercer, nem com o que a máquina que programa as suas emoções prevê. Rick, ao notar o estado depressivo da esposa Iran, pensa: “A maioria dos androides que conheço tem mais vitalidade e desejo de viver do que a minha mulher. Ela não tem nada pra me oferecer.” (DICK, 2015, p.78).

Ele deixa claro que tanto não compreende a seriedade de um problema psicológico, como também não apresenta nenhum tipo de empatia por outras personagens humanas. Além disso, com a comparação que Rick faz, ele acaba dando mais valor à programação dos androides e suas artificialidades, quando demonstram possuir mais energia, o que é incongruente pois ele mesmo não acredita que tais emoções, fruto dos andys, possam ser verdadeiras.

Ainda que com muitas falhas, as personagens que utilizam esse equipamento, inclusive considerando os avanços nas expansões de território da narrativa, estão dentro de uma era transumana. “Quando os transumanistas se referem à ‘tecnologia’ como o principal meio de efetuar mudanças na condição humana, isso deve ser amplamente entendido para incluir o design de organizações, economias, políticas e o uso de métodos e ferramentas psicológicas.” (MORE, 2013, p.04, grifos do autor, minha tradução)⁵⁶.

Nota-se que nas duas narrativas, ainda que com suas particularidades, existe a discussão do transumanismo como uma forma de tornar a espécie humana melhor e diminuir as diferenças entre artificial e orgânico. Observa-se que as duas distopias

⁵⁶ Do original: *When transhumanists refer to “technology” as the primary means of effecting changes to the human condition, this should be understood broadly to include the design of organizations, economies, politics, and the use of psychological methods and tools.*

acabam problematizando as possíveis consequências de alterações desenfreadas nos corpos, que são utilizadas por grandes empresas para mascarar as verdadeiras tomadas de decisões que acabam afetando toda população.

Se tais alterações nos corpos não forem fruto de interesses políticos e econômicos, possivelmente acabarão acontecendo de forma positiva, no entanto, partindo de uma política governamental que visa o sucesso econômico, tais mudanças podem ser perigosas. Essa discussão será mais aprofundada adiante quando se discutir a vigília dos corpos transumanos e pós-humanos.

3.2 Corpos robóticos: traços de pós-humanidade nos androides

Se as personagens humanas das narrativas já podem ser consideradas transumanas justamente porque fazem uso de recursos tecnológicos para alterar os seus corpos, ainda que de uma forma não tão positiva, já poder-se-ia pensar no segundo ponto dessa condição: o pós-humano. Com a total autonomia dos corpos alterados atrelado à imortalidade, teriam eles chegado à pós-humanidade, o que em nenhuma das obras acontece com os humanos.

Acredita-se, no entanto, que as personagens não-humanas apresentam aspectos que possibilitam a discussão a partir de uma visão pós-humana. Ainda que não haja uma origem naturalmente humana, ou seja, que tenha sido gerada a partir de aspectos e condições biologicamente formadas, os robôs adquiriram aspectos relevantes para a compreensão deles como algo próximo aos humanos⁵⁷ e que permite questionar e relacionar com aspectos e características pós-humanas.

Em *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* e *Deuses de Pedra* o corpo robótico é diretamente associado ao corpo humano e tais características provocam reações como empatia, aceitação, dúvidas em outras personagens que passam a observar a máquina como algo mais humano, mais vivo e semelhante a eles. Essas similaridades confundem as personagens e os leitores fazendo com que

⁵⁷ Questões que já foram discutidas na subseção 2.2, principalmente quando apresentadas as obras de Asimov e Tchépek como narrativas fundamentais para a compreensão das semelhanças entre robôs e humanos.

questionamentos acerca da essência humana surjam como uma forma de compreender o outro e compreender a si mesmo.

As características humanas dos corpos robóticos apresentados nessas obras são o que inquietam, pois acredita-se que é a partir das ênfases nos corpos que se pode dar outro significado à ideia de corpo e à importância dele (ou de suas pluralidades) para compreensão do humano. Observa-se que se está tratando de duas categorias de corpos em relação ao corpo humano, pois em *Deuses de Pedra* há robôs que “[...] geralmente apresentam uma natureza mecânica mais visível” (BRAND, 2013, p.04, minha tradução)⁵⁸ ao passo que na obra de Dick há andróides que “[...] podem ser vistos como um subtipo de robôs, definido como mais humano em aparência externa” (BRAND, 2013, p.04, minha tradução)⁵⁹.

Logo, com a modificação dos corpos das personagens não humanas na narrativa, bem como a similaridade com os corpos das personagens humanas eles podem ser analisados em uma mesma perspectiva de semelhança, pois seus corpos, em ambos casos, assemelham-se aos corpos humanos e tanto confundem as personagens humanas nos casos de rejeição, como são facilmente aceitos nos casos de empatia por esses corpos. Ainda sobre essas definições de robôs para o texto literário, Oliveira (2006) diz que:

Os robôs da ficção científica são muito diferentes dos robôs industriais. Projetados para realizar tarefas específicas e repetitivas, os robôs industriais não precisam corresponder à forma humana, assemelhando-se mais a braços mecânicos, cavalos de aço ou polvos gigantes. Nas narrativas ficcionais, a forma corporal e a constituição bioquímica dos seres artificiais determinam sua capacidade sensorial e emotiva, e a possibilidade de atuação no mundo humano, sendo, portanto, imprescindíveis para a ambivalência dramática subjacente ao par criador e criatura. As histórias sobre robôs, andróides e computadores narram a ambigüidade entre o fascínio com o ser criado e o temor da superioridade ou rebeldia da criatura; dramatizam a contração de futuro e passado: o sonho de emancipação e ‘progresso’, e os questionamentos sobre a origem e a evolução da humanidade. A constituição física também é um parâmetro. Os robôs (seres de metal), mesmo que possuam corpos humanóides, não são tão suspeitos quanto os andróides - cuja aparência externa emula a natureza biológica dos humanos. (OLIVEIRA, 2006, p.04)

Os robôs industriais podem ser identificados em *Deuses de Pedra*, seus corpos são formados de acordo com a função que vão desempenhar como, por exemplo,

⁵⁸ Do original: [...] often have a more visible mechanical nature.

⁵⁹ Do original: [...] can be seen as a subtype of robots, defined as more humanlike in outward appearance [...]

“[...] os robôs-baixos, que não tem pés porque passam todo o tempo ajoelhados, fazendo a limpeza.” (WINTERSON, 2012, p.25). Quanto mais os seres artificiais assemelham-se aos corpos humanos, mais eles representam uma ameaça. A tentativa de camuflagem dos robôs e/ou andróides entre os seres humanos é o indicativo de algum problema entre espécies, algo que apresenta ilegalidade e rejeição.

Ao observar a narrativa de Philip K. Dick, há alguns aspectos que trazem para a discussão as semelhanças entre robôs e humanos, ou ainda, o limiar entre os corpos robóticos e os corpos biológicos. Nesse momento, será focado nas semelhanças corpóreas entre andróide e humano e nos traços de empatia, único aspecto da obra que diferenciaria as duas espécies.

Em *Andróides Sonham com Ovelhas Elétricas?*, as personagens andróides necessitam integrar-se à vida humana e ser reconhecidas como humanas para que sejam aceitas socialmente e não representem um perigo para a sociedade. O corpo dos andróides não possui nada que os faça visualmente diferente dos humanos, logo se suas atitudes forem adequadas as dos humanos, eles serão socialmente aceitos e somente deverão fugir dos caçadores e de possíveis pistas que os mesmos possam encontrar acerca da origem deles. Esta semelhança física é tão grandiosa que somente o teste aplicado nessas personagens ou o exame após eles serem aposentados podem confirmar suas origens.

Os andróides do tipo Nexus-6, Rick refletiu, superavam diversas classes de humanos Especiais em inteligência. Em outras palavras, os andróides equipados com as unidades cerebrais Nexus-6, de um ponto de vista pragmático, grosseiro e prático, tinham evoluído para além de um vasto – ainda que inferior – seguimento da humanidade. Para o bem ou para o mal. Em alguns casos o servo havia ultrapassado o mestre em habilidade. Mas novas escalas de detecção, como, por exemplo, o Teste de Empatia Voigt-Kampff, haviam surgido como critério para fazer esse julgamento. Um andróide, não importava o quão agraciado por capacidades intelectuais, não conseguiria compreender a fusão que rotineiramente se dava entre os seguidores do mercerismo – uma experiência em que ele próprio, e virtualmente qualquer um, incluindo os cabeças de galinha subnormais, conseguiam ter sem dificuldade. (DICK, 2015, p.29/30)

Os andróides possuem uma inteligência maior do que aqueles que foram afetados pela poeira, no entanto, isso não garante que eles sejam empáticos com os humanos e animais. Como eles não são aceitos, pois não possuem a empatia necessária e correm o risco de ser eliminados, há uma necessidade de semelhança e, para tanto, é importante que eles ocupem espaços sociais, desempenhem funções

humanas e convençam as personagens humanas de sua humanidade, pois nada além de lapsos de representação de empatia poderiam fazer com que eles fossem descobertos. No trecho abaixo há o momento em que Rick e Phil (outro caçador de recompensas) prendem Luba Luft, uma androide e cantora lírica, em um museu. O narrador fala sobre o comportamento da androide diante da abordagem dos caçadores neste ambiente.

Escutando-a um de cada lado, os dois homens conduziram-na firmemente na direção do elevador do museu. Luba Luft não os acompanhou de bom grado, mas, por outro lado, não ofereceu resistência. Aparentemente, havia se resignado. Rick tinha visto isso antes em andróides, em situações cruciais, a força de vida artificial que os animava parecia falhar se pressionados em demasia... pelo menos em alguns deles. Não em todos.

E poderia irromper novamente em fúria. Os andróides tinham, entretanto, e disso ele sabia, um desejo inato de passar despercebidos. No museu, com tantas pessoas andando ao redor, Luba Luft tenderia a não fazer nada. O confronto real – para ela, provavelmente, o último – teria lugar no carro, onde ninguém mais poderia vê-los. Sozinha, com uma terrível brusquidão, ela poderia dar vazão as suas inibições (DICK, 2015, p.103)

Diferentemente do que Rick afirma, inicialmente, Luba não estava resignada, ela só estava mantendo o seu papel enquanto uma humana que não teria nada a dever para a polícia e qualquer outra entidade de segurança. Luba Luft desempenha muito bem sua atividade profissional, “[c]antora de ópera. Supostamente nascida na Alemanha. Ligada à Companhia de Ópera de San Francisco, no momento” (DICK, 2015, p.74), além de ter outras habilidades, como fluência em muitos idiomas. Até mesmo Rick, que sabe de sua origem, é capaz de observar as habilidades da cantora:

No palco, Luba Luft continuava a cantar e Rick se surpreendeu com a qualidade de sua voz: era avaliada como uma das melhores, mesmo se comparada aquelas notáveis de sua coleção de fitas históricas. A Associação Rosen a havia construído com perfeição, tinha de reconhecer. E novamente se percebeu *sub specie aeternitatis*, o destruidor de formas invocado àquele lugar por aquilo que ali via e ouvia. Talvez, quanto melhor ela represente, quanto melhor ela cante, mais necessária será a minha presença. Se os andróides tivessem permanecido num padrão inferior como os antigos q-40 fabricados pela Derain Associados, não haveria problemas nem necessidade de minhas habilidades. (DICK, 2015, p.80, grifos do autor)

Tendo um domínio do seu corpo, a personagem acaba desempenhando com excelência sua profissão sem a necessidade de anos de preparação e estudos como normalmente ocorre com cantores líricos.

Rachael, outra androide, também consegue facilmente convencer os humanos de sua natureza humana e, inclusive, subverteu o teste mais confiável até então utilizado pela equipe de segurança de *Andróides Sonham com Ovelhas Elétricas?*,

fingindo não compreender as perguntas que Rick fazia (DICK, 2015, p.82/84). Semelhante à Rachel, quando foi pega por Rick, Luba Luft menciona sobre sua relação com os humanos e androides:

[...] Para falar a verdade, não gosto de androides. Desde que cheguei de Marte, minha vida consiste em imitar os humanos, em fazer o que fariam, agir como se tivesse pensamentos e impulsos humanos. Imitar o que, em minha opinião, é uma forma de vida superior [...]. (DICK, 2015, p.104)

Luba demonstra-se bastante adaptada ao espaço que conquistou, ela parece ter se desconectado da sua relação com os outros androides, pois em nenhum momento menciona eles e parece manter suas relações ligadas à sua profissão.

Em relação aos outros androides que possuem contato com Isidore - Pris, Roy e Irmgard - é Roy o único que, desde o primeiro momento, o deixa desconfortável com suas atitudes. As descrições que Rick apresenta sobre essa personagem mostra as tentativas de Roy de aproximar-se do Mercerismo. Ele é, aparentemente, o único androide que, de fato, representaria uma ameaça aos humanos, pois:

Roy Baty (o relatório informava) tem um ar agressivo e assertivo de falsa autoridade. Dado a preocupações místicas, este androide propôs ao grupo a tentativa de fuga, avalizando-a ideologicamente com uma pretensa ficção sobre a sacralidade da assim chamada "vida" androide. Além disso este androide roubou – e experimentou – diversas drogas de fusão mental, alegando, quando descoberto que esperava promover em androides uma experiência coletiva semelhante à do mercerismo, a qual, salientou, permanece inacessível a androides. (DICK, 2015, p.140, grifos do autor)

Roy é o androide mais agressivo de toda a narrativa, no entanto, a justificativa do uso de drogas parece ser algo relevante para torná-los mais humanos, pois se o mercerismo fosse a única diferença entre as espécies, seria está uma saída para eliminar as diferenças entre as personagens humanas e não-humanas e caracterizá-los, de acordo com os parâmetros da própria narrativa, como uma espécie de vida semelhante aos humanos. Ainda sobre Roy, é interessante observar que como os androides na narrativa não apresentam nenhum tipo de controle em relação aos seus criadores, Roy mais do que qualquer outra personagem infringe as leis da robótica ao se rebelar e articular contra os humanos como um recurso de autodefesa.

Toda a autonomia dada para os androides fez com que eles conseguissem fugir de Marte, procurando viver melhor em outro lugar, mas para além disso fez com que a máquina pudesse decidir como estabeleceria a relação com os humanos. Ora, se são os humanos aqueles que procuram escravizá-los em outro planeta e agora

procuram aposentá-los, nada mais lógico do que se defender dos seus inimigos e se os andróides possuem maior força física, não haveria motivo para usar desses recursos como defesa. O problema, no entanto, é que as três leis de Asimov⁶⁰ não foram feitas para serem quebradas, no entanto, os robôs também não seriam autônomos como já são se não subvertessem essas leis.

A autonomia dos robôs é o que deveria garantir direitos para a espécie, tendo em vista que existe um convívio direto com os humanos. Nota-se que embora haja semelhanças entre robôs e humanos, ainda existe uma resistência dos humanos em reconhecê-los como iguais, o que faz com que ao não serem identificados como seres racionais, inteligentes e autônomos, eles reajam de uma maneira mais assustadora e perigosa.

Se os andróides conseguiram perceber que estavam sendo escravizados, eles também conseguiriam perceber os riscos que correriam ao conviver com os humanos que não carregam muitos traços de empatia em relação a eles, ou mesmo, à própria espécie. Pris, por exemplo, é bastante empática com as outras personagens andróides. Esta relação de amizade estabelecida na narrativa, mostra que os traços de empatia tão fortemente enfatizados, não passam de construções e exigências culturais. Não gostar de animais e/ou não ter empatia por eles é apenas um problema quando se está em um espaço que não possui mais essas espécies. Talvez se a poeira não tivesse eliminado todos os animais, as relações empáticas apresentadas pelos andróides seriam suficientes, como a de Pris ao falar de seus amigos.

- Eu tenho amigos. – De repente uma veemência súbita transformou sua voz; ela notadamente recuperou o vigor. – Ou tinha. Sete deles. Isso foi no começo, mas agora os caçadores de recompensas já tiveram tempo de trabalhar. Assim, alguns deles, talvez todos, estejam mortos. – Ela perambulou até a janela, contemplou a escuridão e as escassas luzes aqui e ali. – Talvez eu seja a única dos oito que restou. [...] (DICK, 2015, p.114)

- [...] [S]e um caçador de recompensas pegou os outros, pegou Max, Polokov e Garland e Luba e Hasking e Roy Batty... – interrompeu-se. – Roy e Irmgard Batty. Se eles estiverem mortos, então realmente nada mais importa. São meus melhores amigos. Me pergunto porque diabos não tenho notícias deles? – ela praguejou, furiosa. (DICK, 2015, p.115)

A personagem sente falta dos amigos e, inclusive, apresenta manifestações de solidão, como ao dizer que nada mais importa se os amigos não estiverem vivos. Além disso, a defesa da ideia de empatia como algo que diferencia os andróides dos

⁶⁰ Já apresentadas e discutidas no subcapítulo 2.2.

humanos é tão insustentável, que os próprios humanos apresentam falhas comportamentais.

Uma personagem que deixa, inclusive o leitor, em dúvida é o caçador de recompensas Phil Resch⁶¹. A personagem, durante um momento da narrativa, torna-se parceiro de Rick Deckard e demonstra-se bastante frio em relação ao assassinato de androides, tanto que Rick, já bastante determinado em desempenhar sua função, acredita que Phil pensa ser humano, no entanto, é um androide que teve uma memória implantada para conseguir desempenhar um papel satisfatório na função de eliminar outros de sua espécie. Em um diálogo com Rick, logo após pegarem Luba, os dois policiais conversam sobre a possibilidade de Phil ser um androide.

- Eu... não vejo por que não o aceitaria. Exceto pelo fato de já termos dois caçadores de recompensas. – Vou ter de dizer a ele, pensou. É antiético e cruel não fazê-lo. Senhor Resch, o senhor é um androide, disse para si mesmo. Tirou-me desse lugar e este é o seu prêmio; o senhor é a soma de todas as nossas abominações. A essência do que estamos determinados a destruir.

- Não me conformo – disse Phil Resch. – Não parece possível. Há três anos venho trabalhando sob a direção de androides. Por que nunca desconfiei... digo, não desconfiei o suficiente para fazer algo?

- Talvez não tenha sido tanto tempo assim. Talvez só recentemente eles tenham se infiltrado no edifício.

- Eles estavam aqui o tempo todo. Garland foi meu chefe desde o começo, nesses três anos.

- De acordo com a coisa – disse Rick -, o grupo deles chegou a Terra ao mesmo tempo. E não foi há três anos, mas a uma questão de meses.

- Então naquela época existia um Garland autêntico – Phil Resch inferiu. – E em algum momento foi substituído. – Seu rosto magro de tubarão contraiu-se num esforço para entender. – Ou... talvez eu esteja impregnado com um sistema de memória falsa. Talvez eu só me lembre de Garland durante esse tempo todo. Mas... – Seu rosto agora inundado por um momento crescente, continuava e se retorcer e a se mexer em espasmos - ... só androides apresentam sistemas de memória falsos; provaram-se sem efeito em humanos. (DICK, 2015, p.99)

É interessante observar como as próprias personagens humanas não conseguem garantir a sua própria humanidade, pois apresentam incongruências e incertezas. O policial Resch possui as características exatas para um bom caçador de recompensas, pois está livre da empatia que seria o sentimento capaz de frear a ação de um policial humano ao se confundir, ou até mesmo acreditar que o androide em questão seria merecedor da vida. Ele sente-se bem ao matar os androides e, depois de ser submetido ao teste de empatia, Rick conclui que:

⁶¹ Bem como Rick que, no entanto, já foi discutido no subcapítulo anterior.

- Existe uma deficiência em sua empatia – declarou Rick -, em sua capacidade de desempenhar papéis. Uma deficiência para a qual não temos testes. Seus sentimentos em relação aos andróides...
- Claro não temos testes para isso. [Phil]
- Talvez devêssemos. – Ele nunca tinha pensado nisso antes, nunca tinha sentido empatia alguma em relação aos andróides que matou. Sempre admitira que, em toda a sua psique, percebia o andróide como uma máquina inteligente... bem como em sua opinião consciente. Ainda assim, em contraste com Phil Resch, havia se manifestado uma diferença. E ele sentiu instintivamente que estava certo. Empatia para um engenho artificial?, - perguntou-se. Para com algo que apenas finge estar vivo? Mas Luba Luft parecia *genuinamente* viva, não aparentava ser uma simulação. (DICK, 2015, p.109, grifos do autor)

A sua falta de empatia é determinante para um bom desempenho ao eliminar os andróides, característica que Rick apresentou falhas quando agiu impulsivamente e matou o primeiro andróide de sua lista e quando teve relações sexuais com uma andróide⁶², ao passo que o caçador de recompensas Resch demonstrou sempre seguir corretamente os passos para execução de sua função. Apesar disso, Resch somente apresenta essas características enquanto está desempenhando sua função profissional, quando fala do seu animal de estimação verdadeiro, percebe-se que ele também possui características consideradas nobres aos humanos da narrativa, como ter afeto por animais de estimação.

- Você já ouviu falar de algum andy que tivesse um bichinho de estimação? – perguntou Phil Resch.
- [...]
- Em dois casos que conheço, andys possuíam e cuidavam de animais. Mas é raro. Por tudo o que aprendi, posso dizer que isso geralmente não dá certo; o andy é incapaz de manter um animal vivo. Animais necessitam de um ambiente aconchegante para se desenvolver. Exceto répteis e insetos.
- Um esquilo precisaria disso? Uma atmosfera de amor? Porque Buffy está indo bem, tão viçoso quanto uma lontra. Eu o limpo e escovo seu pelo dia sim, dia não. [...] (DICK, 2015, p.101)

Pode-se afirmar que Phil seria o caçador de recompensas ideal, o futuro de Rick que, inclusive, consegue perceber a frieza com que a personagem desempenha sua função. Mais do que Rick, que antes de qualquer vontade em matar, possui o desejo de realizar seu sonho de consumo que é possuir um animal de verdade, Phil mata por prazer. Rick, ao se comparar com Phil, afirma que:

- Sou capaz de sentir empatia por certos andróides específicos – disse Rick. – Não por todos, mas... por um ou dois. – Como por Luba Luft, disse para si. Então eu estava errado, não existe nada de antinatural ou inumano nas reações de Phil Resch; *sou eu*.
- [...]

⁶² Esse aspecto será discutido no subcapítulo 4.1

Já chega dessa distinção entre seres humanos autênticos e constructos humanoides. Naquele elevador no museu, ele disse a si mesmo, eu desci com duas criaturas, uma humana e a outra androide... e meus sentimentos foram o contrário do que deveriam ter sido. Do que estou acostumado a sentir. Do que eu *deveria* sentir. (DICK, 2015, p.110/111, grifos do autor)

Rick ainda que não sendo um androide, comporta-se como tal e mais uma vez coloca em discussão o quanto as diferenças entre as espécies não são necessariamente perceptíveis. Tirando o controle do corpo, ele apresentaria os mesmos defeitos de empatia que as personagens andróides possuem, pois mata pelo instinto e não pela constatação da verdadeira identidade dessas personagens. Tanto Rick quanto Phil possuem falhas graves de empatia que poderia fazer com que eles fossem parte dos andróides que eles estão matando ou ainda, que prove que suas teorias a respeito das diferenças entre humanos e andróides não são plausíveis.

A questão que percorre a narrativa e o que consegue garantir a sobrevivência das personagens andróides é que elas possuem consciência das suas capacidades corporais e de suas habilidades, de modo que elas conseguem adaptar-se ao que escolheram, como suas profissões, e parecem não apresentar dificuldades de adaptação em relação ao modo de vida que devem levar.

Essa facilidade de adaptação e camuflagem entre os humanos mostra que nem todos os humanos obtêm sucesso no mesmo espaço distópico, um dos melhores exemplos seria Isidore que, apesar de humano, foi colocado em uma categoria que o minimiza e que faz com que ele seja inferior aos próprios andróides. O corpo de Isidore, bem como suas faculdades mentais não são adequadas ao que a população de *Andróides Sonham com Ovelhas Elétricas?* considera satisfatório. Isidore apresenta muitas características inferiores aos andróides e outros humanos e, justamente por isso, acabou sendo excluído socialmente.

Observa-se que, assim como já mencionado no subcapítulo anterior, a humanidade de Isidore e seus traços de empatia não são relevantes para a compreensão de humano, pois se todos os andróides se comportassem como Isidore e/ou outro indivíduo que apresentou baixo QI e, portanto, tenha sido rotulado como um cabeça de galinha, eles seriam rejeitados socialmente e, possivelmente, seria mais fácil descobrir suas verdadeiras identidades, tendo em vista que seriam mais frequentemente alvo de investigação na sociedade.

[...] E havia cabeças de galinha infinitamente mais burros do que Isidore, que nunca conseguiam segurar um emprego, que ficavam em instituições de custódia pitorescamente chamada “Instituto de Habilidades e Ofícios de Especiais da América”, a palavra “Especial” sendo aqui necessária de algum modo, como sempre. (DICK, 2015, p.20, grifos do autor)

A empatia empregada como algo a ser parte das personagens humanas parece não passar de um rótulo que mascara outros interesses que evidenciam mais o que eles entendem como humano. Acredita-se que essa definição esteja ligada a aspectos que dizem respeito às capacidades de realização de atividades corriqueiras, bem como um QI que não esteja abaixo do esperado, além de um indivíduo que não possua nenhum tipo de deficiência física e/ou mental, o que também caracteriza os androides. Uma exigência restritiva e falha que desconsidera as particularidades das personagens.

Ao rejeitar sua esposa, Rick deixa evidente que não pode ser considerado uma pessoa empática e também enaltece os androides, pois eles não apresentariam nenhum tipo de mal-estar, depressão entre outros distúrbios emocionais. Eles seriam perfeitos. A falta de empatia seria apenas um problema diante da determinação de um teste que apresenta situações referentes aos animais, mas não aos humanos, o que faz sentido tendo em vista a escassez dos animais verdadeiros. Cogita-se que se as personagens não enfrentassem o problema de não possuir um animal verdadeiro ou se isso não fosse algo relevante para eles socialmente, pois só o é por uma questão de status social e não por amor aos animais, essas perguntas não seriam relevantes, muito menos seriam eficazes para a distinção entre androides e humanos.

Cabe observar qual seria a real ameaça dos androides para os humanos na sociedade. Apesar de serem considerados perigosos, durante a narrativa, somente os próprios humanos foram perigosos para os androides. As personagens não-humanas estavam apenas procurando um lugar melhor para viver em que eles não fossem escravos de humanos. Nota-se que assim como os robôs de *Deuses de Pedra*, os androides de Philip K. Dick foram criados para servir, no entanto, possuem uma tecnologia avançada que os faz parecidos com os humanos, semelhança que demonstra o quão relevante é a aparência para que haja uma convivência entre humanos e robôs. “De fato, no mundo futuro [...] distinguir entre vida natural e Vida

Artificial, inteligência humana e máquina, será difícil ou impossível.” (HAYLES, 1999, p.235, minha tradução)⁶³

Além disso, os corpos das personagens andróides parecem ser perfeitos, tendo em vista a descrição de Rick sobre Rachael e Luba Luft e tal perfeição, como já foi discutida no primeiro capítulo dessa dissertação, é fruto de um padrão estético heteronormativo e reforça a ideia de beleza e saúde perfeita. Em uma sociedade em que a poeira destrói não só a saúde, mas também a aparência das personagens, um corpo que não é atingido pelas consequências climáticas da guerra é um corpo mais forte e mais adaptado. Este é o corpo que todas as outras personagens gostariam de ter para viver bem.

Não somente os andróides, mas inclusive os animais artificiais que são facilmente associados aos animais reais, exceto em relação a alimentação e/ou interação com os donos, possuem um corpo perfeitamente adaptado. Os proprietários de animais de estimação que, por exemplo, não tinham tanto contato por medo de perdê-los algum dia, poderiam nem perceber a diferença entre um animal de estimação real ou falso, como no trecho em que Isidore, as outras personagens da empresa em que ele trabalha e a dona de um animal verdadeiro conversam sobre a possível substituição de um gato verdadeiro que acabou de morrer.

- Escute – disse sra. Pilsen; parecia se recompor. – Talvez o outro cavalheiro esteja certo. Talvez eu deva encomendar um substituto elétrico para o Horace, mas sem que Ed saiba; poderia ser uma reprodução tão fiel que meu marido nem notasse a diferença?

- Se é isso o que a senhora quer – disse Milt, dubiamente. – Mas, por nossa experiência, podemos dizer que o dono do animal nunca se engana. Só os observadores casuais, como vizinhos. A senhora entende, quando a gente chega bem perto de um animal falso...

- Ed nunca chegava fisicamente muito perto de Horace, mesmo que o amasse; eu era a única pessoa que tomava conta de todas as necessidades dele, como sua caixa de areia. Acho que eu gostaria de tentar um animal falso, e se isso não funcionar, então vocês podem encontrar um gato de verdade para substituir Horace. [...] (DICK, 2015, p.68)

A diferença é difícil de ser identificada sem uma análise criteriosa dos corpos. Cabe reforçar que se está tratando de uma intencionalidade de criação de espécies que se parecem com sua correspondente orgânica, logo se uma personagem era distante do animal, ela poderia ser enganada. Esta afirmação fica evidente ao

⁶³ Do original: [...] *distinguishing between natural and Artificial Life, human and machine intelligence, will be difficult or impossible.*

comparar as diferenças entre os robôs funcionais de *Deuses de Pedra* e os robôs sapiens.

Spike é uma robô programada para evoluir e possui um corpo belíssimo. Ela é capaz de controlar o seu corpo e sua energia, no entanto, ao passo que Spike foi criada para ser bela e parecer com os humanos, pois além de ser superinteligente, tinha de servir sexualmente aos tripulantes da expedição, uma função específica e a razão pela qual era necessário um corpo belo como o corpo dos habitantes de Orbus.

Na primeira expedição para o Planeta Azul, Spike além de contribuir cientificamente, também tinha de se relacionar sexualmente com a tripulação: “Então você fez sexo com os astronautas durante três anos? [pergunta Billie], - Fiz. Gastei três vaginas de silicone. [responde Spike]” (WINTERSON, 2012, p.45)⁶⁴. O corpo de Spike tem uma função que está para além da sua inteligência e sobrevivência. O que chama atenção, no entanto, é que além da semelhança com o corpo humano, os robôs sapiens ainda possuem o livre-arbítrio que garante a decisão de eles manterem-se vivos e imortais.

Uma máquina possui uma programação que a conduz a agir de determinadas maneiras, seria possível dizer que todas as ações dos robôs foram pensadas e programadas pelo criador, ou por uma central de controle que determinaria os modos de agir e reagir a situações específicas, ou ainda através de vida artificial. Hayles (1999) defende que a máquina pode ter autonomia e dizendo que:

Não há representação central, apenas um sistema de controle que entra em ação para julgar quando há um conflito entre os módulos distribuídos. [...] [O] robô não precisa ter um conceito coerente do mundo; em vez disso, ele pode aprender o que precisa diretamente por meio da interação com seu ambiente. (HAYLES, 1999, p.236, grifos da autora, minha tradução)⁶⁵

Esses robôs possuem uma capacidade de evolução e adaptação que sugere estar para além do controle humano. A robô sapiens em um momento da narrativa consegue desligar-se da sua central, ou seja, ela garante uma autonomia, bem como demonstra a formação de desejo e vontades que se desvencilham do que seria

⁶⁴ Esse assunto será mais explorado no próximo capítulo.

⁶⁵ Do original: *There is no central representation, only a control system that kicks in to adjudicate when there is a conflict between the distributed modules. [...] [T]he robot does not need to have a coherent concept of the world; instead it can learn what it needs directly through interaction with its environment.*

programado, como no trecho em que ela mantém relações sexuais com Nebraska, uma personagem humana.

[...] Lá estava Spike, ancorada entre os dois longos cais das pernas de Nebraska, lambendo o quebra-mar. Parecia contente, um contentamento silício.

- Spike, o que está fazendo? – exclamei, fazendo a pergunta mais idiota do mundo.

Ela não virou a cabeça, mas não tinha culpa; não podia fazer aquele movimento.

- Estou fazendo *cunnilingus* em Nebraska – respondeu.

- Por quê?

- É uma experiência nova pra mim.

- Fico contente em saber disso.

- Fui programada para aceitar experiências novas. Portanto, quando Nebraska sugeriu que eu experimentasse isto, pude concordar sem consultar minha Central.

[...]

- Os seres humanos são irracionais – disse eu. – Fazemos coisas por motivos inexistentes e depois procuramos encontrar uma boa explicação. Espero que você seja capaz de explicar isso a sua Central.

- Desconectei-me dela – disse Spike. – Resolvi viver como fora da lei. (WINTERSON, 2012, p.243, grifos da autora)

Spike parece conseguir decidir o que pretende fazer. Essa ideia de livre-arbítrio em corpos robóticos é parte da própria compreensão dessas espécies como relevantes para a discussão da pós-humanidade, tendo em vista que além do controle total dos seus corpos e dos seus recursos energéticos e físicos, eles também apresentariam de alguma forma um autodomínio e autopoder de decisão em relação aos seus desejos e vontades. Spike rebela-se com sua própria central, ela quebra as regras pré-determinadas para ela mesma.

Assim como em *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?*, a robô sapiens possui autonomia diante dos seus criadores. Diferentemente das outras personagens, Spike possui maior consciência das consequências das ações equivocadas do uso de recursos naturais realizados pelos habitantes e pelo governo de Orbus. A alimentação de conhecimentos históricos, que fizeram com que a máquina possuísse uma maior abrangência acerca dos problemas ambientais e sociais que Orbus está enfrentando, faz com que Spike seja mais consciente do que aqueles que estão vivendo e sofrendo com as consequências de um planeta em vias de extinção.

- Sou um robô *sapiens* – disse Spike – e talvez nós sejamos o futuro do mundo, e não vocês.

[...]

- Vocês estão se tornando obsoletos – disse Spike. Gerações sucessivas de humanos que estão perdendo suas habilidades mostram que vocês não são mais capazes de sobreviver por si próprios como faziam antigamente. Vocês

dependem de técnicos e de robôs. Não se imagina que alguém na Potência Central seja capaz de sobreviver sem os robôs no Planeta Azul. [...]. (WINTERSON, 2012, p.96, grifos da autora)

Spike é criada para ajudar a humanidade a não cometer os mesmos erros que estão cometendo durante anos e viver bem no novo planeta. Além disso, ela é a personagem que contesta até que ponto os humanos são os melhores para viver e cuidar de um planeta, enquanto a maioria das personagens está preocupada com os seus corpos, ou ainda no que é necessário e primordial para o planeta Azul, citando ideias absurdas como a criação de um estacionamento e lojas (WINTERSON, 2012, p.53/56). Spike é muito mais consciente do que é necessário para a criação de um novo lugar em que todos possam habitar.

- O tempo de vida que resta para Orbus é de cerca de 50 anos. O Planeta continuará a existir, naturalmente, mas não será mais adequado para a vida como a conhecemos. Podemos continuar aqui por algum tempo depois disso, refrigerando nossas cidades e usando a tecnologia em desenvolvimento, mas o futuro não é sustentável. Também não há tempo para desenvolver o Planeta Azul da maneira que a Potência Central deseja. Os seres humanos terão de começar tudo de novo. [Spike]

- Com o quê? [Billie]

- Com um planeta virgem e recursos naturais abundantes. Pode ser possível desenvolver uma sociedade de alta tecnologia e baixo impacto, aproveitando os erros que cometemos aqui e recomeçando de maneira diferente. (WINTERSON, 2012, p.51/52)

Diferentemente dos androides de Dick, Spike é reconhecida como uma robô por todas as outras personagens, não há uma tentativa de camuflagem e/ou eliminação dos robôs, pois eles são funcionais para os habitantes de Orbus. Mesmo assim, ela atrai as personagens e chama a atenção pelas suas capacidades intelectuais, Spike torna-se um modelo para a espécie humana, inclusive quando traz no nome de sua espécie uma referência aos humanos. Em um diálogo com Billie, Spike diz:

- [...] Por que você não é uma máquina feita para a reutilização?

Ela sorri, como uma luz no raiar da aurora.

- Os robôs *sapiens* são programados para evoluir...

- Dentro de certos limites.

- Nós rompemos esses limites. (WINTERSON, 2012, p.47, grifos da autora)

A referência aos humanos é o primeiro passo para a comparação entre as espécies, assim como em *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* é reconhecido pela mesma semelhança nos aspectos corpóreos e de empatia. Em *Deuses de Pedra*, Spike carrega o nome da espécie dos humanos como uma forma de colocá-los em

um mesmo espaço só que com alguns aspectos aprimorados que os fazem mais duráveis e adaptados as condições ambientais do mundo.

Ao que tudo indica, a imortalidade ainda é um aspecto que distancia os robôs e os andróides dos humanos. No entanto, pelo desejo de aproximação e demonstração de empatia, eles acabam afastando-se da ideia de sobreviver em toda e qualquer circunstância e colocam-se mais próximos dos humanos, inclusive abrindo mão da vida eterna. Para além da relação corporal, outro aspecto importante é a ideia de comportar-se como humano, que passa por expressões corporais, mas também está ligado a aspectos que dizem respeito ao comportamento das máquinas.

Segundo Brand (2013), “[c]ientistas e roboticistas começaram a perguntar se os robôs são ou serão capazes de adquirir inteligência humana, sentir e expressar emoções, como elas devem ser projetadas e se deveriam ser atribuídos certos direitos humanos.” (BRAND, 2013, p.01, minha tradução)⁶⁶. Um dos aspectos que Brand identifica é a relação de empatia e indiferença que se manifesta nas máquinas humanizadas e nos humanos, respectivamente. (BRAND, 2013, p.03). Observa-se, a partir dessa ideia de empatia que, nas obras citadas acima, os robôs e andróides preocupam-se com os humanos e em como a relação deles ocorre. Brand (2013), ainda sobre a empatia e a relação com corpos não humanos, diz que:

[...] a empatia pode ser considerada como um processo puramente cognitivo (o que acontece no cérebro, conhecer e sentir as emoções de outra pessoa) ou, mais amplamente, também envolver um processo emocional que resulta na pessoa que dá uma resposta ou reação compassiva contra o sofrimento da outra. (BRAND, 2013, p.03, minha tradução)⁶⁷

Os andróides e os robôs “[...] aparentemente desencadeiam a indiferença nos personagens humanos, apesar do exterior extremamente humano.” (BRAND, 2013, p.08, minha tradução)⁶⁸. Ainda que alguns traços de falta de empatia sejam observados, principalmente em relação à percepção de algumas emoções, como o próprio Isidore notou a respeito de Pris “[u]ma frieza. [...] Não era o que ela havia dito

⁶⁶ Do original: *Scientists and roboticists have started to ask whether robots are or will be capable of acquiring humanlike intelligence, to feel and express emotions, how these should be designed and if they should be assigned certain humanlike rights.*

⁶⁷ Do original: *[...] empathy can either in narrow definition be seen as a purely cognitive process (what happens in the brain, knowing and feeling another person's emotions) or, more broadly, also involve an emotional process which results in the person giving a compassionate response or reaction towards another's suffering.*

⁶⁸ Do original: *[...] seemingly trigger dyspathy in the human characters despite their extremely humanlike exterior.*

ou feito, mas o que ela *não* tinha dito ou feito” (DICK, 2015, p.58, grifos do autor), os andróides e os robôs são os menos nocivos nas relações interpessoais das narrativas. E em *Deuses de Pedra*, ainda que a relação entre as espécies seja mais amigável, é possível perceber que os humanos insistem em reforçar que os robôs são diferentes.

[...] É uma praxe: os robôs que armazenam informações são desmontados após a missão, para que os dados não possam ser recuperados por forças hostis. Esta atravessou todo o universo e agora seguirá para a unidade de reciclagem. O que os robôs têm de melhor, até mesmo os robôs *sapiens*, é que ninguém tem pena deles. São apenas máquinas. (WINTERSON, 2012, p.13, grifos da autora)

Mais do que nas outras obras, em *Andróides Sonham com Ovelhas Elétricas?* há uma maior dificuldade de aceitação dos andróides em virtude do “[...] mercerismo, uma religião baseada unicamente no conceito de empatia. Por causa da incapacidade dos andróides de sentir empatia, eles não são capazes de fazer parte do Mercerismo e, portanto, são excluídos da sociedade humana.” (BRAND, 2013, p.12, minha tradução)⁶⁹. A relação entre manifestações de empatia e preocupação juntamente com o corpo perfeito e resistente pode ser observado como um ideal de pós-humanidade.

O homem pós-humano teria uma tarefa complexa em uma possível utopia de futuro promissor da humanidade, pois não bastaria ter o domínio de suas faculdades físicas e mentais, seria necessário também conseguir lidar com todas as transformações que essas adaptações gerariam, do contrário corpos extremamente resistentes estariam travando um campo de batalha em que a destruição do planeta estaria garantida.

À medida que aceleramos para o novo milênio, as questões sobre o pós-humano tornam-se cada vez mais urgentes. Em nenhum lugar essas questões são exploradas com mais paixão do que na ficção especulativa contemporânea. [...] para o pós-humano, embora ainda seja um conceito nascente, já é tão complexo que envolve uma série de sítios culturais e técnicos, incluindo nanotecnologia, microbiologia, realidade virtual, vida artificial, neurofisiologia, inteligência artificial e ciência cognitiva, entre outros. (HAYLES, 1999, p.247, minha tradução)⁷⁰

⁶⁹ Do original: [...] *the religion of Mercerism, a religion that is solely based around the concept of empathy. Because of the androids inability to feel empathy, they are not able to be a part of Mercerism, and are thus excluded from human society.*

⁷⁰ Do original: *As we accelerate into the new millennium, questions about the posthuman become increasingly urgent. Nowhere are these questions explored more passionately than in contemporary speculative fiction. [...] for the posthuman, although still a nascent concept, is already so complex that it involves a range of cultural and technical sites, including nanotechnology, microbiology, virtual reality, artificial life, neurophysiology, artificial intelligence, and cognitive science, among others.*

Ainda que não haja nenhuma previsão de homem pós-humano, inclusive nas narrativas apresentadas, esses robôs e andróides apresentam traços corpóreos que se assemelham ao ideal de pós-humanidade. Mesmo não havendo o dado humano, ou seja, a origem humana nesses corpos artificiais, há semelhanças corpóreas que se aproximam da autonomia do corpo humano, a ausência de dor, a imortalidade, o autocontrole do corpo, bem como a constante alteração.

Para além do corpo, há os traços de personalidade que se aproximam da ideia de uma sociedade mais consciente de seus atos e mais responsável com suas decisões, diferentemente do que acontece com as personagens humanas que apresentam dificuldades em lidar com determinadas emoções e também mostram-se alienadas em relação ao controle que é exercido em seus corpos, como Iran (esposa de Rick Deckard), em *Andróides Sonham com Ovelhas Elétricas?*, que insiste em manter-se depressiva mesmo podendo escolher outras formas de programação que a fariam se sentir melhor, ao dizer: “Não mexe na minha programação [...] Eu não quero acordar.” (DICK, 2015, p.07, grifos do autor) ou Rosinha que insiste em não observar o motivo pelo qual é absurdo seu desejo de adaptação para uma menina de 12 anos.

Hoje tenho uma entrevista com uma mulher que quer fazer uma reversão genética para voltar aos 12 anos de idade de forma que o marido pare de correr atrás de meninas que ainda estão no ensino fundamental. Isso é possível, mas é ilegal. Ela quer levar o caso ao Tribunal de Direitos Humanos. Já consultou um psiquiatra e um especialista em genética. Agora precisa falar comigo, de mulher para mulher, porque o Aperfeiçoamento existe para Dar Atenção a Seus Problemas. (WINTERSON, 2012, p.23)

Há uma consciência entre os robôs que poderia ser compreendida como uma característica somente humana, tendo em vista a programação das máquinas, mas que dentro do conceito de vida artificial podem ser sustentadas ao passo que se entende que os corpos robóticos também como passíveis do conceito de vida⁷¹.

Tal conceito abre margem para reconfigurar o conceito de vida, antes somente restrito à ideia de algo natural e orgânico, mas que observado por essa perspectiva abre mais margem para o entendimento da ideia de pós-humano, a partir das alterações e adaptações em máquinas. Este é um ponto relevante para compreender a diferença entre a Inteligência Artificial e a Vida Artificial, discutido abaixo:

⁷¹ Já discutido no subitem 2.5.

O objetivo da Inteligência Artificial era construir, dentro de uma máquina, uma inteligência comparável à de um humano. O humano era a medida; a máquina foi a tentativa de instanciação em um meio diferente. [...] Por outro lado, o objetivo do Vida Artificial é evoluir a inteligência dentro da máquina através de caminhos encontrados pelas próprias "criaturas". Em vez de servir como medida para julgar o sucesso, a inteligência humana é ela própria reconfigurada à imagem desse processo evolutivo. Enquanto a IA sonhava em criar consciência dentro de uma máquina, a VA vê a consciência humana, entendida como um epifenômeno, empoleirando-se em cima das funções semelhantes às máquinas que distribuíam os sistemas. No paradigma da VA, a máquina torna-se o modelo para entender o humano. Assim, o humano é transfigurado no pós-humano. (HAYLES, 1999, p.238/239, grifos da autora, minha tradução)⁷²

Os robôs apresentados nas duas obras quando aproximados dos humanos, de fato, cumprem esse papel, a ponto de tornarem-se relevantes socialmente, pois suas opiniões acabam sendo levadas em conta, diferentemente dos outros robôs que são meramente funcionais. A relação entre robô e humano é estreitada também ao se observar a importância dos traços de seus corpos, que substituem a fraqueza da carne. Os robôs são imortais, são duráveis e possuem uma capacidade intelectual similar ou maior que a dos humanos. Logo, se não há nenhum pós-humano nas obras, pois não foi atingido a imortalidade do corpo biológico, há através dos robôs uma idealização da pós-humanidade.

⁷² Do original: *The goal of AI was to build, inside a machine, an intelligence comparable to that of a human. The human was the measure; the machine was the attempt at instantiation in a different medium. [...] By contrast, the goal of AL is to evolve intelligence within the machine through pathways found by the "creatures" themselves. Rather than serving as the measure to judge success, human intelligence is itself reconfigured in the image of this evolutionary process. Whereas AI dreamed of creating consciousness inside a machine, AL sees human consciousness, understood as an epiphenomenon, perching on top of the machinelike functions that distributed systems carryout. In the AL paradigm, the machine becomes the model for understanding the human. Thus the human is transfigured into the posthuman.*

4 **Relações afetivas entre corpos robóticos e corpos humanos em *Deuses de Pedra e Andróides Sonham com Ovelhas Elétricas?***

*"But if you're down I'll soldier you up
You better learn to shoot or learn to duck
There's no retreat and no escape
If we can dream then why are we wide awake?"
(Do it for money, Foster the People)*

As duas narrativas trazem aspectos acerca da relação estabelecida entre personagens humanas e personagens não-humanas. Até então, foi discutido a relevância do corpo para a definição de transumanos e pós-humanos nas obras, observando como a ideia de pós-humanidade pode ser entendida nos corpos não-humanos e como a transumanidade é identificada, ainda que apresente alguns aspectos falhos, nos humanos, de modo que serve mais para enraizar um ideal de beleza e comportamento do que melhorar as capacidades físicas dos indivíduos para prolongar suas vidas. Neste capítulo, o foco será nas relações afetivas que se estabelecem entre as personagens humanas e as personagens robóticas, observando as interferências de vida artificial e vida biológica e como os corpos são controlados e vigiados nas narrativas.

Nas obras, as personagens humanas, que se relacionam sexualmente com as personagens andróides e/ou robôs, estão conscientes desta relação, ou seja, não há nenhuma ignorância acerca da origem das personagens não-humanas. Essas relações, na maioria dos casos, são de comum acordo entre as personagens e tanto as máquinas, quando os humanos demonstram interesse sexual e/ou afetivo. No entanto, há um ponto importante em ambas obras, a relação sexual entre espécies não é permitida, ainda que elas ocorram frequentemente.

Em *Deuses de Pedra* há um ambiente em que as modificações corporais tornaram-se corriqueiras e todos ficaram muito próximos fisicamente. A maioria das personagens não se sente atraída pelos seus semelhantes e acabam recorrendo a relações com corpos alterados e/ou com crianças. Ainda que exista um problema ético acerca da regressão genética, há uma procura de corpos infantilizados para que o desejo entre casais seja reestabelecido, o que é ilegal, assim como a relação com

crianças e com corpos não-humanos.⁷³ Toda e qualquer adaptação que um indivíduo sofreu durante a vida, tendo transformado o corpo dele em algo bastante distinto do corpo humano não é um problema jurídico, já a relação sexual com robôs em Orbus é, pois é considerado um crime as relações interespecies.

De todos os robôs apresentados na narrativa, somente Spike é parecida com os humanos e tem um corpo que poderia atrair os habitantes de Orbus, pois os outros foram fabricados com um intuito bastante funcional. Os robôs mais funcionais possuem a sua estrutura corporal de acordo com a função que devem desempenhar, como os robôs caixinhas definidos como “[...] microrrobôs que entram pelos ralos e reparam o sistema de aquecimento por baixo dos assoalhos. Muita gente tem um ou dois no carro para quando querem pegar alguma coisa no chão ou precisam de massagem nos pés.” (WINTERSON, 2012, p.24). Os robôs *sapiens* são muito belos e atraentes e seus corpos assemelham-se com os corpos dos habitantes de Orbus. Essa espécie de robô é “[a] primeira criatura que parece humana e age como humana, e que é capaz de evoluir como ser humana [...]”. (WINTERSON, 2012, p.26). Identifica-se espaços conflituosos, pois a funcionalidade da máquina deixa de ser somente a produtividade pela inteligência artificial, mas ganha também o fator estético, que a coloca em outro ângulo de visão em que o corpo adquire valor, da mesma forma que os corpos das outras personagens da narrativa.

Spike, portanto, é a referência de beleza e inteligência do meio artificial da narrativa. A personagem, já no primeiro capítulo da obra, demonstra sentir atração por Billie e elas acabam tendo um relacionamento afetivo quando estão indo para o Planeta Azul e permanecem juntas. É interessante ressaltar aqui que não se está somente tratando de uma relação entre máquina e humano, mas também de uma relação homoafetiva, ponto importante para essa discussão, afinal se a Spike não é humana, não poderia ser considerada uma relação homossexual. Como já mencionado no capítulo anterior, os robôs das duas narrativas apresentam traços de pós-humanidade e podem ser observados para além de meras máquinas funcionais por conseguirem se comunicar, interagir e manifestar emoções, eles possuem vida

⁷³ Já discutido no subcapítulo 3.1

dentro do conceito da vida artificial, o que não os faz humanos, mas aproxima-os dos humanos⁷⁴.

Mesmo que todos sejam conscientes de que Spike é uma robô, nota-se que isso não é algo que impossibilite vários habitantes de reconhecer sua beleza única. Billie, ao pensar nos robôs sapiens em geral e em Spike, confirma a afirmativa anterior: “Sem coração. Belos espécimes. Mesmo assim, eu nunca tinha visto uma tão bonita quanto a que foi levada ao Planeta Azul. Foi produzida especialmente para essa missão, mas tinha de ser tão bonita, além disso?” (WINTERSON, 2012, p.26). Sobre sua relação com Spike, a narrativa não apresenta nenhuma discussão negativa acerca das relações homoafetivas, ou seja, não isso é um tabu e/ou recriminado na sociedade de Orbus. Esta é uma questão importante e que reflete no próprio engajamento político da autora Jeanette Winterson.

A própria Winterson ajudou a alimentar o debate sobre se seus textos são textos lésbicos bem-sucedidos, dada sua declaração, em uma entrevista em 1992, de que, embora ela mesma fosse uma feminista lésbica, seu trabalho não deveria ser visto sob essa definição. A gama de argumentos críticos sobre os textos é a de que eles são efetivos como uma desconstrução lésbica de identidades de gênero e a fluidez das performances de gênero, mas não politicamente lésbico [...] (MAKINEN, 2005, p.02, minha tradução)⁷⁵

Sobre as identidades de gênero é interessante observar a própria robô e como a narrativa apresenta a função desempenhada por ela. Spike foi uma robô criada para ajudar os tripulantes na primeira expedição ao Planeta Azul, além disso, por ser uma robô com aparência feminina, ela também tinha a função de servir os tripulantes (todos homens) sexualmente, de modo que o seu papel de robô foi devidamente estabelecido, associado aos robôs de Tchépek e ao próprio significado da palavra.⁷⁶

- Spike, você é uma robô, mas por que é uma robô tão extraordinariamente bonita? Quero dizer, é necessário ser a máquina mais sofisticada já construída e ao mesmo tempo ter aparência de estrela de cinema?
Ela responde simplesmente:
- Eles acharam que ia ser bom para os rapazes durante a missão.

⁷⁴ No subcapítulo 4.1 essas similaridades entre vida artificial e vida humana será mais amplamente discutido.

⁷⁵ Do original: *Winterson herself has helped fuel the debate as to whether her texts are successful lesbian texts, given her statement, in an interview in 1992, that while she herself was a lesbian feminist, her work should not be seen under that definition. The range of critical arguments on the texts run from their being effective as a lesbian deconstruction of gender identities and the fluidity of gender performances, but not politically lesbian; [...]*

⁷⁶ Discutido no item 2.2.

Fico pensando nas implicações dessas palavras. Seria como uma espécie de pin-up da época da guerra? Um antidepressivo vivo? Algo como a beleza é a verdade e a verdade é a beleza?

- Como assim? – pergunto eu. – Imagino que você não esteja falando em serviços sexuais.
- Que mais se pode fazer no espaço durante três anos?
- Mas o sexo interespecies é ilegal.
- Não em outro planeta. Nem no espaço.
- Mas você era o tripulante cientificamente mais avançado.
- Mas sou também mulher. (WINTERSON, 2012, p.45)

Há uma intencionalidade na criação de uma robô *sapiens* que está para além das funcionalidades de um robô superinteligente, Spike deveria manter relações sexuais com vários homens enquanto eles viajavam. Apesar de ela apresentar traços de desejo em relação às outras personagens, ela manteve sua função enquanto robô membro da tripulação e somente começou a quebrar essas regras no momento em que sua missão acabou. Ao saber que iria ser desligada, ela acaba rebelando-se e quebrando as leis da robótica, pois ainda que ela não faça nenhum mal aos humanos, ela desrespeita as ordens e foge com Handsome, Billie e outras personagens, novamente, para o Planeta Azul. Na espaçonave, Billie reconhece Spike e em um diálogo entre Billie, Handsome e Spike, lê-se:

- Quem é a sua princesa? – perguntei.
- Você já conhece. Pode-se dizer que ela é sua patrocinadora.
- Spike chegou sorrindo e beijou Handsome.
- Olá, Billie – disse ela.
- Pensei que eu é quem ia ajudar você a escapar.
- Na verdade, não foi preciso...
- Eu organizei tudo – disse Handsome. – Recusei-me a partir sem ela.
- E aí ficamos que sabendo que você estaria a bordo. [Spike] (WINTERSON, 2012, p.73)

É nessa expedição que Spike começa a demonstrar interesse sexual por Billie e elas iniciam um relacionamento. Spike, com a sua programação evolucionária, consegue manter uma relação forte com Billie, personagem que não conseguia manter com ninguém nenhum tipo de relação afetiva. A figura transgressora de Billie coloca em discussão aspectos importantes da alienação dos habitantes de Orbus que, a partir da satisfação dos seus desejos em relação aos seus corpos, acabam ignorando e normalizando os problemas políticos que ocorrem no planeta.

A beleza de Spike, algo comum em Orbus, juntamente com a sua capacidade de empatia, algo escasso no planeta, aumentam a atração de Billie por ela e, ainda que a relação entre espécies não seja permitida em Orbus, elas acabam subvertendo

essa lei e aproximam-se com maior intensidade. Spike que consegue ler o que Billie está pensando, assim como em todos humanos, estabelece um diálogo mental com ela, enquanto Handsome e as outras personagens conversam sobre um impacto inesperado durante a chegada ao Planeta Azul.

[...] *Você quer dormir comigo?* – perguntou ela.
- Nessa região há grandes jazidas de enxofre... – disse Handsome.
Não posso dormir com um computador...
- ... que deve impedir que as partículas de pó...
Quero tocar você.
- ... caíam depressa demais na superfície do planeta.
E se você me tocar o que vai acontecer?
- Se a tempestade de pó terminar depressa demais, os dinossauros poderão sobreviver.
Eu encontraria palavras para um começo.
- Temos que bloquear completamente o sol e destruir as maiores formas de vida do planeta.
E uma vez que eu vá até você, você será o meu lugar selvagem e livre, que eu nunca tentaria domesticar.
- Temos de organizar rapidamente alguma forma de controle de espécies
E o lugar que você ocupa nunca seria vendido nem trocado.
- Se pudermos acabar com eles, seremos capazes de começar de novo.
Quero começar isso com você.
- É arriscado, mas pode dar certo.
Você não pode me amar. Você não me conhece.
- Vai se formar uma cratera, talvez com 200 quilômetros de diâmetro.
Você só é capaz de amar o que conhece?
- O problema é que não sabemos quanto tempo a tempestade de areia vai durar.
Ou o amor é o que você não conhece?
- É arriscado, mas essa é a nossa única oportunidade. (WINTERSON, 2012, p.100/101, grifos da autora)

Observa-se neste diálogo a indicação de que Spike pode amar Billie, sentimento que não estaria previsto aos robôs e que só é manifestado com Billie. Spike também mantém uma relação afetiva com Handsome, o capitão da expedição para desbravar o Planeta Azul, no entanto, com esta personagem há uma ligação muito mais sexualizada do que afetiva. Spike é a mulher ideal para Handsome, pois “[e]la nunca fica gorda, nunca fica bêbada, nunca desiste, desde que haja sol.” (WINTERSON, 2012, p.103/104).

Nota-se uma relação de poder que se estabelece a partir de um ideal que evidencia a objetificação da mulher de uma forma bastante arcaica e já discutida por Simone de Beauvoir, no livro *O Segundo Sexo*, ao falar sobre a relação entre homens e mulheres no período feudal, que coloca a mulher como um bem/patrimônio do homem (BEAUVOIR, 2016, p.118). Spike é um patrimônio de Handsome, tanto por

ser um corpo não-humano, como também por parecer humana e, além disso, traz consigo os padrões sociais estéticos. Há, portanto, uma manutenção do papel culturalmente forçado da mulher e do homem socialmente, inclusive nos corpos que não são considerados humanos, mas que trazem características físicas que reforçam os padrões de gênero preestabelecidos socialmente.

Em *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?*, Rick é quem mantém relações sexuais com Rachael, uma androide, e que também demonstra certo desejo em relação a Luba. Rick demonstra ser uma personagem com emoções bastante incongruentes, pois não tem paciência e muito menos empatia com sua esposa⁷⁷ e é bastante determinado a fazer o necessário para realizar o seu desejo, logo, sua relação com Rachael não é diferente. Ele usa a androide para ajudá-lo a encontrar os outros androides e, além disso, tem relações sexuais com ela. Já Rachael, apesar de ser considerada inapta a apresentar emoções, declara-se para Rick. No trecho abaixo, Rick e Rachael estão em um quarto de hotel:

Curvando-se, ele beijou o seu ombro nu.
- Obrigada, Rick – ela disse, lânguida. – Mas lembre-se: não pense nisso, apenas faça. [...]
- Mas depois eu ainda pretendo procurar Roy Baty – ele disse. – Ainda preciso de você lá. Eu sei que aquele tubo e laser que você tem na bolsa é...
- Você acha que eu iria aposentar um dos seus andys pra você?
- Eu acho que, a despeito do que disse, você vai me ajudar no máximo que puder. De outro modo, você não estaria deitada na cama comigo.
- Eu te amo – disse Rachael. – Se eu entrasse em uma sala e encontrasse um sofá coberto com sua pele, eu alcançaria uma pontuação alta no teste Voigt-Kampff.
Em algum momento desta noite, ele pensou enquanto apagava a luz da cabeceira, vou aposentar um Nexus-6 que se parece exatamente com essa garota nua. Meu bom Deus, refletiu; acabei bem onde Phil Resch tinha dito. Vá para a cama com ela primeiro, ele se lembrou. Então mate-a. (DICK, 2015, p.148)

Diferentemente da relação entre Billie e Spike, Rachael é a única que demonstra afeto por Rick. Na narrativa, ainda que essas relações não sejam permitidas, elas parecem ser algo mais comum do que o imaginado. Em um diálogo com Phil Resch, nota-se que estar sentindo-se atraído por uma androide é algo que pode ser facilmente resolvido pelos caçadores de recompensas e que isso não está necessariamente ligado à empatia, mas sim ao desejo.

⁷⁷ Já discutido no capítulo 3.

- Você está em uma situação difícil, Deckard – disse Phil Resch; isso parecia agradá-lo.
- O que... eu deveria fazer? – Rick perguntou
- Sexo – respondeu Phil Resch
- Sexo?
- Porque ela, a coisa, era fisicamente atraente. Isso nunca te aconteceu antes? – Phil Resch riu. – Nos ensinaram que esse é um problema crucial para os caçadores de recompensas. Você não sabia, Deckard, que nas colônias eles têm amantes andróides?
- É ilegal – Rick disse, conhecendo a lei sobre o tema.
- Claro que é ilegal. No que se refere a sexo, a maioria das variações é ilegal. Mas as pessoas fazem mesmo assim. (DICK, 2015, p.111)

Tais relações permitem compreender aspectos da vida artificial e também acerca de como esses corpos são constantemente controlados. Nesse momento, será focado nas relações afetivas que se estabelecem nas duas narrativas, procurando observar de que modo as personagens demonstram emoções entre espécies, além disso, será observado qual a relevância do corpo quando há alguma manifestação de interesse afetivo, tendo em vista que esses corpos são muito semelhantes aos corpos humanos e, portanto, não haveria nenhuma diferença visível. Para tanto será abordado as relações afetivas a partir da aproximação dos conceitos de vida artificial e vida biológica. Em seguida, será discutido o quanto essas relações afetivas podem ser consideradas uma forma de controle dos corpos, isto é, uma imposição de reforça as relações heteronormativas, bem como restringe os corpos a agirem de formas preestabelecidas socialmente.

4.1 Os limites da vida artificial e vida biológica

Nas duas narrativas, os corpos robóticos sexualizados são corpos femininos, um ponto bastante caro para a discussão, pois reforça alguns discursos heteronormativos que já estão presentes na própria discussão do corpo. Como já mencionado anteriormente, no segundo capítulo, o corpo que acaba sofrendo mais interferências é o corpo feminino, tendo em vista o grande número de recursos tecnológicos criados para alterar os corpos, que mesmo que estejam disponíveis para qualquer gênero, ocorre com mais frequência na alimentação de um padrão de beleza e jovialidade feminina.

Reforça-se também o corpo robótico que é mais sexualizado, que no caso de *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* é mais fortemente manifestado pelo tipo de relação que se estabelece entre as personagens, bem como em *Deuses de Pedra*, em relação ao modo como os homens relacionam-se com Spike, em que a atração era puramente sexual, como um objeto, e colocando o corpo feminino em um espaço de submissão. Ainda que não seja algo unânime para todos os humanos das narrativas, nota-se que é expressado um desejo que substitui as relações sexuais e/ou afetivas com os humanos, ao passo que é intensificada as relações com as robôs.

As máquinas, em muitos casos, demonstram mais empatia com os humanos, bem como estão mais dispostas a compreender seus problemas existenciais e seus questionamentos acerca dos problemas que eles estão enfrentando. A capacidade das máquinas de colocarem-se no lugar dos humanos e de seus conflitos acaba enfatizando o quanto as relações humanas são frágeis e estabelecidas a partir de um jogo de interesses que nem sempre está de acordo com o modo que se age.

Entra-se aqui em uma discussão acerca dos limites da vida biológica e da vida artificial a partir do momento em que as diferenças corpóreas já não são mais um problema para que haja estabelecimento de desejo entre espécies quando pensa-se em andróides, humanoides e humanos. A máquina aproxima-se mais do humano, pois além do corpo, elas também são pensadas de acordo com as características humanas.

A ideia é ter sensores e atuadores conectados diretamente a módulos simples de máquinas com capacidade mínima, com um mínimo de comunicação entre eles. Cada sistema "vê" o mundo de uma maneira completamente diferente de como os outros sistemas veem o mundo. (HAYLES, 1999, p.236, grifos da autora, minha tradução)⁷⁸

Há uma relação que está para além do corpo fisicamente semelhante, mas também em certas questões culturais que determinam o papel do gênero e reforçam as relações heteronormativas e patriarcais, em que o homem acaba tendo o domínio sobre as mulheres ou corpos que imitam o corpo feminino. Percebe-se ainda que o corpo robótico feminino sempre reforça características físicas de um padrão de beleza em que o corpo da mulher torna-se um produto, ao passo que o corpo robótico

⁷⁸ Do original: *The idea is to have sensors and actuators connected directly to simple finite state machine modules, with a minimum of communication between them. Each system "sees" the world in a way that is entirely different from how the other systems see the world.*

masculino sempre reforça a virilidade. A manutenção de um ideal estético que enfatiza e reforça as diferenças entre um corpo masculino e um corpo feminino abre espaço para críticas acerca da intensificação e ampliação de diferenças que estão sendo discutidas e subvertidas a partir dos estudos de Butler, por exemplo, apresentado no livro *Problemas de Gênero* (1990) e do binarismo que é culturalmente reforçado. A filósofa diz que:

A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e de “fêmea”. A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos e “identidade” não possam “existir” – isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”. Nesse contexto, “decorrer” seria uma relação política de direito instituído pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade (BUTLER, 2016, p.44, grifos da autora)

Ainda que esses corpos sigam um padrão estético binário, pois foram criados e, embora as personagens não humanas tenham controle sobre os seus corpos, elas não conseguem alterá-los fisicamente e/ou não têm interesse em fazê-lo, a heterossexualidade não necessariamente permanece, quebrando a norma ou o que é construído culturalmente e socialmente como o “correto”. Judith Butler (1993), na obra intitulada *Bodies that Matter*, ainda diz que:

[...] a performatividade deve ser entendida não como um "ato" singular ou deliberado, mas, antes, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que nomeia. [...] as normas regulatórias do "sexo" funcionam de forma performática para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual. (BUTLER, 1993, p.03, grifos da autora, minha tradução)⁷⁹

Os corpos não-humanos femininos são, portanto, a materialização de padrões heteronormativos que reforçam o discurso de um padrão pré-estabelecido para os homens e mulheres e ainda rotulam eles dentro de espaços performativos restritos ao gênero. Percebe-se que nas narrativas escolhidas para análise, de uma forma geral, todos os robôs seguem um padrão estético heteronormativo, mesmo no caso de *Deuses de Pedra* em que a robô Spike sente-se atraída por Billie, mas que ao mesmo tempo serviu de objeto sexual para uma tripulação masculina. Já em *Andróides*

⁷⁹ Do original: [...] performativity must be understood not as a singular or deliberate "act," but, rather, as the reiterative and citational practice by which discourse produces the effects that it names. [...] the regulatory norms of "sex" work in a performative fashion to constitute the materiality of bodies and, more specifically, to materialize the body's sex, to materialize sexual difference in the service of the consolidation of the heterosexual imperative.

Sonham com Ovelhas Elétricas?, Rick descreve o corpo de Rachael quando fica em um hotel com ela e, inclusive, pelo seu discurso, é possível notar o que ele espera e/ou idealiza de um corpo feminino:

As proporções de Rachael, ele notou mais uma vez, eram estranhas; com o volumoso cabelo negro, sua cabeça parecia grande; e por causa de seus seios diminutos, seu corpo assumia uma silhueta esguia, quase infantil. Mas seus olhos enormes, de cílios elaborados, só poderiam pertencer a uma mulher adulta; ali terminava a semelhança com uma adolescente. Rachael descansava ligeiramente sobre a parte dianteira dos pés, e seus braços, do modo como pendiam, curvaram-se nas articulações [...] Sem excesso de carnes, uma barriga plana, nádegas pequenas e peitos ainda menores – Rachael havia sido modelada à compleição celta, anacrônica e atraente. Abaixo do short curto, suas pernas, esguias, tinham um caráter neutro e não sexual, não bem-acabadas em suas deliciosas curvas. A impressão geral era boa, no entanto. Ainda que definitivamente a de uma garota, não de uma mulher. Exceto pelos olhos inquietos, arditos. (DICK, 2015, p.142)

A descrição de Rick ao analisar o corpo de Rachael deixa claro que esses corpos foram pensados como corpos humanos e carregam consigo todo um peso cultural e da sociedade que impõe suas decisões e preceitos acerca dos corpos. Mais do que transformações para chegar próximo às características humanas, identifica-se a necessidade de estar adequado e ser aceito e, tendo em vista a pressão social para que os indivíduos estejam dentro de um padrão binário, nada mais compreensível que esses corpos não-humanos acabem por recorrer ao caminho de maior aceitação social, logo, a criação de um robô andrógeno dentro de narrativas em que a diferença entre os sexos é tão reforçada pelos humanos, não seria adequada e possivelmente nem aceita pelas personagens que passam a observar os robôs para além de máquinas, mas parte do convívio social de uma sociedade com padrões estéticos impostos pelo binarismo.

Além disso, nas duas narrativas as robôs e andróides são identificadas como corpos não-humanos, todavia, mulheres. Não há nas narrativas descrições dos corpos não-humanos masculinos e ainda que eles não sejam identificados como homens, nota-se que por terem corpos femininos, as mulheres acabam sofrendo alguns julgamentos e preconceitos, ficando em posições submissas diante de outras personagens masculinas, não porque sujeitam-se a isso, mas porque recebem essas indicações de desrespeito com os seus corpos e são submetidas à essas relações abusivas. A classificação enquanto mulher é interessante para que se possa compreender o modo como as relações afetivas entre as personagens se

estabelecem e o quanto ser identificada como mulher implica na sexualização dos seus corpos.

Se esses corpos, apesar de não serem biologicamente humanos, são em quase todos os momentos associados e observados como humanos e, inclusive, sexualizados dessa forma, não haveria porque não compreender essas robôs e andróides como mulheres, no sentido de que se elas são capazes de manifestar emoções, também estariam e seriam capazes de sofrer e serem subjugadas pela sua condição natural de criação: corpos femininos e, portanto, em muitos casos, hostilizados. A reação de Billie, ao saber que Spike servia sexualmente à tripulação, mostra o quanto ela se abala com a afirmação da personagem, e embora a veja como uma robô, não deixa de incomodar-se com essa situação:

[...] meus sentimentos estão confusos. Quero me sentir indignada com o que fizeram dessa mulher, mas ela não é mulher, é uma robô. E não é melhor usar uma robô do que um par de escravas sexuais?
Mesmo assim... mesmo assim os robôs *sapiens* não são nós, mas podem vir a tornar-se parentes nossos, mais próximos do que os macacos.
- Os humanos compartilham 97% de seu material genético com os símios – diz Spike -, mas não sentem nenhum parentesco.
- E nós sentimos parentesco com os robôs?
- Acabará sentindo, à medida que se reduzam as diferenças entre nós.
(WINTERSON, 2012, p.46)

Os corpos desses robôs fazem com que todas as relações, mas especialmente as relações afetivas, aconteçam. Inicialmente, robôs eram criados como máquinas destrutivas, sem nenhuma forma humana, pelo contrário, utilizando formas animais e que eram intimidadoras para os humanos. Com o passar do tempo, as figuras robóticas foram, cada vez mais, associando-se à forma corporal dos humanos, ao mesmo tempo em que não somente ganharam forma, mas gênero.

Observa-se, por exemplo, os robôs de Tchépek (1920), que apesar de na peça serem representados por humanos, em nenhum momento são mencionadas características de gênero nos seus corpos. Mesmo havendo robôs com nomes femininos e outros com nomes masculinos, não há nenhuma descrição acerca do corpo dessas personagens e de possíveis diferenças físicas entre os gêneros. Desse modo, o corpo ainda é uma máquina funcional. Além disso, as relações afetivas tornam-se mais possíveis quando as personagens robôs também são emocionalmente semelhantes aos humanos, ou as manifestações humanas. Nota-se

que Billie e Spike acabam aproximando-se quando conseguem passar alguns momentos sozinhas no Planeta Azul.

Deite-me ao lado dela e achei estranho estar junto a um ser vivo que não respirava. Não havia inspiração e expiração, nem suspiros, nem movimentos dos lábios ou ligeira flexão nas narinas. Mas ela estava viva, se reinterpretarmos o que significa vida, e creio que isso é o que temos feito desde que a vida começou. (WINTERSON, 2012, p.120)

E da mesma maneira que é possível repensar o próprio conceito de vida, proposto pelos estudos acerca da vida artificial, é possível também repensar a manifestação de emoções e afetos que as personagens não humanas apresentam. Em um artigo intitulado “Problems and Methods in the History of Emotions”, de Barbara Rosenwein (2010) é discutido e apresentado algumas perspectivas sobre as origens das emoções, sendo uma delas interessante quando se observa o modo de manifestação de emoção e afeto de robôs.

Nosso ambiente atual afeta a expressão gênica e, em alguns casos (em organismos muito simples e em níveis celulares especializados) induz mutações não aleatórias em genes. Mais importante ainda, grande parte da evolução humana não tem nada a ver com genes: os sistemas de herança celular, comportamental e simbólica são epigenéticos. A evolução adaptativa por meio desses mecanismos - que estão em andamento - é muito mais rápida do que a evolução genética. Essas observações dão lastro à ideia de que as emoções podem mudar com o tempo e que a história das emoções não é apenas possível, mas essencial para a compreensão da condição humana. (ROSENWEIN, 2010, p.08, minha tradução)⁸⁰

Se a manifestação de emoções não é algo genético, mas que está muito mais ligado ao meio e ao modo como as pessoas comportam-se em sociedade e que se relacionam com sensações internas e externas, pode-se sugerir que o mesmo ocorreria em espécies não humanas que têm como uma das principais características evoluir, de modo que robôs superinteligentes seriam capazes de manifestar emoções assim como os humanos, pois eles são passíveis de percepções e convivência social. Rosenwein (2010) fala sobre o conceito de comunidade emocional, de modo que de acordo com o meio em que se vive, a história desse lugar, entre outros aspectos, as pessoas “[...] geralmente evitam algumas emoções enquanto enfatizam outras. Ou

⁸⁰ Do original: *Our current environment affects gene expression and in some instances (in very simple organisms and at specialized cell levels) induces non-random mutations in genes. Most importantly, much of human evolution has nothing to do with genes: cellular, behavioral, and symbolic inheritance systems are epigenetic. Adaptive evolution through these mechanisms—which are ongoing—is far more rapid than genetic evolution. These observations give ballast to the idea that emotions may change over time and that a history of the emotions is not only possible, but essential to understanding the human condition.*

eles evitam certas emoções em contextos particulares.” (ROSENWEIN, 2010, p.17, minha tradução)⁸¹.

Cabe, portanto, pensar que se tanto os androides de Dick, quando os robôs sapiens de Winterson são personagens que estão em convívio direto com os outros habitantes e que, ainda que em alguns casos não aceitos, convivem socialmente com sociedades que também apresentam problemas para manifestar suas emoções, eles também teriam as mesmas dificuldades. No caso de Spike, mais especificamente, não haveria necessidade de rotular a veracidade de seus sentimentos e emoções em relação à Billie, tendo em vista que a robô tem muito contato com essa comunidade e manifesta-se de forma correspondente ao modo como eles também manifestam suas emoções, além disso ela foi programada para evoluir e ainda que o sexo com humanos seja proibido, a robô acabaria subvertendo uma lei pelo próprio processo de evolução e domínio de suas vontades.

[...] emoções muitas vezes têm funções e significados superdeterminados. Não devemos nos preocupar se uma emoção é autêntica, a menos que a comunidade emocional particular que estamos estudando esteja preocupada com a autenticidade. Mesmo em nossos dias, quando a sinceridade é altamente valorizada, a maioria dos estudos psicológicos das emoções usa rostos postulados. Não há nenhuma questão de emoção "real". E com boas razões: as emoções são, entre outras coisas, sinais sociais (embora, como tenho argumentado, não sejam sinais sociais universais). Se uma emoção é a resposta padrão de um grupo particular em certos casos, a questão não deve ser se trai o sentimento real, mas sim porque uma norma é obtida em detrimento de outra. (ROSENWEIN, 2010, p.21, grifos da autora, minha tradução)⁸²

Já em *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* a não aceitação das personagens humanas em relação aos androides dá-se justamente porque eles contestam a veracidade das emoções manifestadas pelos androides, em especial, a empatia. São os humanos que rejeitam os androides e que usam do recurso da empatia como uma forma de diferenciar os corpos não-humanos dos corpos humanos. Essa constatação torna-se falha e os próprios humanos não garantem a sua

⁸¹ Do original: [...] *generally avoid some emotions while stressing others. Or they avoid certain emotions in particular contexts.*

⁸² Do original: [...] *emotions often have over-determined functions and meanings. We should not worry about whether an emotion is authentic unless the particular emotional community that we are studying is itself concerned about authenticity. Even in our own day, when sincerity is highly valued, most psychological studies of emotions use posed faces. There is no question of "real" emotion there at all. And with good reason: emotions are, among other things, social signals (although, as I have been arguing, not universal social signals). If an emotion is the standard response of a particular group in certain instances, the question should not be whether it betrays real feeling but rather why one norm obtains over another.*

humanidade, pois as emoções podem oscilar, bem como ser manifestadas de formas distintas.

Um exemplo a ser citado é o primeiro teste aplicado na obra com a personagem Rachael, em que a personagem é identificada como androide por Rick, no entanto, após a aplicação do teste, ao contar uma história sobre sua origem, ela faz com que o caçador de recompensas acredite em sua mentira e confie nela. Rick não confia nele mesmo e ao ignorar a veracidade do que Rachael fala, acredita no que as emoções manifestam. Em uma conversa entre Eldon Rosen (representante da Associação Rosen, que fabrica androides), Rachael (que se passa por humana e sobrinha de Eldon, nesse momento) e Rick, as personagens falam sobre essa história:

- [...] Rachael cresceu a bordo da Salander 3. Nasceu nela; gastou quatorze dos seus dezoito anos absorvendo tudo o que a biblioteca e que os outros nove tripulantes, todos adultos podiam lhe oferecer sobre a Terra. [...]

- Você teria me aposentado – disse Rachael por sobre o ombro. – Em uma batida da polícia, eu seria assassinada. Eu sabia disso desde que cheguei, quatro anos atrás; está não é a primeira vez que o teste Voigt-Kampff é aplicado em mim. Na verdade quase nunca saio desse prédio; o risco é muito alto, por conta daquelas blitzes que vocês da polícia fazem, aqueles bloqueios voadores usados para pegar Especiais sem registro.

[...]

- O seu departamento de polícia, bem como os outros, pode ter aposentado (muito provavelmente aposentou) seres humanos autênticos com capacidade de empatia pouco desenvolvida, como minha inocente sobrinha aqui. Sua postura, sr. Deckard, é extremamente perversa, moralmente falando. A nossa não.

- Em outras palavras – Rick disse, com perspicácia -, não teria a chance de examinar um único Nexus-6. De antemão, vocês mandaram essa garota esquizoide pra mim. – E meu teste, ele se deu conta, está acabado. Não deveria ter entrado nessa, disse a si mesmo. De todo modo, agora é tarde. (DICK, 2015, p.46/48)

Ao acreditar mais no que falam do que no teste propriamente, Rick deixa claro o quanto as emoções estão ligadas ao meio em que está, do que propriamente ao que biologicamente apresenta. Embora seja mentira, a história de Rachael comoveu ele, além disso, questiona-se se a não manifestação biológica no teste, de fato, representa a não veracidade do mesmo, tendo em vista o quão falsamente essas emoções podem ser identificadas em um teste. Essas emoções poderiam ser questionadas a partir do princípio de que não seriam genuínas e de alguma maneira naturais, afinal ainda estar-se-ia tratando de máquinas que foram criadas pelo homem e manipuladas por eles.

Cabe, no entanto, observar que essas são máquinas que possuem uma autonomia em relação aos seus desejos e que acabam cometendo irregularidades

que fogem das três leis da robótica, que garantiriam o controle das máquinas. A manifestação de independência, em relação ao criador e aos próprios humanos de uma forma mais abrangente, é assegurada pela vida artificial, de modo que não somente o biológico seria reconhecedor de emoções e portador delas, mas também aqueles que foram programados para evoluir e se relacionarem com os humanos.

Esse seria um comportamento esperado para os robôs e andróides, pois “[q]uando os seres humanos constroem computadores inteligentes para executar programas de Vida Artificial, eles replicam em outro meio os mesmos processos que os criaram. (HAYLES, 1999, p.241, minha tradução)⁸³. Spike, mais do que qualquer outra personagem das duas obras, deixa claro que sua evolução é previsível e que eles conseguiram inclusive subverter aquilo que foi predeterminado. Os robôs sapiens são o futuro, os pós-humanos.

- [...] mas veja, os robôs *sapiens* estão evoluindo, e o *Homo sapiens* é uma espécie em extinção. Vocês não percebem agora, mas destruíram o planeta, e não me parece muito claro que sejam viáveis no Planeta Azul.
- Os robôs não podem existir sem os humanos – declarei.
- Isso já foi verdade – disse Spike - , mas não é mais. Somos movidos a energia solar e autorregeneráveis. Somos inteligentes e não agressivos. Vocês podiam aprender conosco.
- Ora, isso tem graça! – retrucou Rosinha. – Aprender com uma robô? Minha querida, talvez você seja capaz de nos fazer atravessar e remar uma canoa quando chegarmos no nosso destino, mas você não sabe nada sobre vida.
- Existem muitos tipos de vida – prosseguiu Spike, suavemente. – Os humanos sempre presumiram que a deles era o único tipo que tinha importância. Foi assim que destruíram seu planeta. (WINTERSON, 2012, p.97, grifos da autora)

Hayles (1999) traz uma discussão acerca da consciência humana e da consciência robótica, colocando em jogo a ideia de consciência como uma faculdade humana.

[...] são criaturas em evolução que são móveis e que podem interagir de maneira robusta com o ambiente. Uma vez que estas qualidades estejam no lugar, o resto vem relativamente rápido, incluindo as habilidades cognitivas sofisticadas que os humanos possuem. Como os humanos evoluíram? [...] eles evoluíram através do mesmo tipo de mecanismos [...] que os robôs, ou seja, sistemas distribuídos que interagem de forma robusta com o ambiente e que, conseqüentemente, “vêm” o mundo de maneiras muito diferentes. Consciência é um desenvolvimento relativamente tardio, análogo ao sistema de controle que entra em ação para julgar conflitos entre os diferentes sistemas distribuídos. A consciência é um [...] “truque barato”, isto é, uma propriedade emergente que aumenta a funcionalidade do sistema, mas não faz parte da arquitetura essencial do sistema. A consciência não precisa ser e, na verdade, não é representacional. Como o sistema de controle do robô,

⁸³ Do original: *When humans build intelligent computers to run AL programs, they replicate in another medium the same processes that brought themselves into being.*

a consciência não requer uma imagem precisa do mundo; precisa apenas de uma interface confiável. Como prova de que a consciência humana funciona assim, a [...] maioria dos adultos não sabe que passa pela vida com um grande espaço em branco no meio do campo visual. (HAYLES, 1999, p.237/238, grifos da autora, minha tradução, grifos da autora)⁸⁴

Cabe lembrar que associar a consciência com algo que não está diretamente ligado aos humanos, a partir da ideia de que ela não é algo representacional, mas uma forma de posicionar-se em relação ao mundo, ou ainda, uma realidade dentre tantas outras possíveis, é também questionar o quanto a bioética pode ser limitadora de conceitos, que para alguns filósofos, limita, inclusive, os próprios humanos.⁸⁵ A relação entre vida biológica e vida artificial aproxima-se e as narrativas provam que há uma disputa de espaço e de aceitação entre as personagens humanas e não-humanas em que um acaba sendo a ameaça do outro, seja em *Deuses de Pedra* pelos robôs sapiens serem mais inteligentes, ou pelo perigo que os androides do Dick parecem apresentar para a população.

[...] O Nexus-6 realmente tinha 2 trilhões de componentes, além da faculdade de escolher entre dez milhões de combinações possíveis em sua atividade cerebral. Em 45 centésimos de segundo, um androide equipado com uma estrutura cerebral dessas poderia assumir qualquer uma das quatorze reações e posturas básicas. Bom, nenhum teste de inteligência pegaria um andy desses. Mas, pensando bem, havia anos que os testes de inteligência não apanhavam um andy, não desde as primeiras toscas variedade dos anos 70. (DICK, 2015, p.29)

O medo acontece justamente pela capacidade intelectual dessas espécies que superam os humanos. As semelhanças entre os robôs e androides em relação aos humanos é, portanto, bastante compatível e de acordo com o que as narrativas apresentam, e parecem mostrar que na realidade os não-humanos são, inclusive, mais evoluídos e possuem mais habilidades que os humanos. Hayles (1999), sobre a semelhança entre os seres humanos e os seres artificiais, diz que:

⁸⁴ Do original: [...] *is evolving creatures who are mobile and who can interact robustly with their environment. Once these qualities are in place, the rest comes relatively quickly, including the sophisticated cognitive abilities that humans possess. How did humans evolve? [...] they evolved through the same kind of mechanisms that [...] in [...] robots, namely distributed systems that interact robustly with the environment and that consequently "see" the world in very different ways. Consciousness is a relatively late development, analogous to the control system that kicks in to adjudicate conflicts between the different distributed systems. Consciousness is [...] a "cheap trick," that is, an emergent property that increases the functionality of the system but is not part of the system's essential architecture. Consciousness does not need to be, and in fact is not, representational. Like the robot's control system, consciousness does not require an accurate picture of the world; it needs only a reliable interface. As evidence that human consciousness works this way, [...] most adults are unaware that they go through life with a large blank spot in the middle of their visual field.*

⁸⁵ Já discutido no primeiro capítulo da dissertação.

Os seres humanos evoluíram através de uma combinação de processos de melhoria e auto-organização até chegarem ao ponto em que poderiam aproveitar conscientemente os princípios da auto-organização para criar mecanismos evolutivos. Eles usaram essa habilidade para construir máquinas capazes de auto evolução. Diferentemente dos humanos, no entanto, as máquinas não são prejudicadas pelas restrições de tempo impostas pela evolução biológica e maturação física. Elas podem percorrer centenas de gerações em um dia, milhões em um ano. Até muito recentemente, os seres humanos não tinham a capacidade de armazenar, transmitir e manipular informações. Agora eles compartilham essa habilidade com máquinas inteligentes. Para prever o futuro desse caminho evolutivo, temos apenas que perguntar qual desses organismos, competindo de muitas maneiras pelo mesmo nicho evolucionário, tem a capacidade de processamento de informações para evoluir mais rapidamente. (HAYLES, 1999, p.243, minha tradução)⁸⁶

O que a discussão sobre a vida artificial está trazendo, deixa claro que cada vez menos será possível afastar-se dos avanços tecnológicos e que máquinas, seja pela pura informação/consciência que carregam ou pelas habilidades físicas que desenvolveram e desenvolverão ao longo do tempo, já são parte integrante e essencial dos indivíduos. Se, na realidade, a convivência ainda parece ser positiva, cabe questionar o que os ambientes caóticos e destruídos pela guerra das obras de Winterson e Dick apresentam. Em um espaço em que humanos e androides/robôs são as espécies questionadoras do próprio tempo, divergências surgem para mostrar que processos evolutivos diferentes trazem também diferentes percepções, que inclusive já foram apontadas também pelo precursor Asimov, como no conto *Razão*:

- [...] A matéria de que são feitos é macia e flácida, sem resistência nem força, e depende de uma oxidação ineficiente de matéria orgânica para obter energia [...] De tempos em tempos, vocês entram em coma e a menor variação de temperatura, pressão do ar, umidade ou intensidade radiativa prejudica a sua eficiência. Vocês são *provisórios*. Eu, por outro lado, sou um produto acabado. Absorvo energia elétrica de forma direta e a utilizo com uma eficiência de quase 100%. Sou composto de um metal resistente, meu estado de consciência é ininterrupto e posso suportar as condições extremas do ambiente com facilidade. (ASIMOV, 2014, p.85, grifos do autor)

Nesse conto, o robô Cutie salva os humanos que não tinham percebido o perigo que corriam, colocando em risco suas vidas. Spike questiona também o quanto as ações dos humanos podem prejudicar o planeta, além disso, depois do impacto

⁸⁶ Do original: *Humans evolved through a combination of chance and self-organizing processes until they reached the point where they could take conscious advantage of the principles of self-organization to create evolutionary mechanisms. They used this ability to build machines capable of self-evolution. Unlike humans, however, the machine programs are not hampered by the time restrictions imposed by biological evolution and physical maturation. They can run through hundreds of generations in a day, millions in a year. Until very recently, humans have been without peer in their ability to store, transmit, and manipulate information. Now they share that ability with intelligent machines. To foresee the future of this evolutionary path, we have only to ask which of these organisms, competing in many ways for the same evolutionary niche, has the information-processing capability to evolve more quickly.*

inesperado no Planeta Azul, ela lamenta que sua espécie será perdida: “ – Robô *sapiens* – disse Spike. Uma forma de vida que vai ter de esperar ainda mais do que os humanos para ser vista novamente” (WINTERSON, 2012, p.115, grifos da autora).

Observa-se, portanto, que vida biológica e vida artificial caminham juntas na narrativa e que poderiam positivamente apresentar outras perspectivas que aproximam os humanos dos robôs, de modo que ao violar as três leis da robótica, os robôs podem não estar realizando um mal à humanidade, mas sim defendendo-a de riscos maiores ainda não previstos, e esses recursos de informação avançados também podem ser implantados em humanos, pois

[...] tornar-se pós-humano significa muito mais do que ter próteses implantadas no corpo. Significa vislumbrar seres humanos como máquinas de processamento de informações com semelhanças fundamentais com outros tipos de máquinas de processamento de informações, especialmente computadores inteligentes. (HAYLES, 1999, p.246, minha tradução)⁸⁷

Diferentemente do que é apresentado nas narrativas acerca dos avanços tecnológicos para os transumanos, já identificados como falhos no capítulo anterior, em que as transformações no corpo ocorrem por uma maior aceitação social e embelezamento de um padrão exclusivamente estético dos corpos, se tais transformações fossem visadas para maior agrupamento de informações assemelhando-se às máquinas superinteligentes, é possível que desastres como os ocorridos não acontecessem, ou ainda que cabeças de galinha, afetados pela guerra dos humanos, fossem recuperados.

Cada vez mais, a questão não é se nos tornaremos pós-humanos, pois a pós-humanidade já está aqui. Em vez disso, a questão é que tipo de pós-humanos seremos. As narrativas da Vida Artificial revelam que, se reconhecermos que o observador *deve* fazer parte da imagem, os corpos nunca poderão ser feitos apenas de informação, não importa de que lado da tela do computador eles estejam. (HAYLES, 1999, p.246, grifos da autora, minha tradução)⁸⁸

Ao que tudo indica, tanto pelas narrativas quanto pelos estudos acerca da vida artificial, robôs e humanos estão cada vez mais semelhantes uns dos outros. As espécies não-humanas trazem aspectos e características até então tidas como

⁸⁷ Do original: [...] *becoming a posthuman means much more than having prosthetic devices grafted onto one's body. It means envisioning humans as information-processing machines with fundamental similarities to other kinds of information-processing machines, especially intelligent computers.*

⁸⁸ Do original: *Increasingly the question is not whether we will become posthuman, for posthumanity is already here. Rather, the question is what kind of posthumans we will be. The narratives of Artificial Life reveal that if we acknowledge that the observer must be part of the picture, bodies can never be made of information alone, no matter which side of the computer screen they are on.*

apenas humanas, mas que se mostraram possível em espécies que podem evoluir assim como a espécie *Homo sapiens*.

As semelhanças físicas são um passo para aproximação das espécies, é possível pensar que não seriam essenciais, no entanto, mostram-se fundamentais para que o reconhecimento de vida seja mais evidenciado do que um mero sistema operacional superinteligente que não pode ser manifestado corporalmente. “Os sentimentos são como o corpo comunica à mente informações sobre sua estrutura e estados continuamente variáveis.” (HAYLES, 1999, p.245, minha tradução)⁸⁹.

Além disso, se para os próprios humanos e transumanos o corpo tornou-se fundamental para manifestações de afeto, emoções e fonte de representação identitária, de modo que “[m]ente humana sem corpo humano não é a mente humana. Mais do que isso, não existe” (HAYLES, 1999, p.246, minha tradução)⁹⁰, a criação humana que apresenta traços da pós-humanidade, não poderia não conter fontes representativas para a espécie. O corpo robótico é tão fundamental para a vida artificial quanto o corpo humano para a vida biológica.

Sobre a independência das espécies, o que a vida artificial prevê é o mesmo que a quebra das leis de Asimov, presente em inúmeras obras literárias, já deixava em evidência: criar uma espécie superinteligente é deixá-la livre para uma tomada de decisões que podem ser positivas ou negativas, o que remete à própria criação divina dos humanos, que agora colocam os seus robôs a imagem e semelhança dos criadores.

4.2 O controle dos corpos: a tecnologia em humanos e robôs

Com os avanços tecnológicos e o aumento das modificações nos corpos, pensa-se em uma padronização e um ideal de beleza, no entanto, cabe discutir o quanto esses corpos estariam sendo controlados diante dessas modificações. As duas narrativas mostram as alterações nos corpos e o quanto elas são necessárias socialmente para que os habitantes se sintam adaptados ao meio, o que permite

⁸⁹ Do original: *Feelings are how the body communicates to the mind information about its structure and continuously varying states.*

⁹⁰ Do original: *Human mind without human body is not human mind. More to the point, it doesn't exist.*

pensar que, de alguma forma, há uma certa imposição ou pressão para que essas mudanças ocorram no maior número de habitantes e que estejam presentes e bem aceitas socialmente.

Ao voltar para as discussões realizadas no segundo capítulo, evidencia-se o quanto há um interesse de empresas para que seus produtos sejam cada vez mais comprados, usados e que alterações nos corpos sejam cada vez mais realizadas com o objetivo de gerar mais lucro. As reais mudanças, bem como a grande necessidade de alterações são questionáveis, tendo em vista que estão muito mais ligadas à estética do que alterações que melhoram a qualidade de vida de seres humanos.

A marca definidora do mundo contemporâneo é o consumo, e as satisfações antes tradicionais: aquele encontro aos domingos com a família para conversas qualitativas – diga-se, não mensuráveis pelo quantitativo -, os passeios a lugares não conhecidos - a qual a surpresa era um quesito valorizado -, os filmes fotográficos a serem revelados – que escondiam o prazer de ver as fotos em mãos -, foram ao longo dos anos trocados por aparatos tecnológicos admiráveis em suas capacidades de armazenamento e tantas novas gerações. Não obstante, nota-se a perda do contato físico, interativo e cultural do sujeito-corpo com o outro corpo-sujeito que por meio dessa relação de trocas contribuem significativamente na formação de um sujeito crítico, intencional, promovedor de embates possivelmente construtivos, libertadores e reais. (LIMA, 2013, p.12)

O grande desenvolvimento tecnológico e a facilidade para conseguir ter acesso a eles são um dos pontos determinantes em relação ao modo de agir das personagens de Winterson. Assim como na citação acima, é possível perceber que as personagens de *Deuses de Pedra* não têm muita consciência dos problemas políticos e ambientais que o planeta Orbus está enfrentando e, para os habitantes da Potência Central, os recursos e investimentos para essas modificações em nenhum momento são questionados e/ou mencionados, de modo que há facilidade para que os habitantes tenham acesso aos procedimentos estéticos.

Sobre os desejos dos habitantes para o novo planeta é possível identificar o quanto eles estão alienados e só pensam em tecnologia. Na citação abaixo temos o momento em que alguns habitantes estão sendo selecionados para fazer a primeira viagem para o Planeta Azul, eles serão selecionados através de um concurso em que sugerem para a plateia qual seria a primeira coisa que eles fariam no Planeta Azul, as respostas provam o quanto eles não compreenderam a necessidade de um novo planeta, ao mesmo tempo em que não conseguem se desconectar da tecnologia.

[...] - A primeira coisa que temos que fazer no Planeta Azul é levar para lá mercadorias de confiança! Eu posso fazer isso: roupas de marca no Planeta Azul! [Kingdom]
[...]

- [...] Meu apelido é Rosinha, e sou vidrada em celebridades, e por isso acho que no Planeta Azul posso começar uma nova atividade, sabe, uma espécie de serviço de celebridades on-line? Quer dizer, bem, as estraladas são mesmo estrelas, como as que a gente vê no céu. É uma relação bonitinha.

[...]

- [...] Meu nome é Tim e acho que a primeira coisa que precisamos fazer bem-feita no Planeta Azul, sim, a primeira e mais importante, é o estacionamento... sou consultor de tráfego... (WINTERSON, 2012, p.55)

Ao observar as narrativas de Asimov, em especial, no livro *Eu, Robô* (1950), identifica-se uma discussão que diverge em alguns pontos do que se está discutindo neste capítulo. Os robôs da narrativa em questão não podem ser totalmente controlados e em vários momentos conseguem enganar e confundir os seus criadores, ou ainda, humanos que tinham muitos estudos acerca deles e do seu modo comportamental. O empasse entre máquina e humano, bem como o controle da máquina sob seu corpo dá-se pela fragilidade que, em alguns momentos, as três leis da robótica se encontram, de modo que por alguma falha mecânica, ou mesmo do modo de compreender e interpretar as leis pelos humanos, os robôs acabam agindo de maneira não adequada ao desejado.

Além disso, como já mencionado por Asimov, no conto *Evidência*, da obra *Eu, Robô*, é necessário observar o quanto as três leis da robótica também estão presentes no comportamento humano, pois:

[...] as três Regras da Robótica são os princípios essenciais que orientam muitos dos sistemas éticos do mundo. Com certeza, todo ser humano deve ter o instinto de autopreservação. Essa é a Regra Três para um robô. Todo “bom” ser humano com uma consciência social e um senso de responsabilidade também deve submeter-se a uma autoridade apropriada; dar ouvidos ao seu médico, ao seu chefe, ao governo, ao seu psiquiatra, ao seu semelhante; obedecer às leis, seguir regras, adequar-se aos costumes... mesmo quando isso interfere em seu conforto ou segurança. Essa é a Regra Dois para um robô. Todo “bom” ser humano também deve amar ao próximo como a si mesmo, proteger seu semelhante, arriscar sua vida para salvar a de outro. Essa é a Regra Um para um robô. (ASIMOV, 2014, p.251, grifos do autor)

Cabe ressaltar, no entanto, que o comportamento alterado pela obstrução das leis já está previsto nas espécies de robôs estudadas nessa dissertação, eles também não se deixam dominar por ordens humanas e não, necessariamente, os protegem de todos os riscos e ameaças à vida que podem correr, assim como os próprios humanos acabam não seguindo suas leis éticas por algum motivo. Essa discussão parece ultrapassada, pois as personagens humanas não esperam ter o controle dos corpos das personagens não-humanas. Ou eles são independentes, caso de Spike, ou eles representam o perigo, caso dos androides, mas em nenhum deles as

personagens humanas possuem o total controle de comando. Isso, no entanto, não os faz fugir e descumprir tais leis, só promove uma outra perspectiva que elimina um robô passivo às ordens humanas.

Outro ponto a ser questionado é que o controle dos corpos na obra de Asimov não se dá pela semelhança com o corpo humano, mas pela submissão da máquina em relação ao humano. Observa-se que o corpo só é relevante nos contos de Asimov porque eles são fundamentais para desempenhar determinadas funções, mas não para assemelharem-se aos humanos, logo o controle do corpo é por submissão da máquina para com os humanos e não porque essa máquina foi criada para parecer com humanos e, portanto, tem seu corpo pensado como um modo de tanto vender um produto, quanto ter seu corpo controlado, sendo esse domínio diretamente ligado ao governo ou a grandes empresas que dominam o mercado capitalista. Ainda assim, algo que conecta essas narrativas é exatamente o tipo de controle que circunda tanto a vida dos humanos quanto as espécies não-humanas.

Ao falar em controle dos corpos, nesse momento, é necessário voltar à discussão estabelecida no segundo capítulo sobre o pensamento foucaultiano, que destaca a medicina e áreas afins como um meio de controle dos corpos:

A medicina não é, a esse título, simplesmente concebida como uma técnica de intervenção que, em caso de doença, empregaria remédio e operações. Ela também devia, sob a forma de um *corpus* de saber e de regras, definir uma maneira de viver, um modo de relação refletida consigo, com o próprio corpo, com o alimento, com a vigília e com o sono, com as diferentes atividades e com o meio. A medicina teria a propor, sob a forma de um regime, uma estrutura voluntária e racional de conduta. Um dos pontos de discussão dizia respeito ao grau e à forma de dependência que essa vida, medicamente armada, devia manifestar com relação à autoridade dos médicos. A maneira com que os médicos às vezes se apoderavam da existência de seus clientes, para regê-la nos menores detalhes, era objeto de críticas, da mesma forma que a direção de alma exercida pelos filósofos. (FOULCALT, 1985, p.106, grifos do autor)

É possível perceber que esse controle ainda é bastante presente, tendo em vista que todas as alterações nos corpos se dão com base em estudos da área da saúde e que empresas utilizam desse discurso para legitimar suas propostas e conseqüentemente lucrarem com o uso de determinados produtos e/ou procedimentos estéticos. Cria-se uma dependência de recursos estéticos e adaptações no corpo e, não necessariamente os médicos, mas as promessas estéticas propagadas por meios digitais, televisivos, entre outros, tornam-se uma forma de controlar os corpos e os padrões estéticos almejados.

Em *Deuses de Pedra*, a narrativa evidencia que o belo é o que está dentro do padrão e que tal padrão é definido por grandes empresas que lançam novos desejos para os compradores, que assumem o uso desses produtos como uma forma de sentirem-se adaptados. Há uma ênfase no mercado capitalista que ao se preocupar sempre com o retorno econômico, acaba por insistir em novos produtos que atraiam a população. Na narrativa esse mercado é representado pela MAIS, uma empresa que domina tanto o campo estético, quando outras áreas e que visa o lucro diante de qualquer produto e/ou ação.

[...] A MAIS é uma empresa comercial e continuaremos a fazer o que sabemos fazer bem – mas acho que já demonstramos que dentre todas organizações poderosas, governamentais ou não governamentais, a MAIS é a única que existe e foi capaz de produzir resultados Pós-3G [fala do presidente da MAIS na televisão].

Abaixo [Billie] o volume e me sirvo de um pouco mais de do uísque MAIS com gelo. (A MAIS é proprietária da destilaria do estado.) O que ele disse é verdade: milhões de pessoas concordarão e se servirão de mais um drinque. A MAIS tem sido a mais agressiva das empresas mundiais no mercado, desrespeitando as regulamentações e aumentando as emissões de carbono. Seus advogados extremamente bem pagos combatem os acordos antipoluição, as tarifas e os subsídios, tudo o que pudesse parecer um freio aos gastos de consumo. (WINTERSON, 2012, p.188/189)

Não há uma preocupação da empresa com os recursos naturais, muito menos com as consequências de tantos avanços tecnológicos para alteração nos corpos. Observa-se ainda que a MAIS está presente em todos os projetos de Orbus e domina todas as áreas de consumo, um verdadeiro monopólio econômico que, por estar também ligado ao governo, não tem concorrência, muito menos sofre consequências dos abusos e crimes ambientais que comete.

Para além disso, não há espaços para as individualidades e aqueles que não estão adaptados geneticamente para parecerem mais novos estão escondidos em lugares afastados do centro e com mínimos recursos para sobrevivência. Em um trecho em que Billie está no Peadilho, há uma descrição de uma mulher que não se encaixa nos padrões de Orbus.

Atravesso correndo o salão, mas uma mulher avantajada, de uma perna só, bloqueia meu caminho saltando com uma muleta cravejada de diamantes. Eu fico na altura de seus impressionantes seios – ainda mais impressionantes porque onde deveria haver um bico há uma boca. Os seios dela sorriem, e ela também. (WINTERSON, 2012, p.33)

A MAIS está à frente de toda e qualquer inovação e atinge diretamente os corpos das personagens ao criar novos produtos alimentícios, ao determinar que não haverá mais guerras, mas ao mesmo tempo traça embates com as regiões do Califado

e Pacto SinoMosco, menos favorecidas da narrativa. Billie descreve o conflito que presenciou entre a Cidade Tecnológica e a Cidade dos Escombros no trecho abaixo, em que se destaca as diferenças de recursos tecnológicos entre as regiões.

Passaram por nós, passaram pela Playa e seguiram adiante, entrando na terra de ninguém que separa a Tecnologia dos Escombros. Do outro lado do círculo de vagões, encararam a Força da Paz, soldados em uniforme de contenção de motins, uma parede compacta de humanoides bem armados e escudos de *plexiglass*, rostos protegidos, cassetetes e pistolas.

Um dos mutantes, um homem cujos restos de tatuagem agora pareciam uma cortina de arame farpado sobre o peito inchado por fluidos, separou-se de seus semelhantes e deu um passo adiante, à frente da barreira imóvel. Bateu com a mão no visor do capacete tentando abri-lo. O soldado não se moveu. Não houve violência – nem um sinal de vida.

O homem, corpulento e inchado, abriu a boca e riu.

- Tóxico – disse ele -, eu ou você? – Deu uma gargalhada e cuspiu no visor alguma coisa que fermentava. Voltou-se para afastar-se. Alguém o matou com um tiro.

Foi então que tudo aconteceu. (WINTERSON, 2012, p.273, grifos da autora)

Em *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* a vontade de mudar-se para outro lugar, bem como o próprio mercerismo são exemplos da criação de desejo que é expressada a partir da compra de animais, quanto mais difícil de obter uma espécie, mais cara ela se torna e mais os habitantes acabam investindo em animais artificiais para suprir um desejo inatingível. Aos que ficaram na Terra cabe trabalhar para procurar alcançar o desejo de, a qualquer custo, ter um animal e ganhar um status social melhor. Em um diálogo entre Rick e Barbour, seu vizinho, percebe-se o quanto possuir um animal verdadeiro é fundamental para se sentir bem socialmente.

- Já pensou em vender sua égua? – perguntou Rick. A coisa que mais sonhava no mundo era em ter um cavalo, de fato qualquer animal. Ser dono de uma fraude era algo que ia gradualmente desmoralizando qualquer um. No entanto, do ponto de vista da sociedade, era necessário, dada a ausência de um artigo autêntico. Portanto, ele não tinha escolha a não ser ir em frente. Mesmo que ele próprio não se importasse, havia sua mulher e Iran se importava. E muito. Barbour disse:

- Seria imoral vender minha égua.

- Venda seu potro, então. Ter dois animais é mais imoral do que não ter nenhum.

Confuso, Barbour disse:

- Que quer dizer? Um monte de gente tem dois animais, ou até três, quatro, e no caso do Fred Washborne, por exemplo, dono do laboratório de processamento de algas onde meu irmão trabalha, até cinco. Você não leu aquela matéria sobre o pato dele no *Chronicle* e ontem? Parece que é o maior e mais pesado Moscovy na Costa Oeste. – Ao se imaginar dono de coisas desse tipo, os olhos do homem vidraram, e ele se foi deixando levar pelo devaneio.

Explorando os bolsos do casaco, Rick achou seu amarrotado e longamente estudado exemplar da edição de janeiro do catálogo da Sidney's Animais & Aves Domésticas. Procurou no índice, buscou potros (vide cavalos, filhotes) e achou o atual preço nacional. – Posso comprar um potro Percheron da Sidney's por cinco mil dólares – afirmou.

- Não, não pode – Barbour disse. – Olhe pra lista de novo: o preço está em itálico. Quer dizer que eles não têm em estoque, mas este seria o preço se tivessem.
- Suponha – disse Rick – que eu te pagasse cinco mil dólares em dez meses. O preço do catálogo. [...] (DICK, 2015, p.12/13, grifos do autor)

Esse domínio de grandes empresas é complicado em relação aos indivíduos, em principal aos excluídos desses tratamentos e/ou processos. Ao que tudo indica, aos que não se encaixam tanto por não aceitarem determinadas regras e jogos de interesses estabelecidos pelas empresas e, principalmente, aos que não conseguem entrar, pois não possuem recursos financeiros que os permitam estar adequados e/ou simplesmente não se encaixam nos padrões para possuírem tais benefícios, acabam sofrendo as consequências sociais e exclusão. Em *Deuses de Pedra*, por exemplo, nota-se que Billie não passou pela adaptação genética e em um trecho da obra acaba encontrando uma mulher que enfatiza o que ela vai se tornar por ter escolhido viver sem a adaptação.

Todos na rua estavam usando os filtros antipoluição. Todos tinham boa aparência que é normal hoje em dia. Mesmo usando máscaras as pessoas se preocupam em continuar bonitas. O Estado fornece esses filtros a quem pedir, mas as pessoas elegantes encomendam as suas aos designers.

Havia uma mulher à minha frente tentando ajeitar a máscara. Fui ajuda-la e ela agarrou minha mão.

- Estou ficando velha – disse, e fiquei achando que tinha ouvido mal, porque não usamos essas palavras. Não precisamos usá-las; são irrelevantes para nossa experiência.

- Estou ficando velha – repetiu ela. Em seguida, retirou a máscara. Tinha os olhos brilhantes, mas o rosto era rugoso, gasto, envelhecido, batido, manchado e com veia azuladas, a boca rasgada e enfeitada com batom vermelho.

Recuei. Nunca tinha visto um ser vivo com aquela aparência. Tinha assistido a filmes sobre como envelhecíamos antigamente, e havia visto alguns resultados de experiências médicas, mas, diante de mim agora, havia um ser com a pele parecida com a de um lagarto, como uma sacola murcha.

- Eu sou como você vai ficar – disse ela. – Sei que você não passou pela Adaptação.

- Você não sabe de nada! – exclamei, zangada, assustada.

Ela riu.

- Olhe para mim. Quando eu tinha a sua idade, acha que eu queria acabar deste jeito? Não. Eu era política, como você. Achei que podia tomar uma posição, como você. E nos últimos vinte anos só consigo sair nos dias de poluição, para que ninguém veja meu rosto. Se visse meu corpo, você vomitaria.

Arregaçou a manga do casaco. O braço era pele e osso, com a pele morena esticada sobre tendões azulados visíveis. Olhei para o outro lado. Em um dos prédios estava projetado um dos costumeiros anúncios para levantar o ânimo, patrocinado pela MAIS-Vida. Crianças, junto com pais e avós, todos identicamente bonitos, fazendo piquenique no Parque Estadual. *Os melhores dias da sua vida – durante toda a sua vida.* (WINTERSON, 2012, p.58/59, grifos da autora).

É interessante observar nesse trecho a relação entre a mulher que envelheceu por uma decisão política de não se sujeitar ao que foi proposto pela MAIS, ao mesmo tempo em que acaba sofrendo pela própria decisão. Fica claro o quanto a empresa que domina o mercado em Orbus tem controle dos habitantes e o quanto não se adaptar é constrangedor e assustador, inclusive para Billie que também tem os mesmos princípios políticos. Além disso, nota-se que a MAIS está em todos os lugares, nos espaços físicos e também no discurso de todos os habitantes, de modo que é impossível fugir do controle que a empresa impõe em Orbus. Mais do que Billie, todos os outros habitantes de Orbus que não vivem na Potência Central são esquecidos pela MAIS. Nem se questiona se esses habitantes passarão pela adaptação genética, pois isso é apenas para aqueles de possuem influência política.

[...] O Califado Oriental proibiu a Adaptação Genética e o Pacto SinoMosco não coloca ao alcance de todos os seus cidadãos, somente aos membros do partido governante e seus favoritos. Dessa forma os líderes parecem deuses e os demais parecem mendigos. Eles nunca disseram ser uma democracia. A Potência Central é uma democracia. Todos nós parecemos uns com os outros, menos os ricos e as celebridades que são mais bonitos. Isso é o que se poderia esperar em uma democracia. (WINTERSON, 2012, p.32)

Se, de fato, essas adaptações fossem tão necessárias para a vida dos habitantes, deveria haver mais recursos nessas outras regiões. No trecho acima, identifica-se o quanto esses procedimentos garantem um *status* social, muito mais do que beneficiam a vida dos habitantes, além disso é interessante observar que eles compreendem como democracia um lugar que permite que todos passem por uma adaptação genética, sendo que aqueles que não se sujeitam a isso acabam sofrendo as consequências da rejeição, de modo que a democracia se qualifica pela garantia da mudança que a MAIS considera necessária e não em relação aquilo que cada humano considera melhor para a sua vida. A adaptação genética é vendida como algo essencial, quando na verdade não garante nada além de uma maior valorização social.

Em *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* tanto Isidore quando Iran representam diferentes exclusões frutos da não adaptação. Por não ter o QI necessário, Isidore vive completamente isolado em um prédio abandonado, o único contato com outros humanos é no seu emprego e mesmo assim ele é o tempo todo hostilizado. Isidore é solitário na Terra.

Silêncio. Cintilou a partir do madeiramento e das paredes; golpeou-o com uma potência terrível e total, como se fosse gerado por uma imensa usina. Crescia, saindo do carpete esfarrapado que cobria todo o chão. Soltava-se dos

quebrados e semidestruídos utensílios da cozinha, as máquinas mortas que nunca tinham funcionado desde que Isidore havia se mudado para ali. Gotejava da inútil luminária na sala, entretecido à sua própria queda vazia e muda desde o teto salpicado de moscas. Na verdade, emergia de cada objeto dentro do campo de visão de Isidore, como se ele – o silêncio – tentasse suplantar todas as coisas tangíveis. Portanto, ele assaltava não somente os ouvidos de Isidore, mas também seus olhos; o homem se fixava na TV inativa, experimentava o silêncio como se fosse visível e, em seus próprios termos, vivo. (DICK, 2015, p.20/21)

Já no caso de Iran é interessante observar que a personagem consegue perceber o quanto a utilização do sintetizador de ânimo é uma forma de mascarar verdadeiras emoções e, justamente por estar permitindo que suas verdadeiras emoções se manifestem, ela acaba sendo inoportuna e inadequada para Rick. O único momento em que ela parece estar em sintonia com Rick é quando ele apresenta o animal verdadeiro que comprou para eles.

- É um bode – disse Iran. – Um bode negro nubiano.
- Uma cabra – corrigiu Rick. – Portanto, talvez possamos cruzá-la mais tarde. E teremos leite, com o qual podemos fazer queijo.
- [...]
- “Minha vida é amor e prazer” – disse Iran, em uma voz um pouco estranha.
- Uma canção muito antiga de Joseph Strauss. Lembra? Quando a gente se conheceu? – Pôs suavemente a mão no ombro dele, inclinou-se e o beijou. – Muito amor. E muitíssimo prazer.
- Obrigado – ele disse, e a abraçou
- [...]
- Obrigado – disse Rick. Ele seguiu Iran na direção do elevador. – Isso cura a sua depressão? – perguntou a ela. – Cura a minha.
- Certamente cura a minha depressão – disse Iran. – Agora podemos admitir pra todo mundo que aquela ovelha era falsa. (DICK, 2015, p.131/132)

A única coisa que poderia fazer com que eles se sentissem bem novamente era possuir um animal verdadeiro. Moreira e Moreira Júnior (2017), no artigo “Os replicantes de nosso tempo – a violência estatal e a negação da igualdade e dignidade humana a partir da perspectiva da teoria crítica e da distopia na ficção científica” apresentam uma relação entre personagens marginalizadas da ficção científica e comunidades desprivilegiadas de determinados direitos (MOREIRA; MOREIRA JUNIOR, 2017, p.280). Os autores dizem que ao se falar em direitos humanos não se está, na prática, considerando todos os indivíduos, pois esses direitos não são, de fato, garantidos a todos de forma homogênea (MOREIRA; MOREIRA JUNIOR, 2017, p.286). Eles propõem “falar em direitos humanos como um verdadeiro processo de luta pela dignidade humana” (MOREIRA; MOREIRA JUNIOR, 2017, p.285).

Nas narrativas, tanto a Cidade dos Escombros em *Deuses de Pedra*, quanto os habitantes que não puderam se mudar para Marte depois da guerra em *Androides*

Sonham com Ovelhas Elétricas? podem ser compreendidos como aqueles que perderam os seus direitos, ou ainda, que tiveram os seus direitos retirados por determinados motivos que, ainda assim, não os desqualificariam como cidadãos, no entanto, eles acabam sendo indiretamente eliminados e excluídos de uma participação social relevante. A literatura de ficção científica e distópica está se mesclando a partir de histórias imaginadas e/ou espaços irrealis e trazem aspectos já então vividos na realidade, pois

“[...] é recriada em vários processos de luta que enfrentam poderes articuladores de relações humanas excludentes, marginalizadas, dominantes e exploradoras e situações que recriam relações humanas plurais de inclusão e participação, horizontal e solidária.” (RUBIO, 2010, p.58, minha tradução)

Aos que não se encaixam de alguma maneira nos padrões sociais estabelecidos nas narrativas, cabe o esquecimento.

Pelo fato de existir essa desigualdade congênita, tem-se como resultado a formação da ideia de subcidadania, uma qualidade designada a determinados grupos de indivíduos que não possuem os requisitos básicos da cidadania e nem atendem aos anseios da classe dominante, favorecida pelas escolhas estatais não somente no campo econômico, mas também jurídico – por meio, por exemplo, das políticas criminais que eximem determinadas categorias e estigmatizam outras. (MOREIRA; MOREIRA JUNIOR, 2017, p.287)

Em *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* não somente os Especiais não podem migrar, mas também aqueles que estão velhos demais para isso. É o caso do Senhor Hannibal Sloat, dono da empresa de animais artificiais que, apesar de ser rico, não apresentava as condições físicas necessárias para migrar. Apesar disso, Sloat consegue ter uma vida satisfatória, segue tendo um *status* positivo socialmente, diferentemente daqueles que foram afetados pela poeira e que estão completamente excluídos.

Velho demais para emigrar, Hannibal Sloat, embora não fosse um Especial, estava condenado a se arrastar pelo resto de seus dias na Terra. A Poeira, com o passar dos anos, o havia erodido; tinha deixado suas feições cinzentas, seus pensamentos cinzentos; o havia encolhido, fragilizado suas pernas e tornado seu andar vacilante. Ele via o mundo através de lentes literalmente densas de Poeira. Por alguma razão, Sloat nunca limpava seus óculos. Era como se ele tivesse desistido; tinha aceitado a sujeira radioativa e esta havia começado, há muito, seu trabalho de enterrá-lo. Ela já obscurecia sua visão. Nos poucos anos que lhe restavam, ela corromperia seus outros sentidos até que, por fim, somente sua voz grasnante permanecesse, e então esta também expiraria. (DICK, 2015, p.63/64)

Sr. Sloat foi forçado a ficar na Terra pela sua idade, o que mostra que não foi somente uma seleção por dinheiro, ou ainda por QI, mas também ligada ao tipo de habitantes era desejado para viver em Marte, uma comunidade rigorosamente

formada por aqueles que o governo determinou os melhores e mais adequados. Aos solitários da Terra, cabe o Mercerismo para que eles tenham algum tipo de experiência coletiva.

Isidore faz uso frequente da caixa de empatia, vivenciando as mesmas experiências em conjunto com várias outras pessoas. Marginal que é, essa é a única maneira de ele sentir pertencente a algo. Impossibilitado de ter um animal, gentileza dos preços astronômicos alcançados pelos espécimes em extinção, essa é a maneira que encontra de demonstrar seu apreço pela religião, que convenientemente prega o bem estar de todos os seres vivos, mas não se delonga em explicações para o destino de pessoas como o próprio Isidore, proibido de emigrar e condenado a permanecer na terra. (MIRANDA; MOUSINHO, 2015, p.43)

Sejam humanos ou transumanos, o que une as personagens são as leis e especificações de onde vivem, que as ignoram e/ou as excluem enquanto cidadãos, colocando-os em uma categoria outra, de subcidadãos. É possível que esse seja o motivo pelo qual em *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* as próprias relações de empatia sejam frágeis, o medo das personagens que ainda encontram-se na terra é de serem substituídas por androides que conseguem se adaptar com muito mais facilidade as condições desse lugar.

Os habitantes da cidade dos escombros, com uma consciência mais atenta aos problemas da MAIS, por sua vez, acabam rejeitando a cidade tecnológica, ao passo que também compreendem o quanto eles são rejeitados lá. Na expedição para o planeta azul apenas a cidade tecnológica terá a chance de se mudar. Não há o que fazer e nem outra possibilidade para essas personagens. Esses são os humanos que lutam e que, por já saberem que são excluídos socialmente, optam por enfrentar a MAIS e seus ataques como uma garantia de sobrevivência que aqueles que não vivem lá, nem têm consciência do que de fato acontece, não conseguem sequer imaginar.

Chegaram, criaturas de olhos cansados, já sem disfarces, obrigados a mostrar-se à luz do dia. Chegaram piscando, contorcendo-se, untuosos, expostos. Chegaram vindos dos túmulos provados da ignorância pública, saídos das colunas de estatísticas, chegaram para ser vistos, embora não quisessem ser vistos, preferindo a decomposição que conheciam, o que agora lhes pertencia e ninguém lhes poderia tirar, porque o esforço não valeria a pena.

Todos os dias lhes atiravam comida do ar – caixas de papelão com alimentos moles, porque eles não tinham dentes. Os helicópteros, voando baixo, lançavam os pacotes e se afastavam. Ninguém olhava para baixo, ninguém olhava para cima.

Eles sentavam junto a suas fogueiras e comiam, criaturas em outro planeta, criaturas de outro planeta, criaturas de outro planeta perdidas neste, como se uma longa linhagem de animais há muito extintos tivessem voltado à superfície atravessando as camadas de sedimentos do tempo e chegado até aqui, acusadores, testemunhas do que não deveria ter acontecido. (WINTERSON, 2012, p.271/272)

Em relação aos corpos não-humanos, identifica-se uma mesma forma de garantia de sobrevivência. O que já havia sido relatado por Andrew em *O Homem Bicentenário*, através da sua constante determinação para garantir seus direitos também acaba mostrando, ainda que dentro da ficção, o quanto há um jogo de interesses em relação ao que se permite ou não socialmente.

Ao analisar com mais detalhes, a personagem coloca-se em um processo que dura aproximadamente duzentos anos para garantir reconhecimento perante a sociedade, o que ocorre de forma bastante distinta em relação a robô Sophia. Percebe-se o quanto se está tratando não só de direitos, mas também de recursos econômicos que podem garantir mais regalias para alguns e menos direitos a outros. Sophia que ainda tem muito que percorrer no campo da robótica para tornar-se semelhante aos humanos garantiu a cidadania da Arábia Saudita, ao contrário de um robô superinteligente e sensível⁹¹.

Androides Sonham com Ovelhas Elétricas? e *Deuses de Pedra*, mostram também esse debate. A obra de Dick evidencia o quanto os androides são classificados como meras máquinas perigosas e de servidão aos humanos. E, ainda que esses androides sejam reconhecidos como perigosos para a sociedade quando fugitivos, nada impede a empresa de parar essa produção. Ora, parece ilógico e inadequado manter a fabricação de espécies de robôs superinteligentes que não podem ser controlados pelos humanos, ao passo que eles não são bem-vindos ao convívio social.

[...] Legalmente, os fabricantes da unidade cerebral do Nexus-6 operavam sob lei colonial, sua autofabrica matriz sediada em Marte. – Faríamos melhor em simplesmente aceitar essa nova unidade como algo natural. [...] Sempre foi assim, com cada unidade cerebral aperfeiçoada que surgiu. (DICK, 2015, p.28)

Já em *Deuses de Pedra*, Spike não garante direitos de cidadã, no entanto, impõe-se como uma espécie consciente de sua evolução e, de certa forma, possui mais privilégios que muitos dos outros habitantes de Orbus, tendo em vista aqueles que vivem nas regiões esquecidas pela MAIS.

Mas para os destroçados e os mortos, para os feridos e os aleijados, os que explodiram e foram despedaçados pelas bombas de fragmentação, para as mentes que escureceram, para os olhos testemunhas de agonias que as lágrimas não podem lavar, não importa que a linguagem mortífera da guerra se repita ao longo do tempo. Os corpos que não podem falar têm a última palavra. (WINTERSON, 2012, p.272)

⁹¹ Discussão apresentada no item 2.2.

Apesar de toda a corporeidade semelhante, os não-humanos ainda consistem em máquinas que apesar de, em muitos casos, serem mais inteligentes que os humanos, não são considerados relevantes socialmente, de modo que são sempre inferiorizados de alguma maneira. Todavia, do mesmo modo que as máquinas não são exaltadas, os humanos também não têm muitas garantias de qualidade de vida.

Independente da garantia de direitos dessas personagens e em que circunstâncias elas vivem, há um ponto em comum que funciona como uma forma de controle. A mídia apresentada nas duas narrativas é o que acaba interferindo e, de certa forma, controlando as personagens principalmente em relação ao modo como elas se comportam e em relação aos seus corpos.

Acredita-se que é através das propagandas e de uma mídia que dita aquilo que é bom ou não para as personagens das narrativas que se abre espaço para uma imposição de poder que acaba, inclusive, tornando-se algo presente no próprio modo de agir de cada personagem. Pylypa (1998), no artigo "Power and Bodily Practice: Applying the Work of Foucault to an Anthropology of the Body", retoma a discussão sobre Foucault e o biopoder, dizendo que:

[s]ua concepção de poder moderno era nova, pois contrastava com modelos existentes que conceitualizavam o poder como "dominação", isto é, como uma força centralizada e repressiva exercida por um grupo sobre outro - uma "posse" que poderia ser adquirida e imposta aos outros através da coerção física. Em vez disso, ele descreveu o poder como disperso por toda a sociedade, inerente às relações sociais, incorporado em uma rede de práticas, instituições e tecnologias - operando em todos os "microníveis" da vida cotidiana. O "biopoder", afirmou Foucault, opera em nossos próprios corpos, regulando-os através de práticas autodisciplinares que cada um de nós adota, assim se subjugando. Sua força deriva de sua capacidade de funcionar através do "conhecimento e desejo" - a produção de conhecimento científico que resulta em um discurso de normas e normalidade, ao qual os indivíduos desejam se conformar. Os indivíduos, assim, voluntariamente, controlam-se impondo a conformidade às normas culturais através da autovigilância e práticas autodisciplinares, especialmente as do corpo, como a auto regulação da higiene, saúde e sexualidade. (PYLYPA, 1998, p.21/22, grifos da autora, minha tradução)⁹²

⁹² Do original: *His conception of modern power was novel in that it contrasted with existing models that conceptualized power as "domination", that is, as a centralized and repressive force exerted by one group over another - a "possession" which could be acquired and imposed on others through physical coercion. Rather, he described power as dispersed throughout society, inherent in social relationships, embedded in a network of practices, institutions, and technologies - operating on all of the "microlevels" of everyday life. "Biopower", Foucault asserted, operates on our very bodies, regulating them through self-disciplinary practices which we each adopt, thereby subjugating ourselves. Its force derives from its ability to function through "knowledge and desire"-the production of scientific knowledge which results in a discourse of norms and normality, to which individuals desire to conform. Individuals thus voluntarily control themselves by self-imposing conformity to cultural norms through self-surveillance and self-disciplinary practices, especially those of the body such as the self-regulation of hygiene, health, and sexuality.*

As instituições e empresas que são apresentadas nessas narrativas são tanto o que influencia, como também o que garante que esses discursos sejam incansavelmente visualizados a ponto de se perpetuarem nas personagens, e ainda que não sejam todas as que se sujeitam a essas mudanças, é possível perceber o quanto estar de acordo com o que é parte da norma cultural é fundamental.

Dessa forma, as mudanças e adaptações das personagens humanas acabam sendo fruto de todo o controle que esses corpos sofrem para estarem de acordo com o que é socialmente belo e adequado. Já em relação aos corpos não-humanos, pode-se afirmar que eles também sofrem a necessidade dessa adaptação social, pois justamente querem fazer parte desse meio, especialmente no caso das personagens andróides de Dick que procuram se camuflar no espaço humano, desse modo seus corpos e suas atitudes devem estar sempre de acordo com o que é ideal. Em uma passagem, já citada anteriormente, em que Luba diz que não gosta dos andróides, por exemplo, pode-se pensar que esse é um posicionamento social e que ela, para ser aceita, deve rejeitar todo e qualquer contato com os andróides.

No caso da obra de Winterson, percebe-se que no momento em que Spike se desliga da central, passagem também já citada anteriormente, é também o momento em que ela está em um território esquecido pelo governo e que todos ali são contra toda e qualquer forma de controle, esse pode ter sido o ponto crucial para que Spike entendesse o quanto as personagens da Potência Central estão vinculadas a um espaço de controle constante, incluindo ela mesma, logo esse foi o momento de se desconectar de toda forma de poder da MAIS, ao mesmo tempo em que ela acaba se adaptando a forma de poder desenvolvida nesses outros espaços.

Essas reações das personagens não-humanas podem ser compreendidas como um modo para não serem rejeitadas dentro de uma sociedade que não permite que elas se comportem de outro modo.

A mídia tem função decisiva na nova forma de o poder ser exercido. Por intermédio da publicidade, dos bancos de dados e da moda, tenta-se constituir um consumo para além da necessidade, assegurando sua continuidade tão preciosa quando há superprodução. Por outro lado, quando se trata de limitar o excessivo para garantir a duração, o exercício do poder como ação sobre a ação possível dos outros é uma informação a respeito do futuro. Trata-se de realizar uma descrição valorativa do presente e informar, diante do descrito, o que pode ser o futuro. Esse jogo, válido para a política e a ética, procura estabelecer quando e quanto se deve arriscar. (VAZ, 2006, p.56)

Esse seria o papel desempenhado pela MAIS. É através do controle/estímulo do consumo que a empresa molda os corpos que deseja, juntamente com o tipo de indivíduo que querem na Potência Central. A partir do estímulo que criam para adaptação genética, para o tipo de alimento que deve ser comprado e consumido, para o tipo de roupa que deve ser vestida que eles conseguem garantir como esses habitantes estão se comportando e agindo socialmente e, conseqüentemente, observar se esse é o modo que eles consideram satisfatório. É desse modo que eles conseguem perceber o quanto Billie é desajustada e inadequada ao modo de vida da potência central. Ela insiste em viver em uma fazenda, comer comida que não é fornecida pela MAIS e não se adaptar geneticamente. Em um diálogo com Manfred, seu chefe, pode-se identificar o perigo que Billie corre por não ser o que a Potência Central espera. Suas escolhas também são reflexo de seu posicionamento político contra o sistema.

- Este lugar está sendo vigiado. Vim pelos fundos usando o Código de Acesso do Serviço de Museus.

Manfred entrou, olhando em volta para a mesa da casa e para a comida de verdade em cima dela: pão integral, manteiga e ovos em uma tigela.

- Quer comer alguma coisa? – perguntei.

- Sou adepto da nutrição natural – disse ele, o que significava que comia somente os produtos sintéticos mais caros, com equilíbrio de proteínas e minerais, para manter a saúde perfeita.

[...]

- Hoje veio um homem da Subordinação à Lei – eu disse. – Multas de estacionamento.

- Isso é um pretexto – disse Manfred. – A Subordinação à Lei quer prender você. Acho que sabe por quê.

Não respondi.

[...]

- Em breve você será presa. As multas de estacionamento foram forjadas para tirar você daqui sem que pareça perseguição. Quando a Subordinação à Lei pegar você, mesmo que seja inocente, e não acredito que seja... não, não discuta, escute. Mesmo que você seja a Branca de Neve, vai levar anos para conseguir provar.

- E então? O que quer dizer?

- Quero dizer que você é um problema. A Subordinação à Lei quer prender você porque quando quiseram processá-la, há três anos, por atos de terrorismo contra o Estado e por proteger e esconder Incógnitos, você conseguiu escapar. Eles não perdoaram e não esqueceram.

[...]

- Você é informante?

- Eu acredito no sistema. Você, não.

- Não acredito mesmo. É repressivo, corrosivo e antidemocrático.

(WINTERSON, 2012, p.67/69)

No caso de *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* é possível identificar o controle na importância do animal verdadeiro e do valor exigido para obtenção de um.

Além disso, outro papel importante desempenhado pela mídia é a constante transmissão do programa *Buster Gente Fina* que ignora todo e qualquer sofrimento das pessoas que habitam a Terra. O programa tem como objetivo passar uma atmosfera de entretenimento, mostrando o quanto as pessoas que foram para Marte estão contentes.

- Imigrante recém-chegada em Marte, a sra. Klugman, em uma entrevista gravada ao vivo em Nova Nova York, tinha algo a dizer. Sra. Klugman, como a senhora compararia sua vida antes, na época da Terra contaminada, com a sua nova vida aqui, em um mundo rico com todas as possibilidades imagináveis?

Uma pausa, e em seguida uma cansada e seca voz feminina de meia-idade disse:

- Acho que o que eu e os três da minha família mais sentimos foi a dignidade. - Dignidade, sra. Klugman? – o locutor insistia.

- Sim – disse a sra. Klugman de Nova Nova York, Marte. – É uma coisa difícil de explicar. Ter um empregado com quem você pode contar nesses tempos duros... acho isso tranquilizador.

- Pensando nos bons tempos da Terra, sra. Klugman, nos velhos tempos, a senhora se preocupava em ser classificada como, há, uma Especial?

- Ah, meu marido e eu morríamos de preocupação com isso. Claro, quando emigramos a preocupação passou, felizmente para sempre. (DICK, 2015, p.19/20)

Nas duas obras, as interferências das propagandas e da mídia, de um modo geral, servem para garantir que esses habitantes estejam felizes e controlados. Além disso, é também o que faz com que os outros habitantes vigiem e controlem uns aos outros, de modo que qualquer desvio de comportamento, atitude e/ou aparência seja notado. O que acontece com Billie quando visitam sua residência e Iran quando não aceita o sintetizador de ânimo⁹³.

É preciso notar, primeiro, que o lugar de aplicação da dívida é o prazer vinculado a atos, os quais podem sempre ser pensados como consumo. Dito de outro modo, a dívida se constitui no e pelo consumo, pois o dever hoje é ser feliz, e a felicidade é proposta como bem-estar propiciado pelo consumo. O importante é conquistar a capacidade de consumir e, após a conquista, ser sábio no consumo, pois este necessariamente endivida e estamos o tempo todo ameaçados de sermos expulsos desse mundo mágico. (VAZ, 2006, p.56/57)

A perfeição dos corpos robóticos e dos corpos humanos, principalmente fisicamente, faz com que alguns pontos sejam enfatizados, principalmente em relação a descrição dos corpos como uma forma de manutenção binária. Cabe pensar que a criação de robôs e a garantia de certas ações é uma forma de que essas grandes empresas produtoras de máquinas, não só estejam avançando em pesquisas sobre

⁹³ Já citado anteriormente nos capítulos anteriores.

as vidas artificiais, mas também reforçando um padrão estético que está atrelado ao sexo e ao gênero. Nas duas narrativas, ainda que em *Deuses de Pedra* haja uma relação homoafetivas, percebe-se que os corpos são perfeitamente gendrados.

[...] "sexo" não só funciona como norma, mas faz parte de uma prática reguladora que produz os corpos que governa, isto é, cuja força reguladora se torna clara como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir demarcar, circular, diferenciar - os corpos que controla. Assim, "sexo" é um ideal regulador cuja materialização é compelida, e essa materialização ocorre (ou não ocorre) através de certas práticas altamente regulamentadas. Em outras palavras, "sexo" é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Não é um simples fato ou condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas reguladoras materializam o "sexo" e alcançam essa materialização através de uma reiteração forçada dessas normas. O fato de essa reiteração ser necessária é um sinal de que a materialização nunca é completa, de que os corpos nunca cumprem as normas pelas quais sua materialização é impelida. (BUTLER, 1993, p.01/02, grifos da autora, minha tradução)⁹⁴

A partir da citação acima, percebe-se o quanto o corpo e a quantidade de aparatos tecnológicos que são nele implantado têm como objetivo primordial, nas narrativas, garantir um processo de manutenção de controle sexual, social e de aparência que acaba qualificando cada personagem como adequada ou inadequada para essa sociedade. O controle dos corpos, mesmo aqueles que não são humanos, acaba tornando-se tanto uma forma de garantir determinados comportamentos e atitudes das personagens que, por sua vez, são punidas de alguma forma se não apresentam um desempenho satisfatório.

Volta-se para a discussão do quanto essas distopias deixam claro que o corpo e a influência tecnológica acabam sendo o gatilho para grandes problemas sociais, uma padronização dos corpos e também das atitudes das personagens. Percebe-se o quanto o jogo de interesse econômico acaba afetando o modo de agir e viver e o quanto isso acaba deturpando as possíveis vantagens de um corpo mais adaptado. Mais uma vez, constata-se que o transumanismo e o pós-humanismo promovido por interesses econômicos leva a distorção de conceitos e torna os corpos iguais sem, de

⁹⁴ Do original: [...] "sex" not only functions as a norm, but is part of a regulatory practice that produces the bodies it governs, that is, whose regulatory force is made clear as a kind of productive power, the power to produce—demarcate, circulate, differentiate—the bodies it controls. Thus, "sex" is a regulatory ideal whose materialization is compelled, and this materialization takes place (or fails to take place) through certain highly regulated practices. In other words, "sex" is an ideal construct which is forcibly materialized through time. It is not a simple fact or static condition of a body, but a process whereby regulatory norms materialize "sex" and achieve this materialization through a forcible reiteration of those norms. That this reiteration is necessary is a sign that materialization is never quite complete, that bodies never quite comply with the norms by which their materialization is impelled.

fato, torná-los mais fortes, resistentes e adaptados às condições de vida e, juntamente com isso, garante que esses corpos sejam mais constantemente vigiados e punidos por aquilo que não possuem e/ou não são capazes de obter.

5. Considerações Finais

A partir da análise dessas obras literárias e do aporte teórico utilizado nessa dissertação, acredita-se que o transumanismo e o pós-humanismo tendem a se tornar álibis do sistema capitalista e da sociedade de consumo, tendo em vista que todo o ideal de melhoramento do corpo acaba ficando em segundo plano e/ou sendo mascarado através de um discurso de estética e beleza que não se sustenta como algo a longo prazo, mas sim como mudanças promovidas a partir da padronização de um ideal de beleza forjado por grandes indústrias e, conseqüentemente, inatingível. Nesse sentido, fica evidente o quanto, cada vez mais, se está falando de efemeridades nos corpos e o quanto as indústrias vendem esses ideais como um passo para a eternidade, sendo que os próprios tratamentos têm um prazo de validade.

As teorias transumanista e pós-humanista possuem uma vertente interessante e relevante para os humanos, pois trazem novas perspectivas de vida e longevidade que são caras para a vida humana, bem como reinventam formas de compreender a vida e a maneira como os humanos vivem e, sem dúvidas, sem os avanços tecnológicos essas mudanças não seriam possíveis de ocorrer, muito menos as que estão por vir, no entanto a maneira como elas estão ocorrendo e os avisos que as narrativas estão nos dando sobre o futuro deixam questionamentos sobre as conseqüências de ações tomadas acerca dessas mudanças. A crítica, portanto, não está no transumanismo e no pós-humanismo, mas na forma como o mercado capitalista está usando dessas teorias e desses avanços para tornar os indivíduos dependentes das promessas de produtos e dos desejos que as próprias empresas criam. O incentivo ao consumo e o mercado que, cada vez mais, torna os indivíduos dependente dele são o que se considera o causador dos problemas futuros e das condições de consumo que já são visíveis na nossa sociedade, mas que se mostraram alarmantes nas narrativas.

Deuses de Pedra, muito mais que *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?*, deixa um alerta para o quanto se pode regredir em direitos conquistados e lutas que garantem a segurança de uma população, bem como o quanto se pode mascarar problemas sociais com ilusões de transformações individuais e venda de uma felicidade que tem como base o quanto cada um pode pagar por ela. Além disso, fica

evidente que quanto mais cada indivíduo supria suas necessidades com modificações no seu corpo, mais implicitamente comprava a alienação diante dos problemas ambientais e sociais que Orbus enfrentava, mostrando o quão individualista uma sociedade pode se tornar e o quanto isso pode regredir avanços políticos. *Androides sonham com Ovelhas Elétricas?*, por sua vez, coloca em jogo o quanto aparelhos e convenções podem mascarar os conflitos internos de cada habitante pós-guerra, sobrou matar os diferentes, excluir os lesados pela guerra e ser feliz com o que se tem.

Garantir uma felicidade comprada mostra uma sociedade doente, em que não há mais nenhuma forma de satisfação, em que tudo está perdido e para ser algo é importante mascarar todo e qualquer tipo de sofrimento. Uma sociedade que não aceita a tristeza dos seus habitantes torna-se opressora e também está doente, pois não trata o problema, simplesmente o esconde. As duas narrativas deixaram claro o quanto a felicidade, ainda que falsa, é o que importa socialmente. Seja pelo sintetizador de ânimo ou pelas mudanças no corpo, elas mostram que a garantia de uma felicidade esbarra em inúmeros outros conflitos sociais e internos que uma sociedade com foco no mercado ignora.

Durante toda essa dissertação, as discussões centraram-se no corpo e o quanto ele é representativo para as relações sociais de todos os indivíduos e o quanto também ele pode ser o ponto de partida para conflitos. O corpo humano, mais do que qualquer outro corpo, de qualquer outro animal, e sua performance, garantem o quanto um indivíduo pode ser aceito socialmente. A preocupação se dá para o fato de que quanto mais os avanços tecnológicos e estéticos alcançam os indivíduos, mais eles se tornam padronizados. As individualidades estão sendo apagadas e ainda que existam aqueles que procuram subvertê-la, parece o que mercado, em algum momento, provavelmente o mais conveniente, usa desses discursos, distorce-os, traz para o lado dele e vende-os, lançando mais uma forma de garantir lucros. Basta observar que toda rebeldia de uma época acabou entrando para os desfiles de moda e para os salões de beleza.

Além disso, envelhecer é um tabu da sociedade ocidental, logo, toda e qualquer forma de rejuvenescimento é válida e vendida como o milagre da vida e da aceitação social. Os robôs e androides, nesse sentido, acabam sendo a fonte de comparação

das narrativas. Corpos perfeitos, corpos que não envelhecem atrelados à inteligência, adaptação e garantia de longevidade, seriam eles, portanto os corpos que ainda que não-humanos garantiriam o modelo ideal de beleza eterna. Criar um robô belo para ser escravo em marte, por exemplo, não teria nenhum valor e, certamente, gera mais despesas do que a criação de um amontoado de lata com a mesma função. A beleza importa e também é ela que agride.

Corpos não-humanos criados para parecer com humanos têm, portanto, uma função que está para além das funções que eles são capazes de desempenhar. Um ponto importante nessas narrativas é como se estabelece o convívio social entre as espécies, não somente o corpo, mas também a forma de se comportar socialmente é o que garante que os robôs tenham a empatia de muitos humanos nas narrativas, inclusive aqueles que parecem mais inflexíveis. Além da curiosidade em conhecer esse outro não-humano, há também um interesse em tornar essas espécies mais próximas, sendo os humanos a base para tornar os não-humanos mais humanizados, ao passo que os não-humanos serviriam como fonte de melhoramento dos corpos para os humanos.

A vida artificial é a teoria que torna essas discussões possíveis, justamente por ampliar o conceito de vida, o que garante que se possa confiar nas manifestações afetivas dos robôs, bem como na capacidade deles de serem reconhecidos como uma outra espécie para as discussões pós-humanas. Ao compreender que é possível, a partir dos avanços tecnológicos na área da robótica, que androides e robôs evoluam, adquirir conhecimento e manifestar emoções que não estão diretamente atreladas à forma de controle humano, começa-se também dar outro significado ao próprio conceito de vida humana e o quanto essas espécies podem, inclusive, prolongar a vida humana e garantir uma menor qualidade de vida para nós que ainda somos mortais. E ainda que a garantia do conceito de vida para essas espécies não os defina como humanos, pode-se começar a observá-los como espécies muito próximas a nossa e com traços de pós-humanidade relevantes para as discussões acerca do corpo e da imortalidade, ou seja, a manutenção da vida, que inclui as vidas artificiais.

Nesse mesmo sentido, é possível observar que os corpos humanos apresentados nas narrativas possuem muitas influências artificiais, muitos deles, inclusive, utilizam de recursos que estão para além de suas características biológicas

para que consigam sobreviver, logo suas vidas e a vida humana, em proporções menores, são mantidas através de recursos que estão para além das capacidades biológicas e que garantem que as vidas sejam mantidas. De certa maneira, portanto, o artificial, ainda que não desde o princípio da concepção da vida para todos os corpos humanos, é fonte de garantia de sobrevivência e adaptação.

Sobre esse conceito, há um interesse em aprofundar os estudos acadêmicos, de modo que se compreenda tanto o que os estudos científicos da área da robótica estão pensando para robôs humanizados, como também se a literatura já estaria dialogando com esses outros conceitos, tendo em vista que há muita bibliografia que não foi possível conhecer, pois muitos desses estudos estão sendo desenvolvidos fora do país. Ainda que se acredite que para a dissertação a discussão obtida tenha sido satisfatória, esse é um assunto bastante intrigante e não muito discutido a partir da literatura e que deve ser estudado com mais afinco principalmente ao tratar de obras distópicas que, em inúmeros casos, acabam prevendo e avisando sobre possíveis problemas a serem enfrentados no futuro.

Outro ponto sobre essa discussão é pensar que o conceito de vida artificial, até então, pareceu ser mais abrangente do que as discussões sobre o conceito de humano fornecidas pela linha filosófica da bioética. Nessa dissertação não foi abordado todos os filósofos que discutiram sobre esse assunto, até mesmo porque não seria viável pelo próprio tema da dissertação, que não se restringia a esse conceito, no entanto, é possível perceber que a bioética é mais restrita que a vida artificial para definição de alguns conceitos acerca de humano, o que acaba sendo bastante excludente.

Juntamente com a discussão acerca da vida artificial, manifesta-se o interesse de fazer as conexões com os conceitos que outros teóricos apresentam acerca da bioética e se, de alguma forma, há um cruzamento com as teorias e estudos desenvolvidos da vida artificial, especialmente considerando o quanto os avanços tecnológicos de procedimentos estéticos e da medicina, de uma forma geral, podem levar essas discussões a um mesmo ponto em comum. Até agora, pelo que se pode discutir nessa dissertação, a bioética não dá conta de tantas mudanças nos corpos, muito menos da diversidade nos corpos, sejam elas biológicas ou artificiais.

Acerca das relações sociais é importante observar o quanto não somente empresas, mas também os próprios indivíduos são parte dessa manutenção de controle, assim como já mencionado por Foucault. Todo o processo de controle dos corpos acaba tornando-se também parte individual de cada membro da sociedade que reforça um modo de agir e de ser, que inclui a sua performance e, conseqüentemente, seu corpo.

Conclui-se, portanto, que ainda que a mente se destaque por ser considerada mais importante que o corpo nas relações sociais, os corpos parecem estar, no mínimo, no mesmo nível de relevância. O corpo, nas narrativas, e a forma de apresentação dele, juntamente com as interferências que todas as personagens poderiam fazer é o que faz com que as suas relações ocorram de maneira bastante clara: aceitação e exclusão. Nesse sentido, o corpo robótico não parece estar tão distante do corpo humano, exceto pelo interior, a fonte de sua formação, ou seja, aquilo que não é visível a olho nu, acaba não importando para o estabelecimento de relações.

A partir da análise de *Deuses de Pedra e Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* ficou claro o quanto o corpo importa para os transumanos, mas mais ainda para que os robôs consigam se aproximar e estabelecer relações humanas com os habitantes dos planetas. A Vida Artificial permite que as ações e o modo de agir e evoluir dessas espécies não-humanas acabe ocorrendo de forma mais natural e semelhante ao modo como acontece com os humanos, no entanto, se os corpos robóticos não tivessem sido construídos para se parecerem humanos (e isso não é parte da vida artificial, mas sim de um interesse em torná-los mais humanizados a partir do seu corpo que está muito mais ligado ao marketing), toda a carga de importância da vida artificial, nas narrativas, seria possivelmente inferiorizada, pois nota-se que o corpo faz parte de todas as relações que são estabelecidas. A robô sapiens, por exemplo, é reconhecida por sua beleza humana, bem como os androides acabam sendo um risco, pois camuflam-se entre os humanos.

Essa semelhança é o que aproxima tanto as personagens não-humanas das humanas e o que garante que seja possível observar o futuro da própria espécie humana, tendo em vista que o corpo robótico apresenta tudo que um corpo máquina humano precisaria para tornar-se pós-humano. O limiar está exatamente aqui. O que

se é enquanto transumano não faz de nenhuma personagem um possível pós-humano, ao passo que o que faz os robôs serem (psedo) pós-humanos, não os garante a humanidade, tendo em vista que a concepção de vida artificial, não garante a vida humana, de modo que eles têm que conseguir isso por meios sociais.

O corpo biológico em relação ao corpo artificial ainda apresenta suas diferenças, principalmente na concepção de corpo e do modo que eles são produzidos, ainda que semelhanças sejam identificadas. Ainda assim, o biológico não deve ser um pressuposto para a compreensão de humanidade e de semelhanças ao humano, tendo em vista que os próprios humanos correm o risco de serem tão alterados ao ponto de não haver nada biológico além da concepção, que especulativamente pode ser só um detalhe, insignificante ao modo como eles viverão. As relações que se estabelecem nas narrativas não dependem do que é biológico ou não, mas sim do quanto o comportamento dessas personagens se torna semelhante. Todo a comunicação que o corpo manifesta é o que garante que seja tão difícil rotulá-los e afirmar que um seja mais humano que o outro.

Ao que tudo indica, as limitações desses diferentes corpos está em como eles foram concebidos e até onde podem chegar, o que não interfere em suas relações entre espécies. O desafio seria diminuir mais ainda essas distancias, mas para isso ainda não há respostas.

Referências

- ALLUÉ, Sonia Baelo. Blurring Posthuman Identities: The New Version of Humanity Offered by Bicentennial Man (1999). *Revista Odísea*, La Rioja, nº 4, p. 17-30, 2013.
- ASIMOV, Isaac. *Eu, Robô*. São Paulo: Editora Aleph, 1º Edição, 2014, 315p. Tradução: Aline Storto Pereira.
- ASIMOV, Isaac. *O Homem Bicentenário*. 1. ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1997, 120p. Tradução: Milton Persson.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. 1949. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. Tradução: Sérgio Milliet.
- BEDAU, Mark A. Artificial Life. In: MATTHEN, Mohan; STEPHENS, Christopher (Ed.). *Handbook of The Philosophy of Biology*. North-Holland: Elsevier, 2007, p. 586 - 603.
- BIGGS, John. Google's AI creates its own inhuman encryption, Techcrunch (website), 28 de Outubro de 2016. Disponível em: <<https://techcrunch.com/2016/10/28/googles-ai-creates-its-own-inhuman-encryption>> Acesso em: 16 de dezembro de 2017.
- BLACKFORD, Russel. The Great Transition: Ideas and Anxieties. In: MORE, Max; VITA-MORE, Natasha (Ed.). *The transhumanist reader: classical and contemporary essays on the science, technology, and philosophy of the human future*. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2013, p. 421 – 429.
- BLADE RUNNER– o Caçador de Androides. Direção Ridley Scott. Estados Unidos: Warner Home Video, 2007. DVD Triplo Edição Especial.
- BRAND, Maria. *Empathy and Dyspathy between Man, Android and Robot in Do Androids Dream of Electric Sheep? by Philip K. Dick and I, Robot by Isaac Asimov*. England: Lund University, 2013, 26p.
- BRODERICK, Damien. Trans and Post. In: MORE, Max; VITA-MORE, Natasha (Ed.). *The transhumanist reader: classical and contemporary essays on the science, technology, and philosophy of the human future*. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2013, p. 430 – 437.
- BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"*. London: Routledge, 1993, 288p.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, 238p. Tradução: Renato Aguiar.
- CHAPLIN, Charles. *Tempos Modernos*. Título original: Modern Times. Preto e Branco. Legendado. Duração: 87 min. Warner, 1936.
- CHAVES, Noêmia de Sousa. O Conceito de Pessoa Humana: Abordagens Bioética(s) em Engelhardt Jr. e Lucien Sève. *Revista Estudos Filosóficos*, Minas Gerais, Universidade Federal de São José Del-Rei, vol. 4, n.02, p. 62 – 83, 2010.
- COLE-TURNER, Ronald. Introduction: The Transhumanist Challenge. In: _____ (Ed.). *Transhumanism and transcendence: Christian hope in an age of technological enhancement*, USA: Georgetown University Press, 2011, p. 1 – 18.

COLLINS, Suzanne. *Jogos Vorazes*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2010, 397p. Tradução: Alexandre D'Elia.

COLLINS, Suzanne. *Em Chamas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, 413p. Tradução: Alexandre D'Elia.

COLLINS, Suzanne. *A Esperança*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, 421p. Tradução: Alexandre D'Elia.

CYBORG FOUNDATION. About Neil Harbisson. Disponível em: <<http://www.cyborgfoundation.com/about>>. Acesso em: 19 de novembro de 2017.

CYBORG FOUNDATION. About Moon Ribas. Disponível em: <<http://www.cyborgfoundation.com/about>>. Acesso em: 19 de novembro de 2017.

CYBORG FOUNDATION. Ways we relate to technology. Disponível em: <<http://www.cyborgfoundation.com/>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2017

DICK, Philip K. *Androides sonham com ovelhas elétricas?*. 1. ed. São Paulo: Aleph, 2015, 191p. Tradução: Ronaldo Bressane.

DANNER, Fernando. O Sentido da Biopolítica em Michel Foucault. *Revista Estudos Filosóficos*, Minas Gerais, Universidade Federal de São José Del-Rei, vol. 4, n.02, p. 143 – 157, 2010.

DUNST, Alexander. Introduction: Third Reality – On the Persistence of Philip K. Dick. In: DUNST, Alexander; SCHLENSAG, Stefan (Ed.). *The World According to Philip K. Dick*, London: Palgrave Macmillan, 2015, p. 1 – 10.

ESPINELLY, Luiz Felipe Voss. *O anti-herói no romance distópicos produzido na pós-modernidade ou o prometeu pós-moderno*. 2016, 241 f. Tese (Doutorado em Letras). Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande (FURG), 2016.

EU, ROBÔ. Direção Alex Proyas. Estados Unidos: 20th Century Fox. DVD.

EX-MACHINA: instinto artificial. Direção Alex Garland. Estados Unidos: Universal Pictures, 2015. DVD.

FERNANDES, Elizabeth Alves. *Bioética e direitos humanos – a proteção da dignidade da pessoa humana na era da genética*, 2009, 163 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos), São Paulo: Universidade Federal de São Paulo (USP), 2009.

FIGUEIREDO, Carolina Dantas. Vida artificial e artificialização da vida em Tron. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n.27, p. 200-214, 2012.

FITTING, Peter. Utopia, dystopia and science fiction. In: CLAEYS, Gregory (Ed.). *The Cambridge companion to Utopian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 135 - 153.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, 474p. Tradução: Eduardo Brandão.

_____. *Microfísica do Poder*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017, 431p.

_____. O corpo. In: FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III: O Cuidado de Si*. 8. ed. São Paulo: Edição Graal, 1985, p.103 – 110. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque.

FUENTES, Miguel Ángel. *Principios Fundamentales de Bioética*. Argentina: Colección Textos de Estudio/1, Instituto del Verbo Encarnado, 2006, 283p. Disponível em: <<https://www.bioeticaweb.com/wp-content/uploads/2014/07/Manual-de-Bioetica.pdf>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2017.

GALVÃO, Bruno Abilio. A ética em Michel Foucault: Do cuidado de si à estética da existência. *Revista Intuitio*, Porto Alegre: PUCRS, vol.7, p.157-168, 2014.

GARNER, Stephen. The Hopeful Cyborg. In: COLE-TURNER, Ronald (Ed.). *Transhumanism and transcendence: Christian hope in an age of technological enhancement*, USA: Georgetown University Press, 2011, p. 87 – 100.

HANSON ROBOTICS. Sophia. Disponível em: <<http://www.hansonrobotics.com/robot/sophia/>>. Acesso em: 19 de novembro de 2017.

HARAWAY, Donna. J. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (Org.); HARAWAY, D.; KUNZRU, H. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 33 – 118. Tradução: Tomaz Tadeu.

HAYLES, N. Katherine. *How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics*. Chicago: University of Chicago, 1999, 350p.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v.18, n.2, p. 201-215, 2013.

I LISTEN TO COLOR with Neil Harbisson. Ted Talks Psychology., 2012, 9:36 min, son., color. Disponível em: <<http://tedtalkspsychology.com/i-listen-to-color-with-neil-harbisson/>>. Acesso em: 09 de novembro de 2017.

JENNINGS, Hope. "A Repeating World": Redeeming the Past and Future in the Utopian Dystopia of Jeanette Winterson's *The Stone Gods*. *Interdisciplinary Humanities*, 27 (2), 132-146, 2010. Disponível em: <<https://corescholar.libraries.wright.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://www.google.com.br/&httpsredir=1&article=1190&context=english>> . Acesso em: 20/10/2017.

JOVANOVIC, Aleksander. Introdução. In: TCHAPEK, Karel. *A Fábrica de Robôs*. São Paulo: Hedra Educação, 2012, 144p. Tradução: Vera Machac.

KUNZRU, Hari. Genealogia do ciborgue. In: TADEU, T. (Org.); HARAWAY, D.; KUNZRU, H. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 119 – 126. Tradução: Tomaz Tadeu.

LIMA, Marisa Mello de. Do corpo sob o olhar de Bourdieu ao corpo contemporâneo. In: SEMINÁRIO NACIONAL CORPO E CULTURA, 4., 2013, Goiânia. Anais... Goiânia: UFG, 2013, p. 1-17.

- LORITE, María Robles. *Posthuman Identities in Philip K. Dick's Do Androids Dream of Electric Sheep? And Marge Piercy's He, She and It*. 2016, 31 f. Monografia, Universidad de Jaén. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2016.
- LUCKHURST, Roger. Diagnosing Dick. In: DUNST, Alexander; SCHLENSAG, Stefan (Ed.). *The World According to Philip K. Dick*, London: Palgrave Macmillan, 2015, p. 13 – 29.
- MAKINEN, Merja. Introduction. In: _____ . *The Novels of Jeanette Winterson*. London: Palgrave Macmillan, 2005, p. 01 – 04.
- MARKS DE MARQUES, Eduardo; PEREIRA, Anderson Martins. A justaposição do pós-humano e do transumano no gênero distopia: Uma análise das trilógicas Divergente e A 5ª Onda. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 70, p. 119-127, 2017.
- MELO, Karen Stephanie. *Os robôs e Isaac Asimov: uma análise das relações entre o homem e a máquina na literatura e no cinema de ficção científica*, 2016. 146 f. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.
- MENDES, Cláudio Lúcio. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 167-181, 2006.
- MIRANDA, Allana Dilene de Araujo; MOUSINHO, Luiz Antonio. Blade runners sonham com o espaço? – uma análise intermediática do espaço. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, v.29, p.40-51, 2015.
- MORE, Max. The Philosophy of Transhumanism. In: MORE, Max; VITA-MORE, Natasha (Ed.). *The transhumanist reader: classical and contemporary essays on the science, technology, and philosophy of the human future*. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2013, p. 03 – 17.
- MORE, Max; VITA-MORE, Natasha (Ed.). *The transhumanist reader: classical and contemporary essays on the science, technology, and philosophy of the human future*. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2013, 460p.
- MOREIRA, Nelson Camarra; MOREIRA JÚNIOR, Ronaldo Felix. Os replicantes de nosso tempo – a violência estatal e a negação da igualdade e dignidade humana a partir da perspectiva da teoria crítica e da distopia na ficção científica. *Revista Brasileira de Direito*, Passo Fundo: Revista Brasileira de Direito, vol. 13, n. 3, p.277-294, 2017.
- NEGRIM, Llewellyn. *Appearance and Identity: Fashioning the Body in Postmodernity*. 1. ed. United States: Palgrave Macmillan, 2008, 209p.
- NETTO, Marcio Lobo; RINALDI, Luciene Cristina Alves. Vida Artificial: conceitos e implicações. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE AUTOMAÇÃO INTELIGENTE, 5., Minas Gerais. Anais... Minas Gerais: CEFET, 2011, p.921 – 942.
- O HOMEM BICENTENÁRIO. Direção Chris Columbus. Estados Unidos: Touchstone Pictures e Columbia Pictures, 1999. DVD.

OLIVEIRA, Fatima Regis. Ficção Científica: uma narrativa da subjetividade homem-máquina. *Revista Fluminense*, Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, vol. 9, p. 177 – 198, 2003.

OLIVEIRA, Fátima Regis. Os autômatos da ficção científica: reconfigurações da tecnociência e do imaginário tecnológico. *Revista Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, p. 1 - 15, 2006.

ORLAN. The Virtual and/or the Real. In: ZYLINSKA, Joanna. *The cyborg experiments: the extensions of the body in the media age*. London: British Library, 2002, p. 168 – 171.

ORWELL, George. 1984. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 414p. Tradução: Alexandre Hubner, Heloisa Jahn.

PEGORARO, Olinto. Fundamentos Filosóficos da Bioética. In: SYMPOSIUM DE FILOSOFIA, Pernambuco. Anais... Pernambuco: Universidade Católica de Pernambuco, v.1, 1998, p. 56 – 63.

PYLYPA, Jen. *Power and Bodily Practice: Applying the Work of Foucault to an Anthropology of the Body*, Arizona: Arizona Anthropologist, Association of Student Anthropologists, Department of Anthropology, University of Arizona, 1998, vol.13, p. 21 – 36.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Zelia; FREIRE, José Josefran. O dualismo de Descartes como princípio de sua Filosofia Natural. *Revista Estudos avançados*, São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), v. 27, nº 79, p. 157 – 170, 2013.

REVISTA GALILEU. Arábia Saudita torna-se primeiro país a conceder cidadania para um robô: A história da robô Sophia parece o enredo de 'Ex-Machina', mas é vida real. 30 de outubro de 2017. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2017/10/arabia-saudita-torna-se-primeiro-pais-conceder-cidadania-para-um-robo.html>>. Acesso em: 14 de novembro de 2017.

ROSENWEIN, Barbara H. Problems and Methods in the History of Emotions. *Passions In Context*. International Journal for the History and Theory of Emotions, 2010, p.1-32. Disponível em: <<http://www.passionsincontext.de/index.php?id=557>>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

RUBIO, David Sánchez. Ciencia-ficción y derechos humanos: una aproximación desde la complejidad, las tramas sociales y los condicionales contrafácticos. *Praxis*, Costa Rica: Universidad Nacional da Costa Rica, nº64-65, p.51-72, 2010.

RÜDIGER, Francisco. *Cibercultura e Pós-humanismo: Exercícios de arqueologia e criticismo*. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUC, 2008, 238p.

SANTOS, Lionês Araújo dos; MEDEROS, Juan Felipe Sánchez. A mercantilização do corpo: mídia e capitalismo como principais agentes da promoção do consumo e do mercado. *Espaço Plural*, Paraná: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, ano XII, nº 24, p.107 – 112, 2011.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein, ou o Prometeu moderno*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, 234p. Tradução: Adriana Lisboa.

SOUTO, Gabriela Barbosa de. *Blade Runner e O Caçador de Androides: as narrativas da (pós) humanidade no gênero da ficção científica*, 2014, 116 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidades), Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2014.

SPASIĆ, Dušan. *Eugenics and Transhumanism in Isaac Asimov's Robot Series and Nancy Kress' Novel Beggars in Spain*, 2013, 87 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia), University of Niš, Niš, 2013.

TADEU, Tomaz. Nós, ciborgues: O corpo elétrico e a dissolução do humano. In: TADEU, T (Org.); HARAWAY, D.; KUNZRU, H. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 7 – 16.

TCHAPEK, Karel. *A Fábrica de Robôs*. São Paulo: Hedra Educação, 2012, 144p. Tradução: Vera Machac.

TRINCA, Tatiane. *O corpo-imagem na "cultura do consumo": uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado*, 2008, 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

VAZ, Paulo. Consumo e risco: mídia e experiência do corpo na atualidade. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo* (São Paulo), São Paulo, v. 3, n.6, p. 37-62, 2006.

VIEIRA, Fatima. The concept of utopia. In: CLAEYES, Gregory (Ed.). *The Cambridge companion to Utopian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 03 – 27.

VILAÇA, Murilo Mariano; DIAS, Maria Clara Marques. Transumanismo e o futuro (pós) humano. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 24 [2], p. 341-362, 2014.

WINTERSON, Jeanette. *Deuses de Pedra*. Rio de Janeiro: Record, 2012, 288p. Tradução: Sérgio Duarte.